UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO

RUDIMAR DA ROCHA LYRA REBELLO

HIP HOP: O ENSINO DAS RUAS

GUARAPUAVA, PR
2018

RUDIMAR DA ROCHA LYRA REBELLO

HIP HOP: O ENSINO DAS RUAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação. Linha de pesquisa: Ensino, Cultura e Diversidade Orientador: Prof. Dr. Jefferson Olivatto da Silva.

GUARAPUAVA, PR
2018

Catalogação na Publicação
Biblioteca Central da Unicentro, Campus Santa Cruz

R291h

Rebello, Rudimar da Rocha Lyra
Hip hop: o ensino das ruas / Rudimar da Rocha Lyra Rebello. – – Guarapuava, 2018.
xvi, 165 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Educação. Linha de Pesquisa: Ensino, Cultura e Diversidade, 2018

Orientador: Jefferson Olivatto da Silva
Banca examinadora: Jefferson Olivatto da Silva, Angela Maria de Souza, Clayton Luiz da Silva

Bibliografia

1. Educação. 2. Hip Hop. 3. Empoderamento. 4. Posse. 5. Militância. 6. Comunidade de aprendizagem. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Educação.

CDD 370.19

RUDIMAR DA ROCHA LYRA REBELLO

HIP HOP: O ENSINO DAS RUAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Banca Examinadora em __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Jefferson Olivatto da Silva - UNICENTRO

_____

Prof.ª Dr.ª Angela Maria de Souza - UNILA

_____

Prof. Dr. Clayton Luiz da Silva – UNICENTRO

Em especial para minha esposa Lyra e meus filhos Eduardo (Dudu) e Julia (Juju). Tudo por vocês!

Agradecimentos

Inicio esses agradecimentos que com muita dificuldade de lembranças busco na memória. Isso por que realmente tenho um sério problema com ela. O esquecimento faz com que não por descuido ou que não tenha importância, mas por dificuldade eu esqueça detalhes, fatos e até mesmo pessoas importantes que colaboraram em minha vida e me trouxeram até aqui.

Agradeço minha esposa Lyra por me ajudar e contribuir de forma significativa com esse trabalho, e mais ainda por me aturar diariamente. Obrigado por ser essa esposa maravilhosa e mãe dedicada para nossos filhos Eduardo e Julia. Sem os seus esforços esse trabalho não teria sido realizado.

Agradeço ao meu pai que insistiu para que eu fizesse uma graduação, sugeriu Geografia. Segundo ele, poderia ser qualquer curso desde que eu fizesse uma faculdade. De primeiro momento eu disse que não faria por não ser o que eu queria. Bom, me tornei licenciado em Geografia. Acertou em cheio senhor Gilmar.

Minha mãe, dona Vânia, que inúmeras vezes cuidou do Dudu e da Juju para que eu e a Lyra pudéssemos fazer nossos trabalhos acadêmicos. Sem tamanha colaboração, tenho certeza que a dificuldade teria sido ainda maior para concluir esse trabalho.

Agradeço aos pais da minha esposa, senhor Severino e dona Jacinta. Obrigado por nos ajudarem de diversas formas e serem incentivadores da nossa família.

Agradecer os professores da banca, meu orientador Dr. Jefferson Olivatto da Silva pela amizade e pela oportunidade que me proporcionou em participar do NEAA (Núcleo de Estudos Ameríndios e Africanos) e descobrir um pouco mais sobre o *Hip Hop* na cidade de Guarapuava.

Ao Dr. Clayton Silva que foi meu orientador no TCC durante minha graduação em Geografia, um cara parceiro que me animou em todos os momentos com seu entusiasmo e, além disso, me proporcionou coordenar um Grupo de Trabalho na V SIEPE na UNICENTRO, sem falar do show de *RAP* no auditório Contini que nos proporcionou realmente levar a diversidade para a universidade, sem falar nos sentimentos que esse evento nos trouxe após seu término.

A Dra. Angela Souza, essa pessoa que passa força mesmo eu a acompanhando somente por redes sociais, só tenho que dizer obrigado por aceitar contribuir nesse trabalho.

Obrigado à todos (as) que participaram das reuniões, dos eventos, enfim de certa forma de todo essa pesquisa. Agradeço aos militantes e/ou adeptos do *Hip Hop* da cidade de Guarapuava, por contribuírem com essa cultura local que tem permanecido por vezes no coletivo, por vezes fragmentadas, mas que se mantém aproximadamente há vinte e cinco anos nessa resistência.

Favela vive no coração de cada morador
Na lembrança de cada vida que a guerra levou. Somos a tribo perdida, trazida de longe Somos filhos da lama, Brasil que a mídia esconde. Nos entopem de pólvora, coca, esgoto a céu aberto. E quilombos de madeirite e concreto. O futuro chegou e ainda usamos corrente. Escravizados através do tráfico de entorpecente. Nos empurram todo dia goela a abaixo. Ódio, medo, desespero e incentivo à violência. Dizem que somos bandidos. Mas quem mata usa farda e exala despreparo e truculência. Cada beco da cidade guarda um pouco da guerra. Com projéteis que acerta, com projéteis que erra. Parece cocaína, mas é só tristeza. Ódio nos olhos de quem só conheceu pobreza.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Terceiro dia da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, oficina de Grafite 24
Figura 2: Oficina de RAP 25
Figura 3: I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, oficina de *DJ* 26
Figura 4: I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, oficina de *Grafite* .. 27
Figura 5: Mostra de *Breakdance* 27
Figura 6: Encarte CD Uk-Pela 42
Figura 7: Convite do primeiro evento de *Hip Hop* da cidade de Guarapuava-Pr 52
Figura 8: Primeiro panfleto de divulgação do Sintonia *Hip Hop* em rádio na cidade de Guarapuava-Pr. 53
Figura 9: Folder de divulgação do primeiro evento reunindo os quatro elementos do *Hip Hop* em Guarapuava-Pr. 55
Figura 10: Folder de divulgação do segundo evento reunindo os quatro elementos do *Hip Hop* em Guarapuava-Pr. 55
Figura 11: Folders de divulgação dos eventos de *Hip Hop* que ocorreram através do programa Sintonia *Hip Hop*. 56
Figura 12: Evento Os Elementos local Parque do Lago 57
Figura 13: Evento Os Elementos local Parque do Lago 57
Figura 14: Evento Os Elementos local Parque do Lago 58
Figura 15: Palestra *Hip Hop* Colégio Cristo Rei 2004 58
Figura 16: Palestra *Hip Hop* Colégio Cristo Rei 2004 59
Figura 17: Material campanha 2008 59
Figura 18: Post virtual de divulgação do Sintonia *Hip Hop* Rádio Cacique 60
Figura 19: Post virtual de divulgação do Sintonia *Hip Hop* Rádio 92 FM 60
Figura 20: Panfleto campanha 2012 61
Figura 21: Post virtual divulgação do Sintonia *Hip Hop* na Rádio UNICENTRO FM 61
Figura 22: material campanha 2016. 62
Figura 23: Mapa 1 Grupos de *RAP* por Bairro na cidade de Guarapuava-Pr. 67
Figura 24: Mapa 2 *DJ*'s por Bairro na cidade de Guarapuava-Pr. 67
Figura 25: Mapa 3 Grupos de Grafite por Bairro na cidade de Guarapuava-Pr 70

Figura 26: Mapa 4 Grupos de Break por Bairro na cidade de Guarapuava-Pr 71
Figura 27: Matéria referente à chacina 73
Figura 28: Marcas de arrombamento 73
Figura 29: Primeira reunião com os militantes do *Hip Hop* 74
Figura 30: *50 Cent* e *Eminem* 76
Figura 31: Eminem e 50 Cent 76
Figura 32: Racionais MC's 77
Figura 33: Racionais MC's 77
Figura 34: Thiagão 78
Figura 35: Thiagão 78
Figura 36: Segunda reunião com os militantes do *Hip Hop* 86
Figura 37: Cartaz de divulgação da I Semana da Cultura *Hip Hop* 91
Figura 38: Primeiro dia da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, mostra de *RAP* e *DJ* 92
Figura 39: Primeiro dia da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, mostra de *RAP* e *DJ*. Rapper NZumba 93
Figura 40: *Grafite* na I Semana da Cultura *Hip Hop* na Unicentro 94
Figura 41: Exposição *Grafite* I Semana da Cultura *Hip Hop* na Unicentro 94
Figura 42: Segundo dia da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, mostra de *Break* e *Grafite* 95
Figura 43: Panfleto de divulgação da oficina de Grafite 95
Figura 44: Encerramento da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO 97
Figura 45: Show de *RAP* na Praça dia da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO. 97
Figura 46: Panfleto de divulgação dos eventos itinerantes em parques da cidade 100
Figura 47: Evento Sintonia *Hip Hop* 101
Figura 48: Sintonia *Hip Hop* no Parque 102
Figura 49: Cartaz Evento V SIEPE 2017 104
Figura 50: Foto do GT Direitos Humanos, Culturas Urbanas e *Hip Hop* 105

RESUMO

Esta dissertação intitulada *Hip Hop*: o ensino das ruas fomentou ações com os militantes do movimento *Hip Hop* de Guarapuava a fim de promover atuações de empoderamento comunitário dentro e a partir da realidade dos participantes. Para o suporte teórico metodológico foram utilizados: Cultura e Identidade (MELUCCI, 2001; GEERTZ, 1989), Antropologia (GOLDMAN, 2006 NECKEL, 2017, OLIVEIRA 2013, SOUZA 2009 e FELIX 2004) Etnografia (TOSTA, 2005) e Comunidade de Aprendizagem (GABASSA, 2009), entre outros (as). Foram desenvolvidos quatro momentos de atuação juntos aos integrantes do Movimento Hip Hop: primeiro momento houve as reuniões abertas para os militantes do Hip Hop, que serviram para que os militantes do *Hip Hop* local pudessem fazer uso dos espaços da Universidade Estadual do Centro-Oeste UNICENTRO e ao mesmo tempo explanarem sobre sua participação no *Hip Hop* de Guarapuava. O segundo momento foi composto por eventos itinerantes que proporcionaram a apresentação dos quatro elementos do *Hip Hop* para um público além dos participantes da pesquisa, também nesse momento foi possível apresentar mais sobre a Cultura *Hip Hop* tentando assim desconstruir preconceitos referentes a essa cultura tanto no parque central da cidade quanto nos bairros periféricos. No terceiro momento foi realizado a I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, essa contou com shows de *RAP*, Grafite, *Breakdance* e oficinas ministradas pelos integrantes do *Hip Hop* local. Esse evento foi o primeiro que ocorreu na Universidade nessa proporção, pois trouxe o saber prévio dessa cultura urbana, oportunizando a ocupação desse espaço pelos militantes do *Hip Hop* local podendo também fazer com que a comunidade acadêmica conhecesse mais desse movimento. O quarto e último momento contaram com a participação dos militantes do *Hip Hop* na V Semana de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão-SIEPE da UNICENTRO, esse evento contou com um Grupo de Trabalho de Cultura Urbana e Direitos Humanos assim como show de *RAP* no auditório Francisco Contini. Ao final desse estudo pôde-se observar que as iniciativas do movimento *Hip Hop* podem ser configuradas dentro da definição de posses, porém esse movimento em Guarapuava atua de forma fragmentada e sua resistência para que isso ocorra se dá em diversos fatores que se apresentam no decorrer desse trabalho. A atuação dos militantes tem conformidade com as características da comunidade de aprendizagem, pois pode contribuir na construção da identidade e ações em comunidade voltada para uma conscientização política e de empoderamento.

Palavras-chave: *Hip Hop*. Empoderamento. Posse. Militância. Comunidade de Aprendizagem.

ABSTRACT

This dissertation entitled Hip Hop: Street teaching fostered actions with activists of the Guarapuava Hip Hop movement to promote community empowerment actions within and from the reality of the participants. For the theoretical methodological support, we used: Culture and Identity (MELUCCI, 2001; GEERTZ, 1989), Anthropology (GOLDMAN, 2006 NECKEL, 2017, OLIVEIRA 2013, SOUZA 2009 and FELIX 2004) Ethnography (TOSTA, 2005) and Learning Community GABASSA, 2009), among others. Four moments of action were developed together with members of the Hip Hop Movement: the first time there were meetings open to the Hip Hop militants, who served to make the local Hip Hop militants able to make use of the spaces of the State University of the Central-West UNICENTRO and at the same time explain about their participation in the Hip Hop of Guarapuava. The second moment was composed of itinerant events that provided the presentation of the four elements of Hip Hop to an audience beyond the participants of the research, also at that time it was possible to present more about the Hip Hop Culture trying to deconstruct prejudices regarding this culture both in the park center of the city and in the peripheral districts. In the third moment was held the First Week of Hip Hop Culture at UNICENTRO, that counted with shows of RAP, Graffiti, Breakdance and workshops given by members of the local Hip Hop. This event was the first that occurred in the University in this proportion, because it brought the prior knowledge of this urban culture, allowing the occupation of this space by the local Hip Hop militants, and it also allowed the academic community to know more about this movement. The fourth and final moment included the participation of Hip Hop activists in the Fifth Week of Integration Education, Research and Extension-SIEPE of UNICENTRO, this event had a Working Group on Urban Culture and Human Rights as well as RAP show in the auditorium Francisco Contini. At the end of this study it was observed that the initiatives of the Hip Hop movement can be configured within the definition of possessions, but this movement in Guarapuava acts in a fragmented way and its resistance to this occurs in several factors that occur in the course of this work. The activities of the militants conform to the characteristics of the learning community, since they can contribute to the construction of identity and actions in a community focused on political awareness and empowerment.

Keywords: *Hip Hop*. Empowerment. Possession. Militancy. Learning Community.

Sumário

1. Introdução 14
2. Metodologia 18
2.1 Reuniões 20
2.2 Eventos itinerantes 21
2.3 As oficinas dentro da I Semana da Cultura *Hip Hop* 23
3. Enquadramento teórico 28
3.1 *Hip Hop* e suas potencialidades na implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 28
3.2 Cultura, Etnografia e Comunidades de Aprendizagem 32
3.3 Empoderamento: conscientização e emancipação social 36
4. História do *Hip Hop* e Contextualização com o Universo da Pesquisa . 38
4.1 História do *Hip Hop* 38
4.2 Os Elementos 46
4.3 Minha trajetória no *Hip Hop* 50
5. Conhecendo Guarapuava-Pr: Onde Estão os Manos e Minas? 62
6. Resultados e Discussão 74
6.1 Reuniões 74
6.2 I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO 91
6.3 Eventos Itinerantes 98
6.4 V SIEPE 103
7. Considerações Finais 106
8. Referências 108
9. Anexos 112
Reunião na Íntegra 112
Letras de RAP 159

1. Introdução

O *Hip Hop* é uma forma de manifestação cultural de determinado grupo que se configura em quatro elementos: *DJ*, *MC*, *Breakdance* e *Grafite*. Essa manifestação cultural, artística é configurada como movimento ou posse quando os participantes têm sua ação individual interligada conjuntamente com os outros elementos. Uma construção coletiva para valorização de identidades, de conquista social, política e de ocupação de espaços. O movimento *Hip Hop* apresenta tudo isso a partir da sua arte que vem da música, do discursos/poesia, da dança e das artes visuais. Essa é uma manifestação cultural e artística híbrida, contemporânea, que é reflexo dos dias atuais.

O Brasil enfrenta numerosos problemas relacionados com a diversidade étnico-racial e à discriminação dos negros. Os problemas enfrentados tais como racismo, repressão, desigualdades sociais, principalmente na cidade de Guarapuava-Pr são visíveis, haja vista que adeptos da Cultura *Hip Hop* são chamados de manos, maloqueiros, carçudos ou os de aba reta se referindo aos bonés; sentir e observar o preconceito sobre os adeptos dessa cultura serviu de alimento à resistência e para o desenvolvimento e continuidade desta pesquisa. O estudo foi proposto para ser uma forma de ampliar as discussões sobre esses temas dentro do grupo de participantes da Cultura *Hip Hop* da cidade de Guarapuava-Pr, e, uma tentativa de fomentar a atuação destes como movimento, valorizando a Cultura *Hip Hop* dentro da sociedade, podendo propiciar seu reconhecimento e uma educação que atue na desconstrução de preconceitos além de tentar oportunizar a participação deles nas reuniões e iniciativas que discutem as questões raciais no âmbito universitário.

A Cultura *Hip Hop* tem uma importância muito grande em minha trajetória como pessoa. Foi a partir dele que eu, outrora garoto da periferia e militante, pude passar de pesquisado a pesquisador e pretendo com esse estudo, acrescentar informações para auxiliar a compreensão do movimento *Hip Hop* na cidade de Guarapuava-Pr.

Desde meu inicio como militante da Cultura *Hip Hop* desde 1999 articulo ações em prol da unificação do movimento *Hip Hop* como movimento na cidade de Guarapuava-Pr. Essa atuação foi descrita na pesquisa de Silva e Turra Netto (2007). Nessa época eu não conhecia a totalidade da relação existente entre a importância da militância e o trabalho que eu desenvolvia.

Por ocasião daquela pesquisa, e pela oportunidade que o pesquisador me proporcionou é que ingressei nos estudos acadêmicos que culminaram na apresentação da presente pesquisa que descreve mais uma tentativa de integrar os participantes do movimento *Hip Hop* para que atuassem como forma de movimento ou posse e assim pudessem ganhar força em ações sociais e políticas, fomentando experiências e desenvolvendo oportunidades de empoderamento que segundo Joice Berth se trata de um instrumento de luta social que nasce com uma conscientização profunda de quem somos, compreendendo como os problemas da sociedade influenciam em nossa vida, e até que ponto absorvemos esses problemas. É um questionamento das relações do mundo onde a gente vive e não pode haver uma dissociação entre o empoderamento coletivo e individual. É uma relação simbiótica, e quando falamos em poder e ações coletivas para empoderamento Hannah Arendt traz a ideia do poder a partir da ação coletiva e isso reforça nosso entendimento enquanto a necessidade do trabalho com o movimento *Hip Hop* em Guarapuava na coletividade buscando com que seja possível conseguir respeito e valorização dos militantes dessa cultura urbana.

Essa pesquisa foi pensada primeiramente em três momentos distintos. O primeiro momento foi composto de reuniões com o objetivo de empoderar os adeptos da Cultura *Hip Hop*, após, elas foram planejados eventos itinerantes e a I Semana da Cultura *Hip Hop* da Universidade Estadual do Centro-Oeste UNICENTRO. Traçado esses caminhos pôde-se caracterizar as dificuldades de integração dos participantes enquanto movimento *e* apresentar algumas características que o compõe. Posteriormente e pela influência do desenvolvimento dessa pesquisa, surgiu o convite para participar na V Semana de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão-SIEPE da UNICENTRO, que foi incluída como quarto momento dessa pesquisa.

Ela buscou identificar no movimento *Hip Hop* de Guarapuava-Pr semelhanças com o conceito de Comunidade de Aprendizagem tendo como base minha vivência. É a partir daí que constatei a relevância do ensino não formal, afinal, temas como preconceito, discriminação, segregação socioespacial, racismo, violência, os conflitos urbanos e o uso dos espaços da cidade, são temáticas presentes no universo das pessoas envolvidas no movimento *Hip Hop*.

Nas reuniões, o objetivo era trazer um grande número de adeptos do movimento

Hip Hop, para que eles pudessem utilizar do espaço da UNICENTRO, dando oportunidade à ocupação do espaço público de ensino e oportunizando para que ganhassem visibilidade. Com essas reuniões esperava-se que eles se reconhecessem como militantes ou participantes de um movimento negro, que surge ainda de forma precária e clandestina no Brasil, durante o período escravagista e que trabalha com formas de resistência, podendo assim também discutir maneiras de atuação coletiva do movimento *Hip Hop*. Assim os participantes poderiam se empoderar e fazer uso dos materiais disponíveis nas reuniões e também nos encontros do NEAA – NÚCLEO DE ESTUDOS AMERÍNDIOS E AFRICANOS da UNICENTRO.

Ao longo do nosso estudo buscamos trabalhar baseado na antropologia cujos objetos são a investigação e identificação fazendo o registro dos sujeitos sociais. Buscamos também, dialogar com outros conceitos importantes como: Cultura e Identidade (MELUCCI, 2001; GEERTZ, 1989), Antropologia (GOLDMAN, 2006 NECKEL, 2017, OLIVEIRA 2013, SOUZA 2009 e FELIX 2004) Etnografia (TOSTA, 2005) e Comunidade de Aprendizagem (GABASSA, 2009). Esses conceitos deram suporte para uma a compreensão de como a Cultura *Hip Hop* se apresenta na cidade de Guarapuava-Pr e sobre como esse produz conhecimento, quais suas características e quais são as atuações que os militantes possuem, identificando sua potencialidade a ser explorada no âmbito educacional.

Justifica-se, portanto, buscar fomentar a valorização dos participantes do movimento *Hip Hop* em Guarapuava-Pr e seus saberes e, no que concerne a aspectos relacionados a essa cultura, também contribuir para a produção científica do país.

Refletir sobre essas questões credita importância para a educação brasileira, principalmente em tempos em que se discute a diversidade cultural, em meio à tensão de um diálogo necessário da cultura escolar e as diversas possibilidades culturais que nos trazem educandos (as) e educadores (as) para dentro da escola. Uma vez que incentivar os participantes do movimento *Hip Hop* no estudo da história e cultura afro-brasileira apresentando a Lei 10.639, que em 2003 alterou a LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira sendo novamente modificada no ano de 2008 pela Lei 11.645, que alterou

novamente a LDB para incluir no currículo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura dos povos indígenas. Neckel (2017) denuncia a exclusão que as temáticas das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas sofrem dentro do sistema educacional brasileiro, haja vista que muitos indígenas encontraram na Cultura *Hip Hop* formas de se expressarem e se fazerem ouvir com a liberdade da arte, sendo assim, necessária a compreensão que se pode trabalhar com os elementos desse movimento na desconstrução de formas de preconceito e racismo.

Conhecer melhor os grupos de militância da cidade, tal como será apresentado no decorrer desse trabalho, pode-lhes dar mais visibilidade e elucidar propostas posteriores que unam os conhecimentos e as atuações com os militantes com propostas didáticas e/ou metodológicas que incorporem as leis 10.639 e 11.645 no ensino formal.

2. Metodologia

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito da antropologia tratando-se de uma pesquisa etnográfica. O objetivo geral dessa pesquisa sempre esteve centrado em empoderar os militantes e poder relacionar o ensino não-formal com as características da pesquisa antropológica. Diante desse objetivo, no transcorrer da pesquisa buscou-se realizar a interação entre os militantes a partir das reuniões e eventos, a fim de potencializar possíveis ações em conjunto.

Empoderamento será representado em conformidade com os trabalhos de Silva e Chagas (2016) e Baquero (2012) e Romano (2002) na aplicação do conceito como forma de autonomia social e, sem perder a referência da complexidade do empowerment abordado por Freire e Shor (1987). Sendo assim, as grafias "*empowerment*" e empoderamento serão utilizadas para representar a complexidade do termo utilizado na educação e a aplicação dele nas relações sociais respectivamente.

Alcançar a autonomia e a emancipação por meio de um exercício permanente do poder, sendo ele uma atuação individual ou coletiva e de os indivíduos se diporem a se empoderarem, essa atuação coloca as pessoas – principalmente as desempoderadas – no centro do processo de empoderamento. Desenvolver "as capacidades manual, intelectiva, crítica, criativa, comunicativa, humana, afetiva, de expressão e manifestação dos sentimentos, anseios e inquietações" para que tornem-se ativos críticos dentro de sua atuação social (SILVA E CHAGAS, 2016).

> Através do empoderamento se busca conscientemente quebrar, eliminar as relações de dominação que sustentam a pobreza e a tirania, ambas fontes de privação das liberdades substantivas. Com o empoderamento se procura combater a ordem naturalizada ou institucionalizada dessa dominação (seja ela pessoal, grupal, nacional, internacional; seja ela econômica, política, cultural ou social) para construir relações e ordens mais justas e equitativas. O empoderamento implica em tomar partido (ou relembrando a antiga palavra de ordem: compromisso) pelos pobres e oprimidos e em estar preparado para lidar quase todo o tempo com conflitos (ROMANO, 2002 p.22).

A antropologia vem de encontro com o conceito de empoderamento. Segundo Goldman (2006) ela é destinada pela razão ocidental a pensar a diferença, assim sendo ela é parte da razão ocidental para controlar e excluir a diferença, ainda assim, o fato de dedicar-se à diferença e a antropologia sempre foi capaz de valorizar essa diferença.

A antropologia no campo educacional brasileiro se concentra nos contextos culturais educativos, efeitos sobre as diferenças étnicas, culturais e raciais, compreensão de culturas, identidades entre outros (NECKEL, 2017). O estudo da antropologia surgiu do conceito de cultura, conforme Geertz, (1989), razão pela qual, o estudo da cultura *Hip Hop* será pautado nessa área.

Em geral os estudos antropológicos no Brasil estão mais ligados ao campo educacional do que ao campo da antropologia propriamente dito (OLIVEIRA, 2013).

A presente pesquisa foi planejada e ocorreu como já mencionada, em três momentos distintos, posteriormente um quarto momento foi adicionado por ter ocorrido por influência desse trabalho, e analisada com base nos registros das atuações dos militantes durante esse processo e na experiência adquirida como militante e um dos pioneiros na propagação da cultura *Hip Hop* na cidade.

Foram incluídos também, trechos dos *RAP's* produzidos pelos militantes no decorrer do desenvolvimento da história do movimento *Hip Hop* em Guarapuava-Pr, acredita-se que o registro presente nessas músicas é valioso como registro antropológico dessa cultura, uma vez que as letras trazem a forma com que os militantes veem sua condição, quais os problemas que enfrentaram e quais as condições em que esses militantes se veem dentro do contexto social.

No primeiro momento ocorreram as reuniões abertas com militantes e simpatizantes da cultura *Hip Hop* dentro do espaço da UNICENTRO. O segundo momento consistiu em organizar eventos itinerantes com o objetivo de engajar os militantes e, por fim, a realização de um evento acadêmico envolvendo os militantes a partir da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO. Esse terceiro momento teve como objetivo principal envolver os militantes e seus conhecimentos como atuantes ativos dentro do espaço da universidade oportunizando-os a passar seus conhecimentos assumindo o papel de ministrantes das oficinas. Do desenvolvimento da I Semana da Cultura Hip Hop, surgiu o convite para um GT (grupo de trabalho) dentro da V SIEPE, no ano de 2017 e a realização de um show de RAP dentro do auditório da UNICENTRO, esses dois eventos foram incorporados como quarto momento da pesquisa e foram incluídos na análise por tratarem de uma oportunidade de extrema importância que o presente estudo proporcionou aos militantes.

Esses momentos foram analisados a partir dos registros das características do grupo que se identifica como militantes da cultura *Hip Hop*, considerando que é a partir da observação que o antropólogo interpreta os dados para compreender como a realidade dos indivíduos acontece (TOSTA, 2005). Para a apresentação das falas dos militantes durante as reuniões e para manter o anonimato dos participantes eles foram identificados no texto como E1, E2... E9.

Os eventos itinerantes foram abordados dentro da primeira reunião aberta e o passo a passo para a realização desses eventos foi explanada como forma de conscientização dos militantes de como eles devem proceder, caso desejem organizar eventos abertos por conta própria. Os passos que foram apresentados na reunião são transcritos na sequência:

2.1 Reuniões

Os convites para participar da pesquisa eram abertos e totalmente abrangentes. Eles se tratavam, primeiramente de convites para participar de reuniões específicas sobre o movimento *Hip Hop* em Guarapuava-Pr e, posteriormente para participar no Núcleo de Estudos Ameríndios e Africanos da UNICENTRO (NEAA) – Santa Cruz, com o intuito de agregar nos militantes do *Hip Hop* iniciativas de estudos sobre a resistência do movimento negro, sua ascendência negra e ter conhecimento sobre as Leis 10.639/03 e 11.645/08. Também se tinha como objetivo fazer com que os participantes do *Hip Hop* da cidade fizessem uso dos espaços da Universidade e reconhecessem esse uso como seu direito, além de oportunizá-los a contemplar obras e autores que discutem esse tema, podendo assim aprofundar seus conhecimentos a partir desses materiais, e, possivelmente desenvolver interesse pela leitura acadêmica, motivando o senso de criticidade e trazendo eles para o reconhecimento enquanto pessoa transformadora política e social.

Os primeiros convites foram feitos por meio de mensagens em um grupo criado pela ferramenta de mensagens *Whatsapp* sendo nele colocado o nome do programa Sintonia *Hip Hop*, também pelo aplicativo *Messenger* ferramenta do *Facebook n*o dia 10 de setembro de 2015, para inicialmente definirmos um dia da semana que ficasse bom para todos poderem participar. Os chamados também aconteceram no programa Sintonia *Hip Hop* apresentado na Rádio UNICENTRO FM

99,7. O convite apresentava claramente os objetivos dos encontros e a ampla divulgação era com a intenção de conseguir reunir uma grande quantidade de participantes ou adeptos do movimento *Hip Hop* da cidade e também de outros movimentos sociais. Apesar dos esforços nenhum dos participantes da pesquisa quis conhecer o NEAA, participando apenas das reuniões que envolviam diretamente as ações para a realização dos eventos, dos demais movimentos sociais da cidade tivemos duas atuantes do Movimento Claudia da Silva quais eram estudantes de jornalismo na UNICENTRO e colaboraram para a realização da I Semana de Hip Hop. A primeira reunião ocorreu no dia 25 de setembro de 2015 às 19 horas com mais de 20 participantes, essas reuniões aconteceram no mini auditório da universidade.

Para que essa reunião fosse possível dentro da universidade, tivemos um tramite burocrático, desde a questão de conseguir reservar o mini auditório, pois esse tem que ser por pessoas ligadas a UNICENTRO, a parte boa é que pudemos agendar em nome do NEAA.

Os convites como já citados, oportunizaram uma conversa com pessoas ativas do movimento *Hip Hop,* assim como algumas que há tempo não se faziam presentes em eventos ou mesmo participavam do programa Sintonia *Hip Hop*.

Mesmo o convite para as reuniões sendo na tentativa de um trabalho coletivo, foi observado que antes mesmo das reuniões acontecerem já tínhamos problemas de entendimento em quanto essa união

> Mano eu estava em um grupo que tinha acho eu umas 300 cabeças, mano nós estamos muito alienados mais a grande maioria do meio está completamente cegos manos e manipulados. A rapaziada entrou em um individualismo fudido...

2.2 Eventos itinerantes

Primeiramente pensar o porquê do evento, o local e a data. As burocracias vêm a partir disso, pois o próximo passo são montar os ofícios solicitando o que é necessário para a realização do mesmo, mas é muito importante conter no ofício a descrição do evento, também assinatura do organizador, e-mail e telefone para contato.

Deve ser solicitada a liberação do local na prefeitura nas suas respectivas secretarias, juntamente com pedido de energia, som, cartazes, troféus, medalhas, passagens para jurados, *sprays*, palco e o que mais for necessário (aguardando

posicionamento do órgão conforme as liberações). Esses são procedimentos corriqueiros que foram seguidos em todos os eventos de grande porte que realizei em Guarapuava-Pr.

Também deve ser encaminhado ofício para a Polícia Militar comunicando a realização do evento indicando o local, o horário de início e término, também pedindo a segurança no local. Geralmente atendem ao pedido indo ao local do evento e solicitam uma assinatura por parte dos organizadores em documento que comprova a visita ao local, conforme a solicitação.

Faz-se necessário oficio para a saúde solicitando uma ambulância para o local, caso tenha campeonato de *break* ou *skate* no evento, pensando na saúde e segurança dos participantes e do público.

Precisando parceiros patrocinadores, deve ser feito da mesma forma ofício solicitando a colaboração com doação de brindes ou dinheiro para custeio do evento.

Todos os ofícios devem ser protocolados com no mínimo trinta dias, ou atendendo a solicitação de prazo e cada departamento/secretaria.

O universo dessa pesquisa é consideravelmente maior do que foi apresentado no decorrer desse estudo ou que pode ser representado pela amostra que participou do estudo, porém, o objetivo é descrever os participantes do movimento *Hip Hop*, que demonstraram interesse e se dispuseram a participar das reuniões, eventos e oficinas.

Considera-se que o grupo que formou a amostra dessa pesquisa é um grupo parcialmente homogêneo. Essa parcialidade é descrita pela maioria de participação masculina. Ao longo da pesquisa tivemos contato e participação de indivíduos de alguns bairros e “quebradas” da cidade como Vila Bela, São João, Santa Cruz, Centro, Jardim das Américas, Concórdia, Xarquinho entre outras. O convite para a participação foi aberto e os encontros divulgados por meio de redes sociais, rádio entre outros. Sendo assim adeptos e simpatizantes do movimento *Hip Hop* tiveram a mesma chance de participar das reuniões, eventos e demais momentos em que os membros ativos participaram. Essa ampla divulgação nos restringe a fazer uma descrição detalhada sobre os participantes do estudo uma vez que cada momento da pesquisa contou com grupos distintos de participantes, não sendo possível caracterizar de maneira generalizada os indivíduos que fizeram parte desse estudo.

Essa participação assimétrica pode ser justificada pela constatação do trabalho de Silva e Turra Neto (2007) onde ele caracteriza o movimento *Hip Hop* na cidade de Guarapuava-Pr como uma ação individualizada entre integrantes e seus respectivos elementos. Não havendo, portanto uma unificação dentro da cultura *Hip Hop* é compreensível que os integrantes e/ou adeptos restringiriam sua participação aos momentos que julgaram mais interessantes ou ainda sua própria disponibilidade impossibilitando a descrição detalhada do grupo.

2.3 As oficinas dentro da I Semana da Cultura *Hip Hop*

Esta seção traz uma descrição de como as oficinas aconteceram dentro da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO. Como as oficinas foram efetivadas com a participação dos integrantes, a descrição aqui efetuada não faz referência aos resultados alcançados a partir delas optou-se por descrevê-las nessa seção.

O empoderamento dos militantes do movimento *Hip Hop* e da comunidade se deu por conta das oficinas, nesse evento da I Semana e também nos eventos itinerantes nos parques e praças da cidade. Uma troca de saberes sendo elas embasadas em diferentes conhecimentos e realidades. O Conceito de empoderamento expressam valores da ideia “o homem que se faz por seu próprio esforço pessoal” (BAQUERO, 2005, p. 73 *apud* ROSO e ROMANINI, 2014).

Trabalhar com os elementos da Cultura *Hip Hop* no ensino formal e com a comunidade pode contribuir na construção da identidade de maneira positiva. Considerando o movimento como organização caracterizada pelo comprometimento com a educação não-formal, pois têm explicitamente o objetivo de reunir adolescentes para uma ação em comunidade voltada para uma conscientização política e de empoderamento, para aprendizagem de conteúdos que estão previstos na legislação regente da escola formal (como, por exemplo, o da questão racial Lei 10.639/03 e 11.645/08) e a produção artística e cultural. Nas oficinas que aconteceram na I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO contamos com a participação de mais de 80 pessoas entre as quatro oficinas ofertadas. Tivemos oficineiros do movimento *Hip Hop* de Guarapuava-Pr empoderando a partir de seus saberes prévios sendo na dança, grafite (figura 25), *RAP* e discotecagem. Em contra partida todos os participantes receberiam certificado de participação cedida pela UNICENTRO, qual devido a sua burocracia não aconteceu.

Figura 1: Terceiro dia da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, oficina de Grafite

Fonte: Aline Koslinski

Para a oficina de *RAP* foram disponibilizados livros, revistas, jornais, recortes, com a ideia da reflexão sobre fatos do dia a dia, a partir disso iniciou-se então o trabalho com o elemento *RAP*, abrindo um diálogo com os participantes, podendo assim ocorrer uma troca de saberes. Foram apresentadas letras de músicas as quais puderam ser comparadas com as notícias e textos utilizados na oficina. Também foi feito uma apresentação das Leis 10.639/03 e a 11.645/08 mostrando que é possível trabalhar com as questões o ensino formal juntamente com a cultura de rua. Na oficina foram apresentadas diferentes formas de textos aos participantes, assim podendo estimular à leitura, à escrita e o pensamento crítico. Podendo ele assim ter uma autonomia no livre pensamento, fomentando a sua liberdade de expressão e seu papel como transformador social.

Após as leituras os oficineiros Jeffe do V.P.M. e Vagabundo Nobre solicitaram dos participantes que fossem feitos poesias ou mesmo uma música para que se pudesse entender um pouco da dinâmica dos MC's ao comporem seus *RAP*'s.

Material para trabalho:

Revistas, jornais, livros, entre outros materiais de leitura.

Papel, caneta.

Aparelho de som com pendrive.

Microfone e computador.

Figura 2: Oficina de RAP

Fonte: Próprio Autor, 2015.

Na oficina de *DJ* que eu ministrei, apresentei estilos musicais variados, onde eles conheceram as diferentes batidas, ritmos e também os equipamentos utilizados pelos *DJ*'s em suas performances.

Foi apontado que as bases feitas para o *RAP* se originam dos mais variados estilos musicais, podendo assim ampliar o conhecimento musical dos participantes e conhecer também o que eles gostam de ouvir, pois muitos dos participantes não conheciam a cultura e não eram adeptos do movimento *Hip Hop* de Guarapuava-Pr. Também foram apresentados vídeos aulas com algumas técnicas praticadas pelo *DJ* em suas apresentações como o *scratching, mixing, punch prasing* entre outras. Infelizmente as *pikups* (equipamentos toca vinil) emprestadas pelo Departamento de Arte da UNICENTRO estavam sem agulhas devido a não utilização dos mesmos no curso, esses equipamentos foram adquiridos e utilizados em anos anteriores em um projeto do Sem Fronteiras onde foram ministrados oficinas em alguns colégios da cidade.

Material para trabalho:

Pikups.

Vinil.

Notebook.

CD's, Pendrive.

Computador – programas de *DJ*.

Figura 3: I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, oficina de *DJ*

Foto: Andressa Rodrigues, 2015.

O Grafite ficou por conta do Oliver, Aaron e Snow e foi trabalhado com desenhos variados e de diferentes temáticas, pinturas em revistas, livros e outros tipos de artes visuais. Foi discutidas técnicas e formas, também o que os grafites representam para eles e o que os desenhos tentam expressar para o público em geral.

Foram apresentadas as mais variadas formas e estilos de *grafite*, os traços e grafiteiros renomados. Demonstrando a diferença entre essa forma de arte e a pichação, fomentando assim a criatividade dos participantes e a liberdade para se expressarem.

Após isso os participantes utilizaram das tintas para colorir a parte externa da UNICENTRO deixando seus registros nas paredes, também os oficineiros deixaram suas marcas e puderam colocar em prática o que foi aprendido e aprimorado durante a oficina.

Material utilizado para trabalho:

Papel A4, cartolina.

Lápis, giz de cor e canetinhas.

Spray.

Painel em compensado.

Notebook/Datashow.

Figura 4: I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, oficina de *Grafite*

Fonte: Aline Koslinski Grafiteiro Snow, 2015.

A oficina de dança *breakdance* ficou por conta do Rodriguinho do grupo de dança da UNICENTRO Magia das Ruas e também por conta do Rafael do *Power Nigga'z Crew*. Essa oficina aconteceu no auditório Francisco Contini, campus Santa Cruz da UNICENTRO, onde foi possível desenvolver com os participantes a coordenação motora, motivando a prática do exercício físico ideal para uma boa saúde e ainda trabalhar a importância da arte em forma de expressão corporal. Também foram apresentados os estilos de dança dos *B.Boys* e *B.Girls* não deixando os participantes parados.

Materiais utilizados para a oficina:

Tapete decorflex 3x3. Aparelho de som.

Figura 5: Mostra de *Breakdance*

Fonte: Isa Rocha Magia das Ruas

3. Enquadramento teórico

3.1 *Hip Hop* e suas potencialidades na implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08

Os brasileiros afrodescendentes, desde a socialização primária que é a família responsável pela estruturação da vida psíquica da criança, são submetidos a ideologias que os induzem a repudiar, diariamente, sua negritude, elegendo um modo *branco* de ser e viver (FERREIRA E CAMARGO, 2011).

A ideia de desenvolver um trabalho com esse grupo vem de encontro com a proposta da Lei 10.639/03 que é alterada pela Lei 11.645/08 que oficializa a obrigatoriedade do ensino da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena", essas leis foram uma conquista importante na luta para a erradicação do preconceito e da discriminação racial. Tornar obrigatório o estudo da cultura afro e indígena é dar a oportunidade de se reconhecerem como tal e de valorizar sua cultura. Dessa forma, trabalhar com os adeptos do movimento *Hip Hop* faz com que se vislumbre esse mesmo objetivo tendo como meio de atuação o ensino não formal.

Lessa (2015) discorre sobre a diversidade étnica racial e considera que a Lei 10.639/03, evidencia a necessidade de oportunizar estudos que explanem o conhecimento de diferentes etnias e variadas culturas numa sociedade globalizada, pois a intolerância e o preconceito ultrapassam o âmbito escolar e ocasionam diversos tipos de discriminação, os quais originam conflitos graves e violentos. Assim sendo, oportunizar aos participantes da cultura *Hip Hop* o empoderamento e seu reconhecimento como agentes culturais atuantes, ressalta sua importância e consolida sua prática com uma reflexão filosófica e os direciona ao reconhecimento da importância da coletividade como movimento.

As pessoas negras são, na maioria das vezes, submetidas a um processo de desvalorização constante e tendem a se identificar com uma minoria estigmatizada caracterizadas sob rótulos de inferioridade e fazem parte da parcela da população brasileira que talvez mais sofra o efeito da discriminação e do preconceito (FERREIRA E CAMARGO, 2011).

A diversidade étnica racial é necessária ser trabalhada dentro do grupo de participantes, uma vez que as origens do movimento *Hip Hop* e as manifestações de cada um dos elementos é de extrema importância na luta do reconhecimento da

cultura afro. Os espaços ocupados pelos jovens que constituem o movimento *Hip Hop* brasileiro ajudam a construir outra visão sobre esses participantes, considero-os como protagonistas de ações propositivas que contribuam para soluções dos problemas da sociedade ou para transformação da ordem social (MAGRO, 2002). O processo educativo não formal e informal que acontece nesse movimento ocorre pela criação de novos espaços e modos de existir potencializando o reconhecimento de ser negro na sociedade brasileira (MAGRO, 2002).

O movimento *Hip Hop*, segundo Magro (2002) surge para combater os confrontos que ocorriam entre jovens de gangues das periferias de grandes centros urbanos, esse movimento ofereceu ao espaço dos bairros, ruas, esquinas, escolas, processos de identificação e formação para adolescentes, esses encontraram definições de resistência à ideologia dominante, discriminadora e mercadológica, que constitui a indústria cultural e seus símbolos.

Apesar das posses não serem definidas como elementos do *Hip Hop* elas são as responsáveis pela união dos quatro elementos e pela criação do movimento (FELIX, 2004).

Magro (2002) considera as Posses do movimento *Hip Hop* organizações comprometidas com a educação não formal, pois têm como objetivo reunir adolescentes da periferia para ações coletivas voltadas para uma conscientização política e cidadã, a aprendizagem de conteúdos que não são discutidos com profundidade na escola formal (como por exemplo, o da questão racial e origem étnica do povo brasileiro) e para a produção artística e cultural. O mesmo autor ainda apresenta que o conhecimento nas posses é gerado pela vivência dos participantes, em trabalho coletivo fomentando o aprendizado. O aprendizado não é algo com tempo determinado ela acontece respeitando as diferenças para a reelaboração dos conteúdos. O aprendizado se dá pela comunicação oral sendo carregada de representações e tradições culturais, com muita emoção, pensamentos e desejos. As posses são então espaços para criar e recriar exercícios plenos de cidadania.

Segundo Felix (2004) posses assim como o *RAP* não são elementos do *Hip Hop*, mas elas apresentam discussões políticas de interesse da cultura. Uma posse pode ser reconhecida como um conjunto de pessoas comprometidas com um ou mais elementos do *Hip Hop* ou apenas com o compromisso de divulgar os ideais do

movimento que são segundo o *Bambaataa* o unificador dos quatro elementos: sabedoria, cultura e aceitação.

As posses atuam nos bairros onde estão organizadas e reivindicam por uma sociedade mais justa centradas em problemas socioeconômicos de sua região. Eles não veem a necessidade da criação de um partido politico para ganhar força em suas reivindicações e acabam militando em partidos que tem como objetivo a tomada de poder. É com a criação das posses que surge o movimento *Hip Hop* antes delas os elementos que hoje conhecemos eram praticados de forma parcialmente isolada, mas tratando todos de ideais da cultura negra (FELIX, 2004).

Comparando a afirmação de Silva e Turra Neto (2007) com a definição de posse citada por Felix (2004) pode-se considerar as ações da OUAR (Organização, Uniação, Atitude e Reação) que foi uma das primeiras tentativas de uma associação que tinha semelhança com iniciativas de uma posse na cidade de Guarapuava-Pr.

As ações afirmativas vêm colocando em prática uma reação antirracista e inclusiva que respeite a diversidade e o pluriculturalismo do Brasil. Essas ações educativas promovem igualdade das relações étnico-raciais, visando práticas que alterem o discurso dominante.

Neckel (2017) apresenta que essas políticas devem avançar além dos discursos e que essa discussão deve alcançar os profissionais da educação, as escolas e as salas de aula. A antropologia da educação vem trabalhando de forma significativa nos estudos relacionados às relações étnico-raciais, voltado ao entendimento dos processos de transmissão do conhecimento e socialização dentro dos espaços educativos institucionais das populações negra e indígena, esses estudos apresentam como estão sendo tratadas as discussões sobre raça e etnia em escolas e universidades no país. Esse mesmo autor fala que a educação e os processos educativos em suas práticas ligadas a instituições formais e formalizadas com estreitas relações com interesses com resultados dos processos sociais, econômicos e políticos. Submetendo-se as premissas filosófico-epistemológicas que predominam em determinado período histórico. Historicamente o modelo de organização dos espaços educativos formais reproduzem estruturas de hierárquicas contextuais com premissas dos construtos socioculturais no tocante a raça, classe e gênero. O que deve predominar nos espaços educativos formais primeiramente e principalmente a partir de reivindicações levantadas e exigidas por grupos e

movimentos sociais de reivindicações. Ações que emanam por parte do estado em relação aos processos educativos devem ser analisadas e compreendidas a partir desse entendimento.

Castells (2013) apresenta que esse processo vem de encontro com o que se conhece por individuação e considera o objetivo pessoal como projeto de determinado indivíduo podendo ser adaptado à ação coletiva e a ideais comuns, criando uma comunidade. Podendo trabalhar a singularidade pessoal e sua relação com a atuação social, tornando necessário esclarecer o que se considera característica pessoal de identidade, e a que ela será ligada ao longo do que se discorre no trabalho.

A identidade será considerada como a capacidade reflexiva de produzir consciência da ação, tal como foi definida por Melucci (2001). A formação de identidades sociais tem sido encarada como um processo de constante transformação. Podemos considerar as identidades como produto da vida social, mesmo que os portadores dessas identidades as sintam como natural. Portanto, o que é fundamental para a construção do sentimento de pertencimento a um grupo racial e de uma identidade racial não são simplesmente fatores físico-biológicos, mas uma dimensão sociopolítica, que tem como ponto de partida o reconhecimento da discriminação não como ato pessoal, mas coletivo.

A questão de identidade, segundo Silva e Silva (2008), vem ocupando um lugar de destaque aceitando o sujeito como unidade primeira social. Esse sujeito que responde por esse modelo é o da estabilidade e da individualidade. Nesta lógica identitária o social é apenas um local no qual se pode construir, a partir do mecanismo de identificação, uma identidade "boa", "normal", "estável"; ou "desviante", "anormal", "patológica", "de risco".

Na bibliografia voltada para o *Hip Hop* o mesmo funcionaria como "espaço de identificação". Trata-se, aparentemente, da tomada da identificação como algo construtivo, que atua no sentido do reforço das potencialidades do sujeito. O autor descreve que nesta abordagem, o movimento *Hip Hop* constituiria um facilitador para que se operasse uma "identificação positiva" dos jovens negros e moradores da periferia.

É o grupo social que dará ao ator social um senso de identidade. Por identidade compreendemos tanto “o entendimento que a pessoa tem acerca de

quem ela é quanto o entendimento que o outro significativo tem sobre ela". Portanto, supomos que a construção da identidade envolve um processo dialógico tanto com os próprios negros quanto com os brasileiros auto definidos como brancos. Assim, essa discussão sobre identidade passa pela necessidade de um correto reconhecimento (TAYLOR *apud* BERNARDINO, 2002).

A cultura *Hip Hop* assume-se historicamente como uma manifestação cultural alternativa das comunidades negra e latina de origem norte-americana que viviam em situações de exclusão social e marginalização econômica. Tal associação, embora persista no presente, não permanece exclusiva nem apresenta contornos lineares (SIMÕES, 2013).

Para Magro (2002) no *Hip Hop* o processo educativo não formal e informal que acontece gira em torno da criação de novos espaços e modos de existir do devir negro na sociedade brasileira. Os novos espaços criados pelos jovens constituem o movimento *Hip Hop* brasileiro e ajudam a desconstruir a ideia que os jovens não são sujeitos atuantes e que seja mais para considerá-los como protagonistas de ações propositivas que contribuam para soluções dos problemas de nossa sociedade ou para transformação da ordem social.

3.2 Cultura, Etnografia e Comunidades de Aprendizagem

Segundo Geertz *apud* Souza (2009) a prática da etnografia consiste em estabelecer relações, transcrever textos, selecionar informantes, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante.

Fazer etnografia, portanto, é dar voz a uma minoria silenciosa; é caminhar em um mundo desconhecido; é abrir caminhos passando das contingências para a autodeterminação, para inclusão na escola, na vida social, no mundo da existência solidária e cidadã. Fazer etnografia é um pouco de doação de ciência, de dedicação e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais (MATTOS, 2011).

"A cultura pode ser definida como sendo o homem amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu assim a cultura sendo essas teias e a sua análise como uma ciência interpretativa, à procura de significados." (GEERTZ, 1989, p. 15 *apud* SOUZA, 2009).

Segundo Gabassa (2009) o acesso à educação deve ser para todas as pessoas, independentemente de seu gênero, classe social ou grupo cultural – entre outras diferenças – se apresenta como instrumento capaz de erradicar desigualdades sociais que provocam exclusão.

As Comunidades de Aprendizagem são uma resposta educativa igualitária para se conseguir uma sociedade da informação para todas as pessoas. Trata-se de uma proposta que está além das teorias de denúncia e que, pelo contrário, procura abrir espaços nos quais se possam construir e reconstruir valores como a solidariedade, o respeito pelos direitos humanos, à igualdade de oportunidades e a luta contra todo e qualquer tipo de discriminação. Em Comunidades de Aprendizagem, entende-se que a aprendizagem ocorre na aula e em tantos outros espaços, incluindo o bairro e todo o entorno que deve ser, portanto, entendido como agente educativo. Supõe que todas as pessoas podem participar plenamente na dinâmica das comunidades, sem que se vejam limitadas por sua condição social, podendo desejar o máximo de possibilidades educativas e culturais para si e para seus familiares, de maneira a permitir que os resultados educativos sejam iguais ou superiores àqueles disponibilizados aos que estão em situação socioeconômica melhor ou diferente (GABASSA, 2009).

A autora entende que a educação deve ser permanente e pensada para além dos muros da escola, numa perspectiva que se deve trabalhar, organizar a família e tantas outras demandas cotidianas. Ressalta ainda, o fato do projeto Comunidades de Aprendizagem se desenvolver mediante uma educação participativa da comunidade em todos os espaços, o que quer dizer que a participação é pensada em prol da eficácia da aprendizagem e não do profissionalismo.

A ideia em Comunidades de Aprendizagem é que se converse entre todas as pessoas (profissionais da escola, estudantes, familiares e pessoas do bairro) quais conteúdos são necessários para o conhecimento das crianças e, portanto, os mesmos devem ser trabalhados em sala de aula ou em outros espaços da escola. Nesse entendimento, outras pessoas, além do professorado, se dispõem a ensinar aquilo que sabem e se responsabilizam, junto com a escola, pela educação dos jovens e das crianças (GABASSA, 2009).

Como a cultura é a preocupação chave da antropologia, visto que essa se originou daquela (GEERTZ, 1989). Dentre suas contribuições, a mais significativa e

relevante para esta pesquisa é o fato de que muitos grupos sociais não eram reconhecidos dentro do ambiente escolar e acadêmico, como é o caso dos integrantes da cultura *Hip Hop*. O reconhecimento da presença de outros grupos identitários historicamente sem poder, sua inserção em ambientes acadêmicos, escolares e sua movimentação em organizações de eventos é um grande passo para seu reconhecimento e vislumbra a possibilidade de reduzir a discriminação sofrida.

A Educação pode fazer uso da Antropologia para decodificar e analisar valores e universos culturais constituintes tanto da escola como das formas de manifestação educacional não formal (MARTINS E MORAIS, 2005).

Neckel (2017) destaca que a pesquisa etnográfica passou a ser considerada no campo educacional a partir da consideração e aplicação de metodologias qualitativas na pesquisa em educação. Após o final dos anos 1970 no Brasil surge o interesse pela pesquisa etnográfica em educação, e a partir desse interesse vem surgindo cada vez mais produções.

O objetivo maior da antropologia deve ser a produção de perspectivas de compreensão sobre o homem, constituída por interpretações heterogêneas e até contraditórias (MARTINS E MORAIS, 2005).

Como uma categoria do pensamento antropológico, a cultura revela a maneira como o campo do conhecimento disciplinar da Antropologia se constituiu historicamente. Ela revela uma concepção teórica sobre organização, estrutura e funcionamento dos sistemas simbólicos e de significados produzidos socialmente e também representa um modo de conhecimento, que garante a coerência e produz sentido para as ações sociais desenvolvidas no âmbito fenomenológico da vida cotidiana (ROCHA e TOSTA, 2009).

Nas últimas décadas, tem-se descoberto na Antropologia o significado do outro: a incompreensibilidade do outro, de um ponto de vista cultural, ou a irreconhecibilidade do outro, de um ponto de vista histórico (MARTINS E MORAIS, 2005).

O conceito de identidade também é importante no trabalho antropológico, é o reconhecimento de que o indivíduo é próprio. É o conjunto de caracteres particulares, que identificam uma pessoa, como nome, data de nascimento, sexo, filiação, impressão digital etc.

Podendo ser a consciência considerada a identidade que uma pessoa tem dela própria, tornando-a diferente das outras. Os traços que constituem a identidade sejam hereditários ou inatos, podem exercer influência sobre a conformação da especificidade de cada indivíduo. Pode-se dizer que uma pessoa “procura a sua identidade”.

A etnografia estuda os costumes, crenças e tradições de uma sociedade ou grupo cultural. Ela é intrínseca à Antropologia Cultural, que estuda os processos da interação social: os conhecimentos, as ideias, técnicas, habilidades, normas de comportamento e hábitos adquiridos na vida social de um povo. Assim, a pesquisa etnográfica tem como foco entender a cultura de comunidades e grupos sociais.

A pesquisa etnográfica baseia-se na observação e levantamento de hipóteses, onde o pesquisador procura descrever o que, na sua interpretação, está ocorrendo no contexto pesquisado. Uma das características da Etnografia é a presença física do pesquisador e a observação *in loco*. Na presente pesquisa foi utilizado o método multifatorial da pesquisa etnográfica, em que mais de uma técnica de coleta de dados é utilizada.

Durante esse trabalho tivemos em uma das reuniões o preconceito com relação ao estilo das vestimentas dos militantes do movimento e isso foi percebido quando ao entrarem na universidade foram barrados pelo segurança da instituição, qual perguntou o que eles estavam fazendo ali, alegando que ela estava sem aulas, mesmo a instituição com vários departamentos funcionando normalmente e nós enquanto NEAA (Núcleo de Estudos Ameríndios e Africanos) estávamos aguardando eles como nossos convidados para a reunião, percebendo assim o preconceito institucional velado, nesse caso explícito, que ocorrem em diversos locais de ensino.

Assim, estudos voltados para as questões do afrodescendente, são relevantes às variáveis étnico-raciais, e podem diminuir o risco de legitimar a discriminação (FERREIRA E CAMARGO, 2011).

A reconstrução pessoal, ainda que seja favorecida pela participação nos grupos de militância, tem ainda sua originalidade na individualidade do ser. Segundo Melucci (2001), os sistemas contemporâneos disponibilizam aos indivíduos recursos que estendem o potencial de individualização, isto é, potencializam a autonomia e a auto-realização: os indivíduos desenvolvem a capacidade de definir e controlar o

que são e o que fazem, por meio da generalização dos processos formativos, da participação política e dos direitos de cidadania.

Mesmo ganhando características, como hoje conhecemos nos Estados Unidos, o *Hip Hop* não pode ser considerado norte americano, mas como resultado de encontros de diferentes populações, por consequência, diferentes culturas, e este aspecto é definidor da percepção que os rappers possuem sobre a construção do que definem como estilo neste Movimento (SOUZA, 2009).

3.3 Empoderamento: conscientização e emancipação social

Ao trabalhar com empoderamento, será considerada sua definição como neologismo que se refere à obtenção, alargamento ou reforço de poder conforme utilizado por Baquero (2012). A autora atribui à origem do termo *emporwerment* à Reforma Protestante e acentua a ligação que ele tem nas lutas pelos direitos civis desde a segunda metade do século XX, nos países desenvolvidos. A década de 1990 é marcada para ela utilização do termo e sua influência em diversas áreas incluindo a antropologia e a Educação.

Freire e Shor (1987) Utilizam emporwement como um termo demasiadamente complexo e que possui as seguintes traduções no âmbito educacional: dar poder a; ativar a potencialidade criativa; desenvolver a potencialidade criativa do sujeito; dinamizar a potencialidade do sujeito (FREIRE, SHOR, 1987).

Considerando a iniciativa de promover eventos que potencializassem o contato dos integrantes do *Hip Hop* entre si, a fim de possibilitar, a partir do diálogo e das atuações conjuntas, a articulação de interesses dos mesmos para que pudessem vislumbrar a melhoria de sua condição como uma exigência do coletivo e não uma atuação individual. Baquero (2012) discorre sobre o empoderamento comunitário como uma forma de articulação de interesses por meio de um processo de capacitação de indivíduos ou grupos de desfavorecidos para buscar articulação desses interesses e com possibilidade de influenciar ações do Estado.

Quando um determinado grupo de indivíduos é considerado desempoderado, ele é definido como receptores das ações externas, numa atitude passiva. Ao afirmar que determinado grupo precisa ser empoderado é o mesmo que considerá-lo incapaz de sua própria ação de poder. Assim sendo do ponto de vista da educação crítica não há como “dar poder às pessoas”, mas atuações podem aumentar as

habilidades e recursos para que os indivíduos possam ganhar poder sobre suas próprias vidas (BAQUERO, 2012).

A definição explorada por Freire e Shor (1987) deixa claro que o *Empowerment* é um conceito ligado à classe social "não é individual nem comunitário, nem meramente social" (FREIRE, SHOR, 1987).

Assim o *empowerment*, é muito mais que um invento individual ou psicológico, é um processo de atuação coletiva que se processa durante a interação entre os indivíduos e envolve, necessariamente, um desequilíbrio nas relações de poder na sociedade (BAQUERO, 2012).

Nessa perspectiva, o empoderamento, como processo e resultado, pode ser concebido como emergindo de um processo de ação social no qual os indivíduos tomam posse de suas próprias vidas pela interação com outros indivíduos, gerando pensamento crítico em relação à realidade, favorecendo a construção da capacidade pessoal e social e possibilitando a transformação de relações sociais de poder (BAQUERO, 2012).

Romano discorre sobre o empoderamento dos pobres como ocorrendo através da conquista plena dos direitos da cidadania. Da capacidade do indivíduo de usar seus recursos culturais, sociais, políticos, econômicos para instrumentalizar sua atuação com responsabilidade na defesa de seus direitos, visando uma influência para com as ações do Estado (ROMANO, 2002).

> Enquanto que o *empowerment* individual não é suficiente no que diz respeito à transformação da sociedade como um todo, é absolutamente necessário para o processo de transformação social (FREIRE, SHOR, 1987 p. 70).

Por fim, o empowerment da classe social envolve as atuações da classe trabalhadora que, através de sua experiência e de sua construção de cultura se empenha em obter poder político. E justifica definir o empowerment como um processo politico das classes dominadas em busca da própria liberdade da dominação que ocorre em um processo histórico longo e no qual a educação é uma das frentes de luta (FREIRE, SHOR, 1987).

4. História do *Hip Hop* e Contextualização com o Universo da Pesquisa

4.1 História do *Hip Hop*

Clive Campbell, *DJ* Jamaicano conhecido como *Kool Herc*, em suas viagens entre o Caribe e a África do Sul conheceu os cantos falados de grupos que se assemelhavam ao reggae e levou essa tradição para os guetos nova-iorquinos sendo que, em Nova Iorque essa expressão cultural emergiu nos guetos entre os anos de 1960 e 1970 (OLIVEIRA, 2013; SOUZA, 2009).

As festas dos Estados Unidos, *sound-systems*, misturavam tradições jamaicanas e africanas (GOMES, 1999). Em Nova Iorque, com maior ênfase nos bairros do *Brooklin* e *Bronx*, regiões que enfrentavam diversos problemas sociais como racismo, tráfico de drogas e violência. Frequentemente os jovens desses bairros compunham gangues e se confrontavam de maneira violenta pelo domínio territorial (SILVA, 2012).

O *DJ Afrika Bambaataa* encontrou na dança uma forma eficiente e pacífica de minimizar as guerras das gangues nos guetos. Ela expressava os sentimentos de revolta e exclusão, diminuindo as brigas de gangues e o clima de violência. Isso destaca desde o início o caráter político e objetivo de promover a conscientização coletiva. (ROCHA *et all*, 2001).

Bambaataa então reinventa as festas e transfere a guerra das gangues para disputas simbólicas na música a partir de rimas, dança e nos desenhos dos muros (GOMES, 1999). Essa participação de *Bambaataa* o faz erroneamente ser associado à origem do *Hip Hop*.

Felix (2005) aponta que desde a década de 1930, identificou associações políticas de negros no Brasil, esses debatiam sua integração à sociedade, divergindo em torno da aceitação ou da recusa das regras da “boa sociedade”. A despeito da diversidade de posições (afirmação da origem africana, por um lado, e sua recusa, em nome da integração, por outro), todas queriam melhorar as condições de vida da população negra. Tratava-se de um debate impregnado pelas ideias hegemônicas da época: da raça como fator de inferioridade ou superioridade social da democracia racial e da miscigenação.

No Brasil, o *Hip Hop* teve início na cidade de São Paulo na década de 1980, manifestando-se primeiramente a partir do break, dançado nos bailes *blacks* e na

Estação São Bento do Metrô, zona central da cidade. Felix (2000) relata que na Estação de Metrô, além do Break, o Grafite também era apresentado - “em painéis de madeira ou de pano” - e alguns escreviam poesias e as apresentavam acompanhados por um *DJ* (FELIX, 2000, p.157). O autor fala ainda sobre a importância dos bailes *blacks* na cidade de São Paulo, que proporcionavam aos frequentadores a criação de uma identidade étnica, encontrando “um espaço social onde podem ter a certeza de que não serão discriminadas, poderão ampliar as suas relações sociais a partir de novas amizades, assim como procurar parceiros afetivos que partilhem de sua concepção de mundo” (FELIX, 2000, p.176).

Nos bailes *blacks* paulistas um novo estilo de musica que era mais falado que cantado e com um fundo de funk começava a fazer sucesso em meio ao polêmico cenário político em que o país se encontrava. O estilo, que ficou conhecido como “tagarela” trazia em suas canções letras que falavam sobre negros, violência policial, racismo, entre outros, mas que não eram compreendidas em seu início por seu ritmo demasiadamente rápido. Obviamente isso não impedia que a música fosse curtida. Com o passar do tempo, as letras começaram a ganhar destaque (FELIX, 2004).

O movimento *Hip Hop* reproduz-se não somente nos bailes e nas rádios, mas desenvolve-se em espaços que fazem parte da vida cotidiana dos jovens de periferia (SPOSITO, 1994). Podemos observar isso na música Na Casinha é Assim que se encontra completa nos anexos.

O mercado absorveu a força de trabalho jovem porque sua remuneração era menor; sendo a maior parte do emprego informal e clandestino, colocando-se nos limites da marginalidade. Os jovens apresentavam ainda dificuldades de conciliar trabalho e escola, muitas vezes, tendo que abandonar os estudos (ABRAMO, 1994).

Os jovens brasileiros se apropriaram dos elementos do *Hip Hop* estadunidense, adaptando-o à realidade das grandes cidades brasileiras. Em relação à introdução do *RAP* no cenário nacional, Gonçalves (2001, p.99) afirma que a indústria cultural possibilitou a aproximação dos jovens de estilos musicais como o funk e soul e com a cultura *black power*. No Brasil a década de 1980 é que o *RAP* foi disseminado enquanto estilo musical. Já na década de 1990 passou a ser preferência não somente de jovens negros e de classe baixa, mas atingindo as classes médias das grandes cidades (SPOSITO, 1994).

O *Hip Hop* no Brasil estrutura-se também em organizações caracterizadas com o comprometimento da formação do jovem a partir de atividades comunitárias, seja shows de grupo de *RAP*, mídia escrita ou convivência promovida na periferia, com intuito de formar uma conscientização política, de cidadania, artística e cultural no jovem de periferia. Os integrantes, militantes da cultura *Hip Hop* que promovem atividades envolvendo conteúdos que não são abordados pela escola formal com a profundidade desejada pelo *Hip Hop* como, por exemplo, a discriminação social e questões raciais.

Sposito (1994) discorre sobre as posses, definindo-as como organizações formadas para incentivar a ação musical dos grupos, e incorporar atividades culturais comunitárias.

Com o lançamento dos Racionais MC's, em LP de 1988, surgiu um *RAP* mais politizado e, consequentemente a politização do próprio movimento no Brasil. A partir daí a cultura *Hip Hop* expandiu-se, até surgir à primeira Posse168, o Sindicato Negro, sediada na Praça Roosevelt (HAAG, 2008; VIANNA, 2002). Conforme relataram Rocha, Domenich, Casseano (2001), essa posse não durou muito. A repressão policial e a confusão generalizada, pela dimensão que tomou (mais de 200 pessoas falando ao mesmo tempo), fizeram com que o espaço da Praça Roosevelt perdesse o sentido, como ponto de agregação do movimento. De volta aos bairros periféricos, os grupos puderam crescer e ganhar legitimidade social e política, dando origem a outras posses, com alcance socioespacial mais localizado.

O processo de reflexão promovido pelos jovens envolvidos com o universo do *Hip Hop* parece buscar uma proposição e superação dos problemas encontrados nas regiões mais pobres, das privações econômicas, culturais e sociais, que envolvem sua reprodução social (SPOSITO; 1994).

A chegada da cultura *Hip Hop* à cidade de Guarapuava-Pr ocorre no final dos anos 1980, início dos anos 1990, quando o *RAP* ficou conhecido entre os jovens das periferias, esses começam a ouvir e a iniciar os primeiros passos do *Hip Hop* na cidade.

Assim como em outras cidades o *RAP* é um estilo musical que tem ocupado espaço significativo na vida do jovem contemporâneo. Esse estilo tem estado presente na escola por meio dos estudantes que o consomem e o produzem (FIALHO; ARALDI; 2009). Os grafiteiros estão sempre mostrando seu trabalho pela

cidade e conquistando espaços, ainda sendo confundidos com pichadores e vencendo dia a dia o preconceito, em alguns momentos são contratados para grafitarem as fachadas das lojas, ou mesmo muros residenciais cedidos para seus trabalhos, os *DJ*'s em algumas oportunidades são contratados para tocar em eventos e festas, na maioria das vezes essas festas são para um público mais elitizado, a dança com os B.Boys e B.Gyrls tem uma maior aceitação e muitos estão abrindo suas empresas de dança de rua e/ou trabalhando em academias especializadas na área.

Silva e Turra Neto (2007) aponta que em Guarapuava-Pr a OUAR, Organização, Uniação, Atitude e Reação que tinha como lema "respeitar as diferenças e construir igualdades" unia novos e velhos integrantes do *Hip Hop* local tendo uma importância com ações que planejavam formas de atuação para a expansão dos ideias do *Hip Hop*.

Em Guarapuava-Pr o *RAP* tinha seus adeptos assim como os *DJ´*s, os dançarinos de Break e os Grafiteiros, todos de forma isolada, espalhados pela cidade. A música foi filtrada pelos jovens com maior facilidade e surge então o primeiro grupo de *RAP* denominado UK-Pela do bairro Jardim Pinheirinho, esse grupo conseguia de certa forma um maior destaque dos demais que surgem na mesma época, que não foram abordados no presente estudo. O Uk-Pela tinha como integrantes jovens de classe baixa que resolvem expressar em suas letras as dificuldades que o bairro enfrentava como ações de violência e preconceito realizadas principalmente por parte da polícia como vemos no trecho que segue

> Deus cria a Rone mata
> é assim que age a polícia na minha quebrada
> sangue bom que não tem a noção
> aqui são dez quarterão destruindo a mente do cidadão
> que cumpre pena sem ter feito nada
> mas mesmo assim foi sem chance foi mandado pra vala.
> As situações são resolvidas com o dedo no gatilho
> queima de arquivo, muitos fingem não ver
> mas Uk-Pela ta aqui pra dizer
> a polícia só existe para nos foder

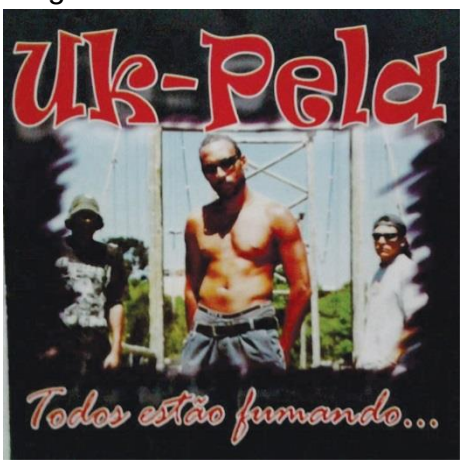
O grupo ampliou seus ouvintes em outros bairros da cidade, num contexto de muita violência, mostrando que as periferias, passam por dificuldades semelhantes. Gravando sua primeira demo em fita de áudio denominada "Reação à Bala". Sua formação inicial deu-se com os irmãos chamados por seus vulgos: Drew, Preto Cyprest e o primeiro *DJ* de *RAP* da cidade *DJ* Guga, também pelos amigos Marcão

e Sandrão entre outros que participaram de algumas faixas do CD como o Vulgo Dust. O UK-Pela, fez shows na cidade se apresentando em vários bairros e eventos de cunho social, aberto e gratuito, também fez shows fechados com valor de bilheteria, onde tinha um público jovem que se identificava com o relato das músicas do grupo.

Os shows do UK-Pela reuniam características semelhantes às festas do início do movimento nos EUA, relatado por Felix (2000). O confronto entre jovens de diferentes bairros era muito frequente e as letras do grupo tiveram papel importante para que esses começassem a compreender que todos passavam pelas mesmas dificuldades relatadas nas músicas.

Assim o grupo de *RAP* UK-Pela tornou-se importante no cenário local, qual gravou um novo trabalho em CD, denominado “Todos estão fumando”, título da música de trabalho principal do CD. No ano de 1999, as festas realizadas na Casa do Rudi (que será apresentado posteriormente) na cidade relembravam as festas do *Hip Hop*, quando se reuniam jovens para comemorações e encontros dos integrantes e adeptos.

Figura 6: Encarte CD Uk-Pela



Fonte: Encarte CD UK-Pela “Todos estão fumando...”

No ano de 2003, foi criado o programa Sintonia Hip Hop exclusivamente voltado para a cultura *Hip Hop* em especial a música *RAP*, e mostra a possibilidade de se fazer ouvir, a se fazerem notar a partir dessa cultura, denunciando a precariedade social, os processos de discriminação racial e violência policial a que cotidianamente estão submetidos e relatados nas letras dos rappers. Segundo Silva e Turra Neto (2007) os jovens do *Hip Hop* de Guarapuava-Pr desde muito cedo

trabalham fazendo “bicos” para garantir a sobrevivência de si próprios e de suas famílias.

Pretti (1984, p. 2) aponta que os meios de comunicação de massa são instrumentos poderosos que “ensinam a dizer as coisas de uma forma igual”.

> Se a vida é bela não pra quem vive na favela,
> pois os barraco amontoado não tem na novela.
> Em quanto eles celebram ibope da Rede Globo,
> abro a janela e vejo como vive o nosso povo.
> Aqui não tem empresário não tem mansão com piscina,
> aqui a droga miséria o tráfico é quem domina.
> Tem corpo dentro da vala sangue escorre na viela,
> tem tiroteio esfaqueamento, Xarquinho mano é favela.
> Polícia sobe o morro à procissão do terror,
> espancando inocentes matando trabalhador.
> É foda cara aqui a realidade é cruel,
> um pedacinho do inferno esquecido pelo céu.

As descrições do bairro apresentado acima no trecho da música do grupo Uk-Pela (2001) chama a atenção tanto para a dinâmica de recursos que se tem para viver. Como citado por Cuenca (2016) as características do espaço tanto por parte dos moradores quanto os que o estado oferece em infraestrutura de serviços, apresentando um modelo econômico fracassado que não distribui riqueza, essa se concentra em poucas mãos, em quanto à maioria da população fica a margem social, a música também apresenta um pouco de como se dá a vida social do bairro.

A partir da adesão à cultura *Hip Hop*, muitos jovens começaram a se interessar pela história da cultura negra, pela vida dos líderes negros, e pelos estudos de forma geral, feito por canais de pesquisa que eles mesmos mobilizam, em paralelo da educação formal. Além disso, o *Hip Hop* oferece possibilidades de articular uma diversão genuína, que é, ao mesmo tempo, uma denúncia da sua condição social.

Algumas letras de *RAP* de Guarapuava-Pr acabam repetindo o sonho de uma condição melhor de vida. A música “Salomão e Seu Reinado” do rapper NZumba (2015) apresenta um mundo de drogas, bebidas, mulheres e ainda faz uma crítica social e religiosa.

> Fé, amém!
> De graça os manos não vem
> olha os boy e observa
> nós que é refém.
> O pique é louco,
> migalha é pouco,
> abra os olhos entenda o jogo.
> De patrão aqui tem pouco
> o que eles querem eu quero em dobro.

Eu sei que tem na nova Jerusalém,
do púlpito ao Papa
faz sorrir também.
Quem não quer Fireblade
Hornet bandida
a cachorra andando
de bundinha erguida.

Essa letra denuncia o poder, a ganância e a opressão inseridas em todas as instâncias sociais e religiosas e contraditoriamente a essa revolta o desejo de também fazer parte do sistema opressor. Comportamentos semelhantes a esse já foram citados por Freire em seu discurso sobre o papel da educação libertadora: “Não são raros os revolucionários que se tornam reacionários pela sectarização em que se deixam cair, ao responder à sectarização direitista” (FREIRE, 1998 p.35). E as revoltas cantadas remetem à forte ligação que o *Hip Hop* tem com suas origens ligadas aos emigrantes jamaicanos residentes nos Estados Unidos que buscaram melhores condições de vida e manifestavam esse objetivo em suas festas de rua.

Os problemas sociais de violência, tráfico, consumo de álcool, drogas a promiscuidade também são relatados como realidade das festas atuais nos bairros da cidade. Som “na casinha é assim” do ano (2016).

Cola no cleytinho,
fuma um fuminho,
na casinha é só loco e não consta lebrinho.
Massagem é pras dona, vem quase sem roupa e vem
por que gosta conhece os maloca.
Tudo o que já viu, o frevo de mil,
mais chapado que nóis só se for o Tiziu.
No carreiro andando, fraguei um bolando,
pra salvar o irmãozinho.
Lelinho armado, esperto, ligado,
Felipe ao lado e o Nandes parrado.
Bocão ta salvado, mais um aliado
estilo patrão mais flagrante é do Nardo.
Se for no pinote então é Juninho,
ta muito errado se pensar que é pertinho.
Vai lá no Xarquinho, buscar do tuizinho
estralhar as castanhas.

Percebemos uma mudança nas letras das músicas dos rappers de Guarapuava-Pr com o passar dos anos, Cuenca (2016) cita que a forma que rappers tomam a realidade de seus bairros reflete sobre a participação e comprometimento com essa realidade, os transformando em atores políticos, pois esses relatam por muitas das vezes a interação social que se apresenta no bairro.

As músicas do grupo Uk-Pela no ano de 2001 são politizadas e combativas nas questões de preconceito, racismo, violência policial, relatando o que se passava

no Bairro Jardim Pinheirinho e demais bairros da cidade de Guarapuava-Pr. O CD do NZumba 2015, apresenta algo que estimula o empoderamento negro e ao mesmo tempo traz a reflexão sobre o consumismo. Já a letra do V.P.M. (Voluntários Pra Missão) intitulada Na Casinha é Assim apresenta um contexto de jovens que fazem o uso de entorpecentes ilícitos, uso de álcool e como passa tempo encontros em um determinado local para diversão.

Não existindo uma regra geral, vários grupos de *RAP* abordam temas de "conscientização" das pessoas das periferias e também relatam o cotidiano de discriminação e de falta de oportunidades que a maioria dos jovens nascidos nos subúrbios ou nas favelas estão subordinados. Segundo Silva e Silva (2008) o *Hip Hop* passou a constituir um ponto de convergência para modos de inconformidade: tanto para a juventude marginalizada, quanto, eventualmente, para jovens mais favorecidos que buscavam, a partir do *Hip Hop*, expressar sua insatisfação com os modos hegemônicos de subjetivação.

O *RAP* é o maior propagador do *Hip Hop* desempenhando o papel de comunicação, segundo Souza e Montardo (2011) os MC's se definem como cantores do seu cotidiano e vivem o que cantam expressando seus sentimentos e sua maneira de ver o mundo. A música então vem com críticas que permitem o surgimento da revolta.

O bairro aqui se torna o primeiro termômetro deste reconhecimento público e, como já apontei, a grande parte dos grupos de *RAP* tem seu nome associado a um bairro e nele buscam elementos que vão dar forma a sua composição musical (SOUZA, 2009). Outro trecho da música Uk-Pela é um exemplo da citação de Souza:

> Moro num lugar esquecido da cidade,
> zona norte, onde mora o cara.
> Sou perigoso sim pode acreditar,
> mais um preto pronto pra atirar.
> Andando na quebrada, Pinheirinho é periferia,
> onde assassinatos são constantes, dia e noite,
> noite e dia. A chacina por aqui já não é novidade,
> basta apenas ser preto e pobre, pra morrer com facilidade.

4.2 Os Elementos

O *Hip Hop* é formado por quatro elementos: *DJ*, MC, *BREAK* e GRAFITE utilizam-se também de uma forma particular de expressão para alcançar o jovem: a gíria, os signos, a materialização de uma nova norma da linguística, do conhecimento e das posses criando sua identidade a partir da interação de seus membros entre si e com a realidade em que vivem.

O *Hip Hop* é um termo diretamente ligado ao *DJ* e ao MC (*RAP*), ao *Break* e ao Grafite, os quais surgiram de maneira simultânea embora seus criadores não tivessem a consciência de que eles seriam agregados em alguma ocasião. Além desses elementos ainda existem as posses, isto é, organizações que congregam grupos e pessoas que praticam algum dos quatro elementos do *Hip Hop* citados acima (FELIX, 2004).

O Grafite é o quarto elemento, e surgiu em *New York*, no início da década de 1970. Seu criador teria sido um jovem mensageiro que tinha como costume escrever suas tags (assinaturas) em diversos pontos da cidade principalmente dentro e fora dos trens e nas estações do metrô. Depois da revelação pelo *New York Times* de que a inscrição TAKI 83 era o nome e o numero de sua residência, muitos jovens passaram a escrever seus nomes e símbolos das crews (gangues) em espaços públicos (FELIX, 2004).

A linguagem é um instrumento utilizado para transmitir informações necessárias à vida comum em sociedade. Pretti (1984, p.1) analisa que os hábitos linguísticos estão “ligados de maneira indissolúvel ao modo de viver e encarar a vida”. A sociedade, portanto rege o uso da linguagem e cria o que o autor denomina de norma linguística.

O *RAP* (ritmo e poesia) não é considerado diretamente como elemento da cultura *Hip Hop*. Ainda que sua importância dentro do contexto de reconhecimento do movimento seja indiscutível. Ele é a junção das habilidades das rimas, a poética cantada pelo MC e o manuseio do equipamento eletrônico pelo *DJ* (SOUZA e MONTARDO, 2011, FELIX, 2004).

As letras de *RAP* são carregadas de gírias quase em sua totalidade. Essa forma linguística é carregada de signos de agressividade que, como visto, pode assumir aspectos de identificação e união entre os pares ou de agressão entre grupos que estão batalhando em duelos de rimas.

Ao falarem dessa forma, agridem a linguagem convencional, opondo-se ao uso aceito pela maioria, explicitando um possível conflito do grupo com a sociedade. A gíria a partir de seu aspecto dual: pode ser tanto um signo de defesa da identidade do grupo, quanto de agressão às normas sociais (PRETTI, 1984).

Assim, o *RAP* pode ser entendido como um gênero discursivo, o diálogo que une dois elementos do *Hip Hop*. A construção do tema é feita pela relação estabelecida entre o falante e o conteúdo e o significado de sua fala. (SOUZA e MONTARDO, 2011).

A *performance* do *rapper* é ousada e por vezes perturbadora e pode ser verificada em apresentações, fotos e em vídeo clipes. A estigmatização é representada no próprio corpo para marcar bem as diferenças, construindo uma identidade que possa ser veículo de contestação e de orgulho (GILROY, 2001).

A gesticulação é excessiva e acompanha a voz que canta o *RAP*. Se o conteúdo é de um *RAP* de contestação social ou racial, os gestos vão ajudar a levar a mensagem de deflagração. Geralmente, fazem parte desta *performance* os braços cruzados, trancados, caras amarradas e dedos apontando "a culpa social". A cena é um espaço de confronto. O rapper fala como quem alerta o outro, encarando, olhando nos olhos e com a cabeça erguida (GILROY 2001, BHABHA 2003).

O modo de segurar o microfone também é característico de quem "tomou posse" da ferramenta que permite que a fala dos excluídos ganhe som audível. A forma de expressão é com autoridade, convicção, confiança (ROSE, 1994).

A expansão da cultura *Hip Hop* deve muito ao *RAP*, não apenas por causa do mercado fonográfico, do papel da indústria cultural na disseminação da música, cuja veiculação obedece a poderosos arsenais de divulgação, contudo, pelo caráter da própria música para as tradições negras (HALL, 2002 e GILROY 2001).

Os *rappers* tendem a expressar artisticamente um conjunto de ideias que fazem parte da visão social de mundo da classe a que pertencem à classe trabalhadora. A partir do lugar que expressam opiniões contrárias a um sistema que tenta fazer com que a sociedade seja padronizada traz uma inquietação social a ideologia dominante (KONDER, 2002).

> O rapper interroga, faz perguntas, propõe soluções, questiona a pobreza a qual eles querem reduzi-la. Não aceita a identidade que lhe é atribuída e constrói, molda-a no dia a dia de sua vida no bairro e dela busca outros interlocutores na cidade, entre jovens, mas também com instituições institucionais, governamentais e privadas. O rapper fica na consciência de seu bairro e cospe sua culpa apontando outros responsáveis: o Estado, os

> políticos, a polícia, o crime organizado, o desemprego, a fome, a guerra interna que nos corrói como sociedade (CUENCA, 2016).

As mensagens do *RAP* aos jovens de periferia tratam de múltiplos aspectos da realidade dos bairros pobres de grandes cidades. O tráfico e o consumo de drogas têm sido apontados como um grave problema contemporâneo, que particularmente afeta os bairros de maior segregação social, na medida em que estes são mais afetados pelos efeitos capitalistas (BIANCHETTI, 1997). Por isso mesmo, o tema é recorrente nas letras do *RAP* que dispensa o aprendizado padrão sobre música, ela pode ser executada por quem tenha habilidade e criatividade "de ouvido" e também neste ponto, certo preconceito pode vir à tona.

O preconceito sobre a cultura *Hip Hop* se manifesta até em não considerar a dos *DJ*'s, não apenas por causa do conteúdo provocativo das letras de RAP, mas por causa da não aceitação da música e da denominação de "barulho" por aqueles que não a reconhecem (REAL *HIP HOP*, 2003, p. 5).

Na composição das músicas o objetivo dos *DJ´s* é formar a base e fazer a passagem de uma base para outra. Para a passagem das bases eles utilizam diversas técnicas como *scratching* que é um som produzido de um arranhão, o *mixing*, que é a sobreposição e mixagem de sons de um disco aos de outro que já esteja tocando, outra técnica muito usada é o *punch prasing* em que a agulha do toca discos é movimentada para frente e para trás no mesmo ritmo da percussão de um disco, esse movimento acrescenta um forte efeito rítmico ao som produzido. Além desses três existem inúmeras outras variações, modos de os *DJ*'s tocarem que produzem efeitos distintos (SHUSTERMAN, 1992, p.148).

As características principais são o ritmo quebrado, o uso de instrumentos inusitados e a apropriação de músicas já existentes para formar outra nova. A ação dos *DJ*'s ressalta a liberdade da produção de uma nova música. Reaproveita a bateria de uma musica já conhecida, o canto de outra e ainda inclui indiscriminadamente os mais diferentes sons tais como: jingles de publicidade, vozes da TV e do rádio, diálogos do cotidiano, sirenes da polícia, som de tiros, música clássica, música eletrônica entre outros e é usado como plano de fundo desde festas até a exposição de problemas sociais e raciais que o *RAP* denuncia em suas letras.

Com o *RAP* surgiu o terceiro elemento o *Break* que é uma forma de dança na qual os participantes devem demonstrar grande domínio de gestualidade. O *Break*

pode ser dividido em, pelo menos, três estilos, que são o *Popping*, o *Locking* e o *Break Boying*. Mesmo com essas distinções o *Break* é considerado um dos elementos do *Hip Hop* e representa todo esse conjunto (FELIX, 2004).

O *Breakdance* tem como principal característica a descontinuidade, a quebra. Os movimentos dessa linguagem corporal imitam a ruptura que ocorre na musica, com giros, acrobacias e paradas tipo “estátua” essas chamadas de *Freezes*. E é frequentemente associado à capoeira, ao funk e a outras modalidades como é o caso do *Lindy-Hop* ou o *Jitterburg* que é uma sequência que os homens deixam as mulheres de lado e dançam entre si com rotinas e passos (SLOTERDIJK, 2000).

A competitividade é uma das características originais dessa dança. A história da cultura *Hip Hop* aponta que com o nascimento do *Breaking*, os jovens de grupos diferentes traziam movimentos que ritualizavam brigas de rua ou desafiavam o oponente a executar movimentos mais elaborados (ROSE, 1994).

No Brasil, o *Break* ganhou mais adeptos com a chegada dos clips do Michael Jackson, na primeira metade da década de 1980 (ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001). Historicamente, a participação de Nelson Triunfo, *breaker,* na coreografia da novela “Partido Alto” da rede Globo de televisão em 1984, acabou por difundir a dança para todo o Brasil. E assim a partir do *break*, os primeiros grupos de *RAP* nacionais ganham mais visibilidade: a dupla Thaíde e *DJ* Hum e Racionais MC´S (OLIVEIRA, 1999). Eles gravaram os primeiros LP´s de *RAP* em 1986 (ANDRADE, 1996). A primeira coletânea de *RAP* – *HIP HOP* Cultura de Rua – foi lançada em 1988 e contava com 14 músicas.

O quarto elemento aqui descrito é o Grafite, ou seja, a manifestação visual a partir de figuras e desenhos em ambientes públicos.

As principais características são as cores de tons fortes e contrastantes promovendo uma extravagância colorida para a cena pública. O colorido pode ser pensado como provocação, antítese da discrição que, além de chamar a atenção, aproxima o Grafite das pinturas que eram consideradas primitivas (HERSCHMANN, 2000).

A sombra também é um artifício usado para destacar as figuras, dando uma tridimensionalidade. O desenho ganha densidade e profundidade com elas. A desproporcionalidade dos objetos também é destaque. Medidas desiguais, figuras humanas representadas por caricaturas, também revelam a desigualdade do plano

sócio-econômico, vários desenhos representam a figura de um opressor grande e de um personagem oprimido, esquálido e pequeno, realçando a injustiça e a divisão do poder no mundo (HERSCHMANN, 2000).

Em geral essas formas do Grafite buscam temas que são descritos nas letras de *RAP*. As imagens são fontes de protesto, que, acima de tudo, fazem pensar, que provocam incômodos e estranhamento. Não só o estilo e os temas, mas a própria escolha de cenários urbanos, como quando se grafita o muro de uma propriedade privada sem permissão ou quando se "toma" a paisagem pública para imprimir um "recado visual", denota uma interferência que pode ser interpretada como abusiva. As intenções do Grafite é também uma forma de se fazer presente em uma realidade adversa, são as demarcações de territórios. A periferia é levada ao asfalto contestando um ordenamento do espaço social que segrega a "marginalidade" (DOWING, 2002).

Nesse contexto, e dependendo de onde é executado, o Grafite representa a ousadia por causa do perigo que os jovens passam para pintar uma tela efêmera (quantos não são pintados por cima, não colam cartazes ou o próprio tempo desgasta a arte sem "proteção", feita para enquanto durar). A ilegalidade ao se escolher uma propriedade privada para desenhar provoca desconforto em quem vê pouco ou nada na intenção do Grafite. Muitos grafiteiros já foram presos inúmeras vezes e, no entanto, essa "arte" marginal não é aniquilada mostrando ser resistência e luta qual em momentos expressa suas necessidades sociais.

4.3 Minha trajetória no *Hip Hop*

Esse estudo tem uma forte ligação com meus objetivos pessoais de compreender melhor como o *Hip Hop* se apresenta na cidade de Guarapuava-Pr. Corroborando com a afirmação de Freire: "Não acredito na autoliberação. A libertação é um ato social" (FREIRE; SHOR; 1987). Nessa seção descrevo minha iniciação no *Hip Hop*, minhas tentativas de integrar a cultura *Hip Hop* em Guarapuava-Pr como movimento *Hip Hop*, ou seja, trabalhar no coletivo dos quatro elementos que compõe essa cultura de rua. Também descrevo como essa experiência pessoal me levou ao presente trabalho. Justifico a existência dessa seção pela importância que minha trajetória tem na configuração do *Hip Hop* em Guarapuava-Pr visto que grande parte das principais iniciativas de unificar as

representações da cultura *Hip Hop* em movimento e ressaltar a importância que as pesquisas e a militância representaram na minha caminhada.

Freire e Shor (1987) definem o professor como um artista e um político e evidenciam dentro de sua abordagem a politica da pedagogia como sendo uma atividade de cunho social em favor da liberdade e contra a dominação e aceitando sua atuação tanto dentro como fora da sala de aula. A contestação do status quo, e a autonomia dada aos indivíduos são resultados de um trabalho longo e complexo.

A participação em grupos de militância pode favorecer o processo de reconstrução pessoal. A militância pode construir um espaço em que a vergonha de ser negro transformar-se no orgulho de ser negro. Na universidade, o debate sobre tais questões deve ser ampliado utilizando de respaldo nas Leis 10.639/03 e 11.645/08. Enquanto ainda graduando em Geografia na UNICENTRO, mesmo já escrevendo sobre a cultura *Hip Hop* por ser militante até o terceiro ano de 2013, não tinha orientador para trabalhar questões como identidade, cultura negra, racismo, preconceito entre outros temas que podem ser abordados no trabalho com o *Hip Hop*. Podendo ser observado que a universidade tinha e têm suas dificuldades e mesmo limitações para trabalhar temáticas mesmo essas previstas em lei.

Comecei a praticar skate, entre os anos de 1993 e 1994 com aproximadamente 11 anos de idade. Foi a partir do skate que conheci o *RAP* sendo assim meu primeiro contato com um dos elementos do *Hip Hop*. Esse contato foi a partir de grupos internacionais, Wu-Tang Clan entre outros, o *RAP* nacional veio com o som dos Racionais MC´s, Sistema Negro e outros.

Em 1998 subi em um palco pela primeira vez para cantar um *RAP*. Na época eu estudava no Colégio Estadual Carneiro Martins, cantei uma música com meu amigo Allan de autoria de Fernando Siqueira conhecido hoje em dia como *Rapper* Nego Zumba, da cidade de Guarapuava-Pr. O som que cantei em 1998 foi regravado e lançado em Guarapuava-Pr por NZumba em 2016 com alterações na letra. Após essa primeira apresentação artística, conheci mais pessoas que curtiam o *RAP* e passei a ter interesse em conhecer mais dos elementos culturais que tinham conexão com esse estilo musical.

Em 1999, foi realizada a primeira festa de *Hip Hop* da cidade. As principais apresentações foram de *RAP* com os grupos da época Uk-Pela, Lobo Loco e Fluxo Preto, além do *RAP* teve apresentações de break mas ainda não havia nenhum

grupo formado de dançarinos, também se fizeram presentes grafiteiros e *DJ*s, na ocasião o *DJ* Guga tocou. Esse evento reuniu cerca de 200 pessoas.

Figura 7: Convite do primeiro evento de *Hip Hop* da cidade de Guarapuava-Pr

Fonte: próprio autor

Em 2003 o locutor e meu amigo Marcos Santos, também conhecido como Marquinhos me convidou para conhecer o estúdio da Rádio Cacique AM 760, enquanto ele apresentava o programa Rádio Mania. Quando cheguei à rádio eu estava com um porta CDs com vários CDs de *RAP*. Em tom de brincadeira falei sobre a rádio tocar apenas músicas de estilo gauchesco e sertanejo, argumentei que deveria ser mais eclética e tocar *RAP*, de pronto ele falou que me permitiria tocar uma música desde que eu participasse com ele e falasse do que se tratava, pois até então ele não conhecia esse estilo.

Aceitei explicar sobre o *RAP* no programa dele e aproveitei para apresentar a configuração do *Hip Hop* e seus quatro elementos. Pedi licença aos ouvintes e apresentei o som chamado “Sinal da Cruz” do grupo Realidade Cruel da cidade de São Paulo, pedi que prestassem atenção na letra da música que segue na sequência do texto. Assim que encerrou a música o Marcos falou que gostou e me fez o convite de retornar no próximo sábado para tocar outro *RAP*.

Eu quero ver fazer o sinal da cruz
Quando você aperta o gatilho
o lúcifer te conduz
O ser humano
refém do diabo
com uma arma na mão
e o raciocínio trágico
Ninguém tá nem aí
pras leis do céu
Só quer fugir do flagrante
não quer ser o réu
mas o verdadeiro juiz aqui da periferia
é o mesmo que fez o universo em sete noite e sete dias
A condição de vida aqui eu sei que é precária
ser assassino não engorda sua conta bancária
Não faça seu filho morrer de amor por você
sua família chora ao ver

você carregando a pt
Aí muleque estou te vendo no crime
é sem futuro

No sábado seguinte eu estava lá, empolgado e mais preparado, com outra música pra tocar na programação. Quando iniciamos a música, o telefone da rádio tocou, era o diretor da Rádio Jauri Gomes, qual solicitou ao Marcos do que se tratava aquela música e, em um tom que parecia irado, pediu que eu me apresentasse a ele na segunda-feira. Apesar de estarmos apreensivos deixamos combinado que na segunda eu compareceria.

Na segunda-feira pela manhã, fui até a rádio e conheci o Diretor Jauri Gomes, que sentado em sua cadeira sorriu me cumprimentou e me pediu o que era aquilo que eu tinha tocado na rádio. Falei que se tratava de *RAP*, então ele me falou que tinha gostado e me fez a proposta de fazer dentro do programa Rádio Mania uma participação de quinze minutos. O Marcos apoiou e fizemos alguns programas juntos utilizando o tempo proposto.

Como eu já conhecia, pela experiência da minha vivência, que os adeptos do *RAP* eram moradores da periferia, tive a ideia de fazer panfletos e distribui-los nos bairros periféricos da cidade. Meu primeiro nome artístico foi AC (Agitador Cultural). Até que novamente fomos chamados pelo diretor, que falou que eu não deveria estar mais naqueles quinze minutos junto com o programa do Marcos.

Figura 8: Primeiro panfleto de divulgação do Sintonia *Hip Hop* em rádio na cidade de Guarapuava-Pr.

Foto: Fonte Próprio Autor

Saber que os 15 minutos do Sintonia não ficariam mais no ar durante o programa Rádio Mania, de início ficamos chateados, pois pensamos que seria o final de algo que recém tínhamos iniciado. Quando o Jauri então falou que eu iria ficar com o horário do programa do Marcos das 16 às 17 horas e ele das 17 às 19 horas com o Rádio Mania. Segundo ele, quando meu público sintonizava em grande audiência o público do Marcos saia e depois quando eu terminava a minha participação o meu público desligava o rádio ou mudava de sintonia o do Rádio Mania não retornava e isso prejudicava a audiência da emissora, também solicitou que agora eu teria que achar um nome para o meu programa e ver como ficaria meu nome como apresentador, pois não poderia ser mais apenas Agitador Cultural.

Saímos com o Marcos e fomos até uma lanchonete que de costume tomávamos umas cervejas e conversamos sobre as questões, foi lá que falei o nome Sintonia *Hip Hop*. O Marcos já vinha me chamando de mano e nesse dia saiu o nome artístico Mano Hood, mas agora em inglês para representar que ia a partir do programa aquecer os pensamentos como a tradução “capuz” no inglês.

No dia 04 de setembro de 2003 iniciei então ao vivo com o programa de *RAP* já denominado Sintonia *Hop Hop* na Rádio Cacique AM 760, com uma programação voltada a explanar sobre os quatro elementos da cultura *Hip Hop* e o início para os eventos, o programa passou por diferentes horários, chegando a ser transmitido das 21 até às 00 horas no sábado e domingo.

A rádio se fez muito importante na difusão do *Hip Hop* a partir do *RAP*, pois muitos grupos puderam apresentar seus trabalhos, ter voz e mostrar com sua música seu ponto de vista com relação à cidade e outras questões como política, preconceito, apresentando seus anseios, medos e indignações. Estarei no decorrer do trabalho apresentando outros trechos de letras para que conheçam mais dos grupos de *RAP* de Guarapuava-Pr. Desde essa época até os dias de hoje abro meu programa a todos os rappers que têm interesse em mostrar suas musicas, abro espaço para entrevistas e procuro incentivá-los a compreender a importância da atuação deles como militantes de um movimento negro de resistência.

Um dos eventos mais marcantes após o início do programa foi o Campeonato “Os Elementos”, esse campeonato era de Skate e aconteceu na pista do Parque do Lago no ano de 2004, historicamente esse foi o primeiro evento a reunir os quatro elementos do *Hip Hop* em Guarapuava-Pr, também solicitávamos a doação de um

quilo de alimento não perecível para tornar o evento de cunho social e na tentativa de um trabalho coletivo e de valorização dos artistas do *Hip Hop* local.

Figura 9: Folder de divulgação do primeiro evento reunindo os quatro elementos do *Hip Hop* em Guarapuava-Pr.

Fonte: próprio autor

No ano de 2005 eu e meu amigo de longa data Fabio Azul fizemos o primeiro Campeonato de *Best Trick* e em Duplas, novamente reunindo os quatro elementos do *Hip Hop*.

Figura 10: Folder de divulgação do segundo evento reunindo os quatro elementos do *Hip Hop* em Guarapuava-Pr.

Fonte: próprio autor

Os eventos unindo os elementos do *Hip Hop* continuaram e, um dos eventos tradicionais da cidade de Guarapuava-Pr, o 1º de maio, Festa do Trabalhador tradicionalmente comemorado no Parque do Lago tornou-se referência também para o campeonato de skate e apresentações culturais do *Hip Hop*. Ter um movimento negro e um esporte de periferia, tornando-se referência em um evento tradicional de Guarapuava-Pr foi, sem dúvida, um dos maiores ganhos que essa cultura conquistou. A visibilidade que esses eventos deram a essa caminhada fez com que ela ficasse ainda mais consolidada. No ano de 2005, fui para a Rádio 92 FM e o programa Sintonia *Hip Hop* agora era veiculado em uma rádio AM e uma FM. Isso fez com que a cultura *Hip Hop* ganhasse ainda mais visibilidade, principalmente pelo RAP.

Figura 11: Folders de divulgação dos eventos de *Hip Hop* que ocorreram através do programa Sintonia *Hip Hop*.

Fonte: próprio autor.

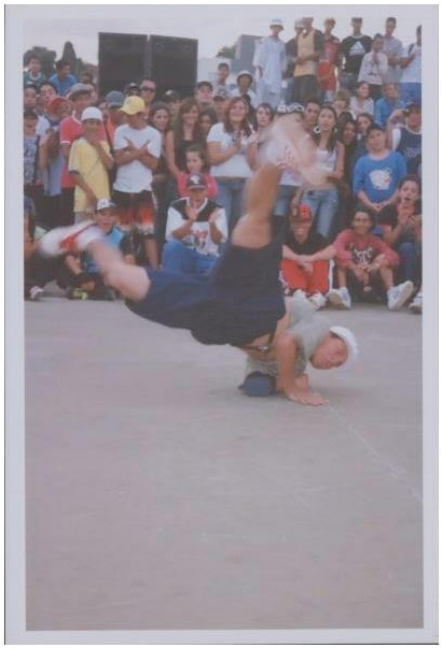
Figura 12: Evento Os Elementos local Parque do Lago

Fonte: próprio autor.

Figura 13: Evento Os Elementos local Parque do Lago

Fonte: próprio autor.

Figura 14: Evento Os Elementos local Parque do Lago



Fonte: próprio autor.

Também iniciei os projetos culturais nas escolas pensando já em um processo de desconstrução de preconceitos, eu era chamado pelos professores (as) e diretores (as) para falar sobre o meu programa, sobre o estilo que estava cada dia mais sendo consumido pelos jovens principalmente das periferias de nossa cidade.

Figura 15: Palestra *Hip Hop* Colégio Cristo Rei 2004

Fonte: próprio autor.

Figura 16: Palestra *Hip Hop* Colégio Cristo Rei 2004

Fonte: próprio autor.

Com o passar do tempo minha militância só aumentava e com isso minha indignação com pessoas da política que começaram a usar o *Hip Hop* como massa de manobra no ano de 2004, caso até de vereadores que fizeram com que o pouco do coletivo que se tinha no *Hip Hop* local se fragmentasse, pois vinham solicitar apoio e oferecer favorecimentos em troca, alguns aceitaram e outros não e isso gerou certo desconforto nos grupos de adeptos do *Hip Hop*.

Em outra oportunidade no ano de 2008 já surgiu à vontade de participar do cenário político da cidade, conversamos com algumas pessoas mais próximas e vendo que iriam novamente tentar fazer uso do *Hip Hop*, resolvemos lançar meu nome como candidato a vereador nesse ano.

Figura 17: Material campanha 2008

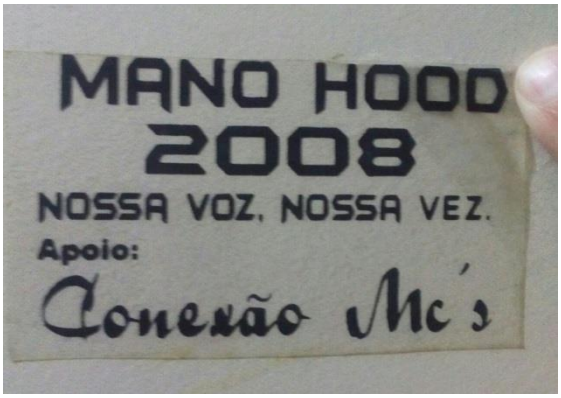


Foto: Arquivo Próprio Autor

Nesse ano pude conhecer um pouco da política e suas dificuldades que podem ser relatadas mais detalhadamente numa próxima oportunidade. Mesmo com muitas adversidades consegui a votação nessa eleição foi de 611 votos.

Passado o ano eleitoral já no ano de 2009 a convite do Jauri Gomes, cheguei a apresentar o programa Sintonia *Hip Hop* na Radio Cacique AM 760 de segunda a sexta-feira das 18 às 19 horas, com uma programação que ficou estabelecida da seguinte maneira, segunda *RAP* nacional, terça internacional, quarta paranaense, quinta variadas e na sexta-feira gospel e romântico. E matinha meu programa das 22 às 23 horas na rádio 92 FM no domingo.

Figura 18: Post virtual de divulgação do Sintonia *Hip Hop* Rádio Cacique

Fonte: Próprio Autor

No ano de 2010 resolvi então deixar a rádio AM e ficar apenas com o programa de domingo na 92 FM, encerrando 10 anos de Rádio Cacique AM 760.

Figura 19: Post virtual de divulgação do Sintonia *Hip Hop* Rádio 92 FM

Fonte: Próprio Autor

Nesse mesmo ano entrei no curso de Geografia da UNICENTRO me formando no ano de 2014. Mesmo trabalhando e estudando nesse período de formação acadêmica novamente no ano de 2012 resolvi lançar meu nome para concorrer ao cargo de vereador, sendo então minha segunda candidatura a

vereador, mantendo a votação próxima aos 600 votos como na primeira, mas já surgiram outras pessoas levantando e defendendo a bandeira do *Hip Hop* em suas campanhas.

Figura 20: Panfleto campanha 2012

Fonte: Próprio Autor

No ano de 2015 entrei no mestrado em Educação na linha de Ensino, Cultura e Diversidade da UNICENTRO. E no mês de outubro desse mesmo ano deixei a Rádio 92 FM para iniciar com o Programa Sintonia *Hip Hop* na Rádio Educativa e de cunho Cultural UNICENTRO FM 99,7 estreando meu programa no dia 06 de dezembro de 2015. Programa esse que vai ao ar todo domingo das 19 às 21 horas.

Figura 21: Post virtual divulgação do Sintonia *Hip Hop* na Rádio UNICENTRO FM

Fonte: Próprio Autor

Nas eleições do ano de 2016 três candidatos a vereador possuíam alguma ligação com o *Hip Hop* todos de alguma forma trabalham e desenvolvem ou desenvolveram atividades ligadas ao mesmo público do *Hip Hop*.

Figura 22: material campanha 2016.

Foto: Próprio Autor

Assim no ano de 2018 continuo com o programa Sintonia *Hip Hop* todo domingo das 19 às 21 horas na programação da Rádio UNICENTRO FM 99,7 e também com os eventos e lançamentos de grupos de *RAP* e falando de conteúdos variados referentes a temas que o *Hip Hop* aborda.

5. Conhecendo Guarapuava-Pr: Onde Estão os Manos e Minas?

Os dados a seguir apresentam algumas especificidades da cidade de Guarapuava-Pr sendo algumas retiradas do site oficial da Prefeitura Municipal e dados oficiais do IGBE 2010 e Censo 2010, no decorrer do texto apresento descrições por parte dos participantes durante as reuniões, mostrando um pouco das observações a partir das letras de RAP.

Conforme o censo 2010 a população de Guarapuava-Pr é composta de 167.328 habitantes, sendo a população masculina 81.797, enquanto a população feminina é de 85.531, destes, 116.937 se auto declaram brancos, 502 indígenas, 5.039 pretos (sem declaração), 1.179 amarelos e 43.671 pardos.

Segundo IBGE 2017, Guarapuava-Pr está localizada na região sul do Brasil, centro-sul do estado do Paraná, terceiro planalto, chamado Planalto de Guarapuava-Pr, com posição geográfica Altitude (metros) 1.098 e coordenadas geográficas latitude 25 º 23 ' 43 " S, longitude 51 º 27 ' 29 " W - Greenwich. Com clima moderado, subtropical, úmido. Invernos com geadas e até neves. A temperatura média anual é de 16,8ºC. A média máxima é 36ºC e a mínima, 6,8ºC. Sua formação geológica botucatu, formada por arenitos, aflora em uma estreita faixa na Serra da Esperança e a Formação Serra Geral a qual é a mais representativa, sendo constituída de rochas vulcâncias, principalmente basalto e riodacitos.

Em Guarapuava-Pr o salário médio mensal no ano de 2015 segundo o IBGE era de 2.6 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 26.3%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 34.5% da população nessas condições, o que o colocava na posição 154 de 399 dentre as cidades do estado e na posição 3675 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

No site da Prefeitura Municipal, Guarapuava-Pr está no trajeto entre a cidade de Curitiba e Foz do Iguaçu, nas margens da BR 277, que é a principal Rodovia do Mercosul, que liga o Porto de Paranaguá ao Paraguai e à Argentina. Guarapuava-Pr é servida por duas ferrovias, operadas pela ALL (América Latina Logística) e pela Ferroeste, que interligam o Porto à região oeste. Além da BR 277, o sistema rodoviário é integrado pelo entroncamento da PR 170 e da PR 466, que fazem ligação com o sul do estado, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e também com o norte do Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo. A cidade se destaca no segmento agrícola, madeireiro e de produção de grãos, especialmente o milho. Além das indústrias instaladas nos distritos industriais, Guarapuava-Pr conta com a Cooperativa Agrária em Entre Rios, onde se encontra também a maior Maltaria Cervejeira da América Latina.

Segundo Gomes, (2012) a cidade tem uma história longa entre a Cooperativa Agrária e a Comunidade Paiol de Telha, localizada no Distrito de Entre Rios, segundo documentos onze escravos receberam em testamento uma área aproximada de 3.000 alqueires e também sua alforria ainda no ano de 1860 da senhora Dona Balbina Francisca de Siqueira, ou seja, quase trinta anos antes da própria abolição, o sobrinho de Dona Balbina, o senhor Pedro Siqueira Lustoza, não

aceitou o testamento deixado pela tia e iniciou um processo de ocupação das terras no ano de 1868.

Fazendo compras e vendas ilegais, de documentos forjados e ameaças, em 1975 as terras da Invernada passaram a pertencer exclusivamente à Cooperativa Agrária Ltda., essa foi formada a partir da imigração alemã para o distrito. As últimas 529 famílias que insistiram em permanecer no local da Invernada tiveram suas casas e plantações queimadas, seus animais envenenados e houve até quem foi baleado (GOMES, 2012). Foi então no ano de 1981 que a Cooperativa entrou na justiça com um pedido de usucapião das terras, as quais, segundo seus representantes, teriam sido vendidas em comum acordo por todos os moradores da Invernada.

As letras de *RAP* apresentam a visão dos *MC´*s, esses descrevem os bairros onde moram com suas famílias, locais ainda precários, ruas são por muitas vezes de terra e muitas das casas que compõe a paisagem são barracos de madeira, a falta de eletricidade e água encanada somando ao não acesso a saneamento básico agravam os fatores de dificuldades por eles encontrados e expressados em seus cantos.

Um dos primeiros grupos de *RAP* da cidade de Guarapuava-Pr que foi denominado UK-Pela já explanando um pouco anteriormente e mais durante esse trabalho. Em (2001) relatavam uma cidade com violência, drogas, preconceito que envolvia toda uma juventude como podemos observar no trecho da música Moro Num Lugar do CD intitulado “Todos Estão Fumando”:

> Se a vida é bela não pra quem vive na favela
> pois os barracos amontoados não têm na novela
> Enquanto eles celebram ibope da Rede Globo
> abro a janela e vejo como vive o nosso povo
> Aqui não tem empresário não tem mansão com piscina
> aqui a droga miséria o tráfico é quem domina

Apresentamos aqui na figura 23 o mapa 1, onde encontram-se alguns dos grupos de *RAP* que participaram da pesquisa, esses locais em sua maioria fazem parte da descrição anterior do texto. O *rapper* NZumba em seu CD apresenta um pouco da vivência do pessoal na Rua XV de Novembro, relatando que é onde acontece o encontro da rapaziada, relata também que muitas das vezes esse mesmo local é ponto de confrontos e os do estilo *Hip Hop* de calça larga e boné aba reta seguidamente são abordados pela polícia e são obrigados a se retirarem e

retornarem para seus bairros e inúmeras vezes até saem dali em viaturas da polícia. O rapper além de cantar sobre o centro da cidade, volta para seu bairro que também é central o Santa Cruz, mas em suas letras ele não deixa de lembrar das periferias da cidade como Colibri, Jardim das Américas entre outros. Outro que mora nas áreas centrais da cidade é o *rappe*r G.K. ele é um MC mais recente no cenário do Hip Hop em Guarapuava-Pr. Andou por bastante tempo de skate e hoje faz músicas e já gravou até clipes. Ele traz sons mais undergrounds, mas não deixa de apontar alguns problemas sociais que em numeras vezes se remete mais aos bairros periféricos do que o próprio centro da cidade.

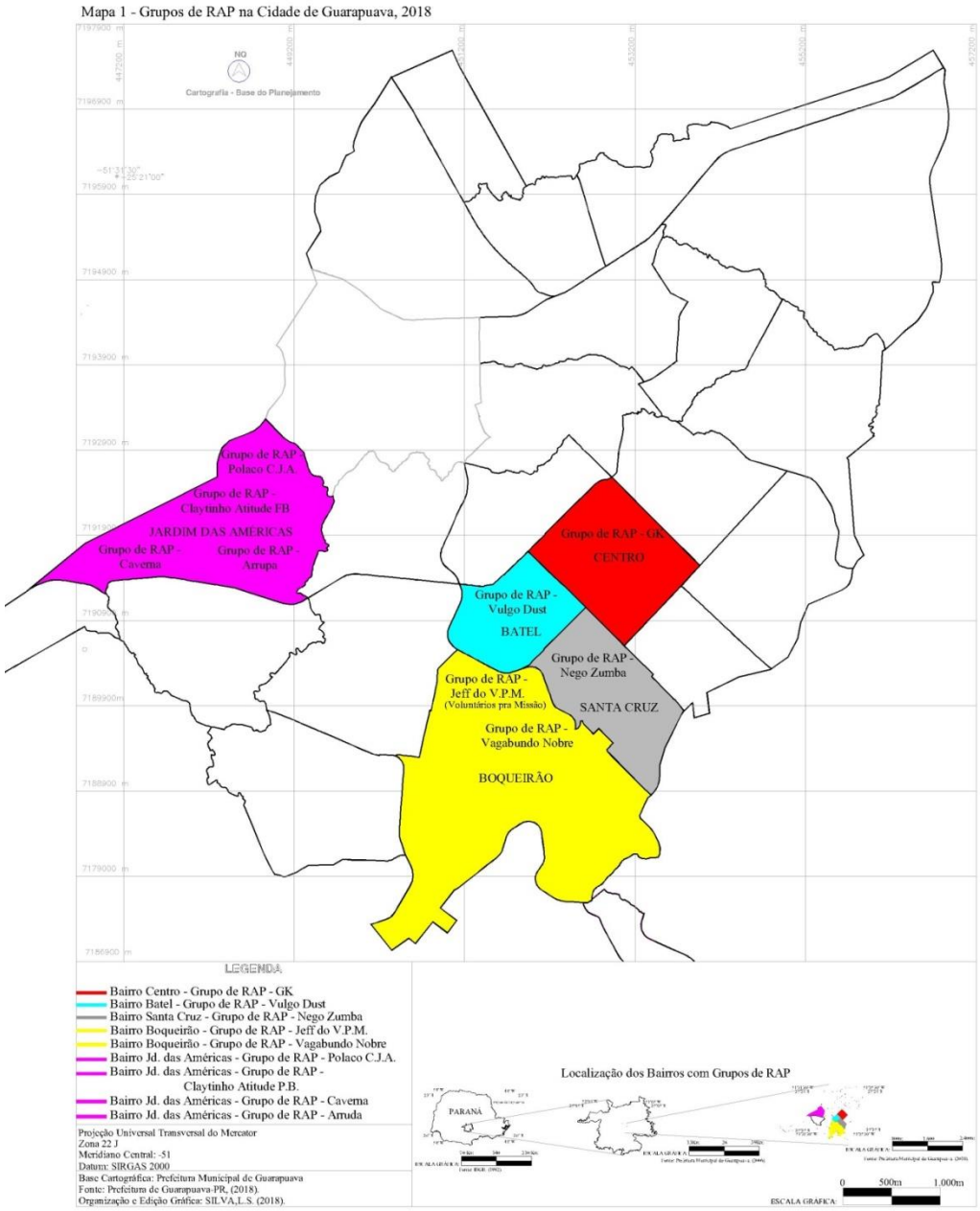
O Jeffe do Voluntários Pra Missão - V.P.M. apresenta a realidade de uma Vila conhecida como Sambra ou Concórdia essa dentro do Bairro Boqueirão, juntamente com ele o *MC* Vagabundo Nobre apresentam algumas características de como é esse local. Uma descrição que traz a presença da violência e uma população que pede por socorro no combate às drogas que chega com facilidade para as crianças da vila.

O *rapper* Vulgo Dust, que fez participações no primeiro grupo de *RAP* de Guarapuava-Pr o Uk-Pela continua produzindo suas músicas. Ele é morador de uma invasão próximo ao Bairro Batel, antes Vila Pequena. Essa invasão foi batizada como Capão da Fé e tem algumas famílias já instaladas, fica próximo a uma distribuidora de combustíveis. Essas pessoas não têm acesso à água nem a luz, mas permanecem ali para ganharem o direito aos lotes e assim às escrituras e após isso os direitos das propriedades. Em suas músicas sempre traz um pouco da sua vivência de *skate* e a vida que gosta que é de curtir com os amigos.

O bairro que tem mais *rappers* é o Jardim das Américas, conta com 4 MC's, o Currupa, Caverna, Polaco C.J.A. esses formam o grupo intitulado Tudo Nosso e já tem CD gravado com o mesmo título do grupo, eles apontam os problemas sociais do bairro como falta de asfalto, falta de incentivo para a pratica de esportes entre outras. O grupo também apresenta uma faixa onde o tema é a Lei 11.340 da Lei Maria da Penha, narrando uma realidade da cidade e colaborando para que o número de violência contra a mulher diminua a partir das informações que passam pela música. Outro do mesmo bairro é o Cleytinho Atitude P.B. ele tem algumas músicas com outros grupos e trabalha com temas variados em suas composições.

O mapa 2 na sequência, na figura 24 apresenta onde encontra-se o *DJ* Drew que ainda está atuando e o *DJ* Japa que por um determinado tempo trabalhou como *DJ* no *Hip Hop* local. O Drew é proprietário de um centro de beleza na área central da cidade no Bairro Santa Cruz, próximo da moradia do *rapper* NZumba. O *DJ* Drew tem feito muitas apresentações em na festa *Black Hits* que acontece em uma casa noturna da cidade mais elitizada. O *DJ* Japa morador de um bairro mais periférico conhecido como Bairro São João hoje já teve muitas melhorias estruturais, mas infelizmente ele não tem atuado no *Hip Hop* local.

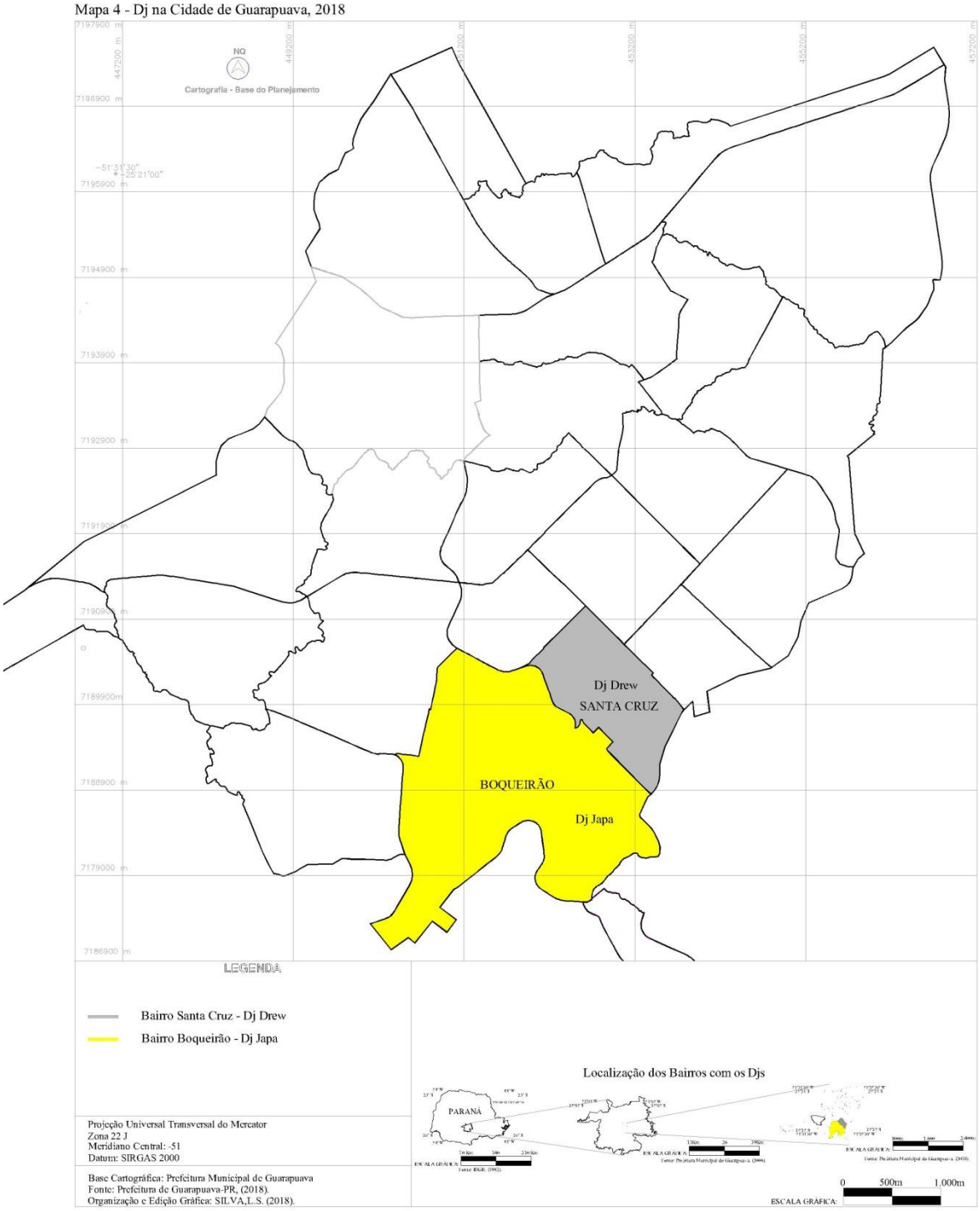
Figura 23: Mapa 1 Grupos de *RAP* por Bairro na cidade de Guarapuava-Pr.



Fonte: o autor (2018). Organização e Edição Gráfica: Silva. L. S. (2018)

Figura 24: Mapa 2 *DJ*'s por Bairro na cidade de Guarapuava-Pr.

Mapa 4 - Dj na Cidade de Guarapuava, 2018



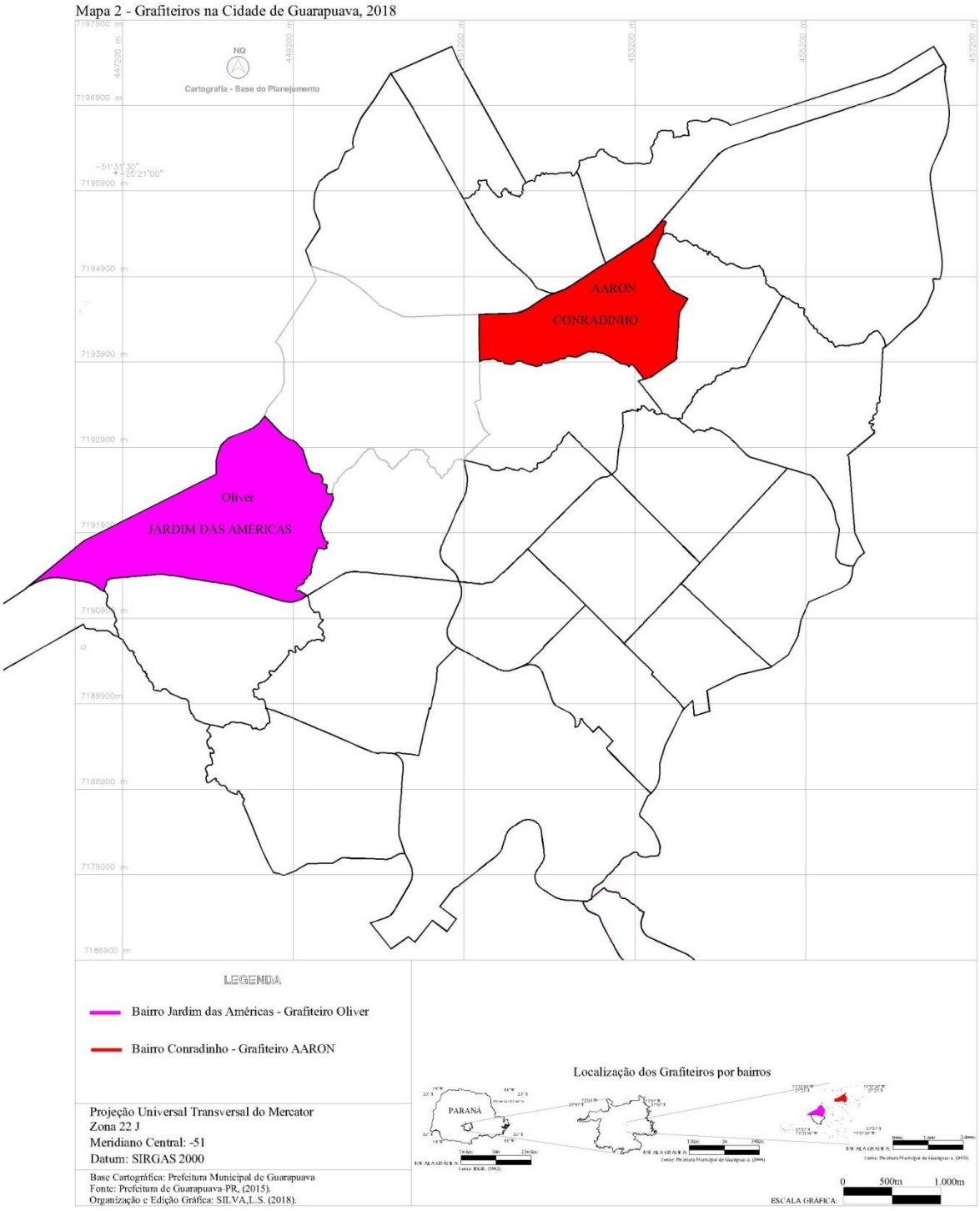
Fonte: o autor (2018). Organização e Edição Gráfica: Silva. L. S. (2018)

Nem todos os atuantes do *Hip Hop* estão descritos nos mapas devido a não terem participado da pesquisa, mas esse o *Hip Hop* da nossa cidade tem uma enorme entrada e saída de pessoas que por um tempo grafitam, por outro dançam, por outro se tornam *rappers* e por outro momento já não são nem um nem outro.

Guarapuava-Pr dispõe de alguns locais que os jovens adeptos do *Hip Hop* fazem uso como o Parque do Lago, Praça Cleve, Parque das Crianças, Parque do Jordão entre outros. Conta também com casa noturnas de shows voltadas mais ao público sertanejo e gauchesco. Alguns desses parques têm estrutura para a prática de *skate*, *bike bmx*, *bicicross* entre outros esportes e alguns locais o pessoal costuma se reunir para conversar e discutir sobre suas rimas, os grafiteiros deixam seus registros e o pessoal da dança marca sua presença nesses espaços.

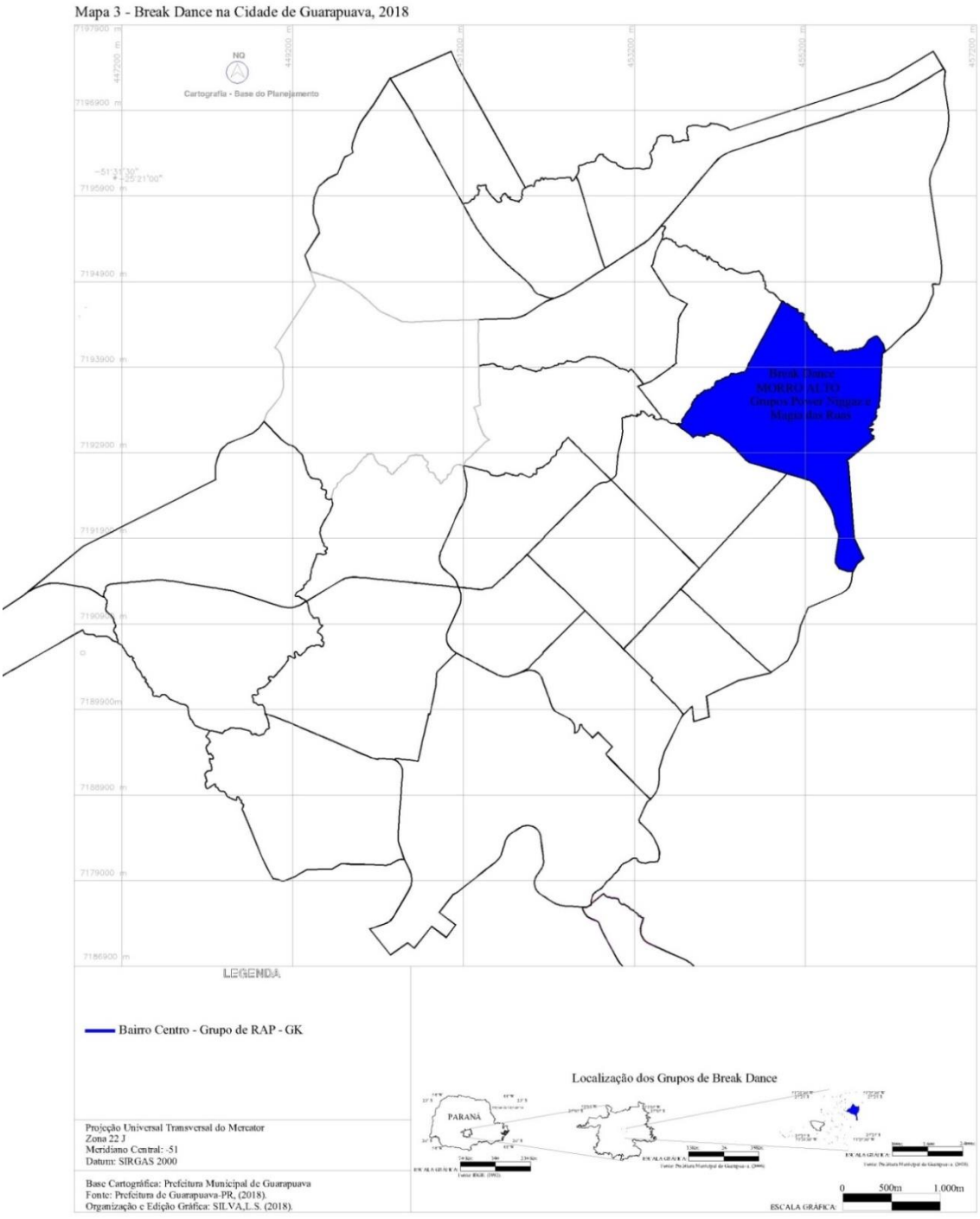
Outro mapa 3 (figura 25) que aqui apresentamos mostra os locais onde moram os grafiteiros Oliver morador do Bairro Jardim das Américas que já apresentamos um pouco quando apresentamos o *RAP* e o Aaron que mora no Parque das Árvores no Bairro Conradinho, esse local tem como ponto de encontro de *bikers* e mesmo os grafiteiros ou pessoal do *Hip Hop* no conhecido Parque da Criança, onde principalmente nos finais de semana tem uma grande movimentação pelas famílias Guarapuava-Prnas. O outro elemento apresentado no nosso último mapa com a localização dos participantes é a figura 26 mapa 4 apresentando os dois líderes dos grupos de Break da cidade, o Rodriguinho do Magia das Ruas e o Rafael do *Freezes*. Ambos moradores de um grande bairro da cidade o Morro Alto, fica próximo ao centro e parte em regiões mais periféricas devido a sua abrangência. Esses dois elementos do *Hip Hop* são os que mais tem entrada tanto nas escolas, universidades ou espaços como parques e praças pois tem uma aceitação diferente do *RAP* e do Grafite na cidade.

Figura 25: Mapa 3 Grupos de Grafite por Bairro na cidade de Guarapuava-Pr



Fonte: o autor (2018). Organização e Edição Gráfica: Silva. L. S. (2018)

Figura 26: Mapa 4 Grupos de Break por Bairro na cidade de Guarapuava-Pr



Fonte: o autor (2018). Organização e Edição Gráfica: Silva. L. S. (2018)

Mesmo com esses locais públicos já citados, muitos dos jovens dos bairros da cidade são segregados de utilizá-los e quando tentam ocupar esses espaços são por inúmeras vezes coagidos, a repressão e preconceitos se faz perceber pelos olhares devido as vestimentas ou acessórios que caracterizam essa cultura ou pode ser identificada ainda pelas gerais da polícia que se tornam situações cotidianas para esses jovens. Isso faz com que a maior parte do tempo sua diversão seja no seu próprio bairro com os amigos. A música “Na Casinha é Assim” do grupo V.P.M. mostra como se curte na quebrada (bairro), a letra vem falando de bebida, armas, drogas, meninas e mostrando a forma de diversão que por eles são encontradas.

Após o lançamento dessa música e do clipe que pode ser encontrado no canal do *youtube* três jovens foram assassinados a tiros na cabeça na casinha onde foram feitas as filmagens. A Rua XV de Novembro é uma das mais movimentadas da cidade de Guarapuava-Pr, e atravessa quase toda a cidade. Mas nesse pedaço onde se chama prolongamento e não é mais área central a mesma ainda é de terra, mostrando que o que chega com mais facilidade a esses locais de periferia é a violência. Violência que se comprovada nesse caso seria por parte do Estado. As pessoas relataram que viram viatura policial no local no momento em que tudo aconteceu, descreveram também que viram quando o barraco teve sua porta arrombada e ainda falam da marca de barro que ficou desenhada na mesma, muitos apontaram falando que era de coturno igual o usado por policiais. Segundo relatos os jovens foram rendidos, tendo que colocar as mão na cabeça e ainda entrelaçar os dedos, após atiraram neles na cabeça e por trás, sendo então os jovens executados na madrugada. Ainda segundo relato de testemunhas que não quiseram ser identificadas com medo de represálias, os jovens tinham sido por eles encontrados caídos ainda com as mãos entrelaçadas e que estavam de barriga para baixo e que quando pessoas da imprensa chegaram esses alteraram a cena do crime desvirando os rapazes para fazerem fotos, quando a polícia chegou a cena já estava alterada. Mesmo com esses relatos apenas sendo comentados pelos moradores não se teve continuidade no caso, não se soube mais nada. Nem por parte da polícia para tentar elucidar e nem por parte da população ou dos *rappers* para apresentarem a sua versão definitiva do caso.

Figura 27: Matéria referente à chacina

Fonte: g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/paranatv-2edicao/videos/t/edicoes/v/tres-jovens-foram-assassinados-dentro-de-uma-casa-na-vila-concordia-em-Guarapuava/5616807/ Acesso em 10/04/2018

Figura 28: Marcas de arrombamento

Fonte: g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/paranatv-2edicao/videos/t/edicoes/v/tres-jovens-foram-assassinados-dentro-de-uma-casa-na-vila-concordia-em-Guarapuava/5616807/ Acesso em 10/04/2018

6. Resultados e Discussão

6.1 Reuniões

Das cinco reuniões previstas apenas duas aconteceram. E essas contaram com aproximadamente vinte participantes cada uma. Eles descreveram estar interessados em conhecer mais sobre a cultura que representam e também consideravam positivas as propostas de trabalho apresentadas, sendo elas de empoderamento a partir de estudos, vídeos e documentários no cinema do *Hip Hop* na UNICENTRO, apresentações individuais dos participantes, oficinas dos elementos do *Hip Hop* e também eventos tanto na universidade quanto em parques e bairros da cidade como apresentamos em suas falas apresentadas no texto e para a privacidade dos participantes, reforço que foram denominadas como E1, E2...: "*que legal aquela reunião do Hood lá cara, eu vou na reunião por que o Hood vai falar um pouco da história do Hip Hop, e eu não sei a história né cara. " E5.*

Figura 29: Primeira reunião com os militantes do *Hip Hop*

Fonte: Próprio autor.

Nessa reunião trabalhei como mediador na tentativa de fomentar a atuação dos participantes como Comunidade de Aprendizagem, e identificar formas de contestação/resistência social dos elementos a partir dos relatos obtidos nas reuniões, podendo também interpretar as dificuldades de integração e interesses desses participantes.

Um dos fatos que ocorreu durante a realização dessa pesquisa fomenta a necessidade da discussão constante sobre o racismo e o preconceito nas instituições, pois no momento em que os militantes chegaram à universidade para participar da pesquisa, um grupo deles foi barrado pela segurança do local e foram questionados sobre o porquê de sua presença na universidade, em sequência foram

convidados a se retirar do *hall* de entrada. Os jovens tiveram que explicar que vieram a convite participar de uma reunião, mesmo assim o segurança insistiu para que se retirassem do interior do prédio da Universidade. Isso só não ocorreu, pois outros participantes me comunicaram e intervi explicando que os nossos encontros seriam realizados na Universidade e que era parte do nosso projeto e do NEAA a ocupação desse espaço acadêmico. Esse fato deu início a uma discussão e aguçou a vontade de realizar os encontros.

Pudemos perceber que mesmo com uma mudança nos militantes do movimento *Hip Hop* ainda tem esse preconceito pelas vestimentas, mas durante a reunião foi percebido que o estilo caracterizado do *Hip Hop* pelas roupas largas, como calças e camisetas, estão sendo substituídos por roupas mais justas, o boné aba reta continua sendo uma característica forte desse pessoal. Percebemos essas mudanças durante as falas que deixaram claro a questão do preconceito que sofrem com relação às vestimentas, também com as condições do trabalho que exigem uma imagem padrão com roupas mais justas, tanto nas calças e nas camisetas e boné que é muito característico pelos adeptos do *Hip Ho*p e que não é algo interessante visualmente para os contratantes das empresas. Alguns ainda apontam a questão da família, que por terem seus filhos e hoje com mais idade também não se sentem bem com o antigo estilo *Hip Hop*. Essa mudança pode também pode ser percebida por grandes nomes do *RAP* nacional e mesmo internacional que romperam com as roupas largas do *Hip Hop*. Mas durante os eventos as roupas largas saem dos guarda roupas, o evento parece ser um momento de aqui eu posso. O pessoal mais jovem e dos bairros ainda continuam nessa resistência do estilo de vestimentas largas, essa mudança percebemos mais por parte do pessoal mais velho do *Hip Hop* na cidade, o que pode ser pensado que é em alguns casos dos artistas mais renomados como uma forma de apresentar um novo momento, seja ele espiritual ou apenas apresentando a conquista de novos espaços ou mesmo a fama e dinheiro.

Podemos ver essa transformação no caso dos rappers *50 Cent* e *Eminem*, um antes e depois também do grupo de *RAP* nacional Racionais *MC*'s, se referindo as questões religiosas também podemos ter de exemplo o *rapper* Thiagão do Estado do Paraná, e isso pode ser uma grande influência para o estilo do *Hip Hop* dos dias atuais. Lembro que em Guarapuava-Pr o estilo de roupa larga desde quando eu

comecei sempre teve mais haver com os esportes, *skate* e *bmx*, qual levava os jovens também a se identificar com facilidade pelo *Hip Hop*. Nos dias de hoje as vestimentas dos praticantes dessas modalidades também já não são mais as mesmas.

Figura 30: *50 Cent* e *Eminem*

Fonte: Google Imagens

Figura 31: Eminem e 50 Cent

Fonte: Google Imagens

Figura 32: Racionais MC's

Fonte: Google Imagens

Figura 33: Racionais MC's

Fonte: Google Imagens

Figura 34: Thiagão

Fonte: Google Imagens

Figura 35: Thiagão

Fonte: Google Imagens

Para iniciar após essa situação que aconteceu logo na chegada dos participantes da reunião na UNICENTRO, resolvi então começar com uma

explanação do histórico da cultura *Hip Hop* e foram apresentados alguns trabalhos desenvolvidos em escolas com os conteúdos do currículo escolar trabalhados com o *Hip Hop*. As discussões foram sobre diversos assuntos ligados ao processo que ocorre aqui no *Hip Hop* local, desde eventos, quem faz o que, como ganhar dinheiro, como trabalhar na coletividade, entre outros. Na reunião conversamos sobre os pontos e os motivos para tais encontros, citando que faria parte de um processo de militância, ocupação de espaços públicos, reconhecimento e ao mesmo tempo unificação dos elementos e seus participantes, também seriam coletados dados para essa pesquisa.

Esse primeiro contato, foi importante para observar que os objetivos dos participantes são semelhantes no sentido de suas ideias com relação ao *Hip Hop* ter que ser unido e trabalhar na coletividade podendo ser mais valorizado e com força para desempenhar um papel social, cultural e político se articulado de forma coletiva, mas que o *Hip Hop* é desarticulado e fragmentado enquanto movimento. Foi também proposto um trabalho conjunto para um cinema na UNICENTRO onde seriam apresentados filmes, clipes, documentários sobre a história da Cultura *Hip Hop*, da coletividade, militância e resistência em quanto movimento, que não chegou a ser realizado.

Contei como iniciei minha caminhada na cultura *Hip Hop* apresentando materiais da realização de alguns trabalhos, como organizei os primeiros eventos na cidade e como aconteceu a primeira unificação dos quatro elementos do *Hip Hop* em um evento aberto em Guarapuava-Pr. Descrevi como entrei na rádio e criei o programa Sintonia *Hip Hop*, também como foram às primeiras palestras nas escolas e universidade e a iniciação na política partidária e a participação nas eleições. Pela caminhada posso afirmar que fui um dos pioneiros da cultura em Guarapuava-Pr e, mesmo não trabalhando com um elemento específico dos quatro elementos da cultura, ainda sou um militante ativo e que reivindica melhores condições para os participantes da cultura.

Esse encontro foi possível observar que alguns dos participantes do *Hip Hop* queriam um movimento que fizesse eventos beneficentes e outros que os eventos fossem realizados em casa de shows para que pudessem receber caches pelas apresentações. Ao se referir a política, um dos integrantes a definiu como sistema, e apontou que esse sistema tenta atrapalhar que as pessoas tenham educação de

qualidade, um trabalho bem remunerado e que isso é um problema que vem de várias gerações:

> *"A gente trabalha com falha do sistema, porque muitas vezes a gente ta num caminho que a gente nem entende, por que, que eu to no RAP mano, por que eu to no Hip Hop, por que a gente segue o instinto ta ligado, a gente ve que ta errado, quem aqui que trabalha que ganha mais de dois mil por mês aí, como que ta tua escolaridade, quem que te ensino você a ler um livro, você mexe com as paradas que o sistema fode, fode desde a tua mãe dos teus avós, ta ligado." (E5)*.

No discurso do militante a referência a uma origem ligada à opressão justifica a união dos militantes dentro de uma temática de revolta que transcende gerações. Para os participantes presentes na reunião o *Hip Hop* é muito importante na educação e formação de senso crítico e fundamental na sociedade. Os participantes acharam muito importante a ideia do empoderamento e a possibilidade de utilizar espaços tais como a universidade para assistir documentários de *Hip Hop* entre outros, isso acabou fomentando na ideia de fazer filmagens e documentários com a vida dos participantes do *Hip Hop* de Guarapuava-Pr:

> *"pega lá arruma uma câmera vamos fazer um documentário de cada um que ta aqui dentro contato sua história na quebrada e pá, e começar a juntar, tem que trabalhar aquele lado artístico que você colocou lá, e o lado artístico não é sentar na casa escrever um RAP e por em cima, porra beleza, legal, só que não é só isso mano, se não trabalhar aquele lado artístico de dentro da casa de cada um com uma câmera, trazer a vida de cada um pra nós estudar aqui, fazer um filme nosso aqui do Paraná, contando dos irmão que ta prezo" (E1).*

A valorização do conhecimento proveniente da experiência dos militantes e o conceito de Comunidade de Aprendizagem, nesse ponto se convergem. Uma vez que se considera a participação de todas as pessoas na dinâmica das comunidades e em sua educação, sem que se vejam limitadas por qualquer fator social, e assim possibilitar o vislumbro máximo de possibilidades educativas e culturais para si e para seu grupo e seus familiares (GABASSA, 2009).

Finalizando esse encontro foram marcados os pontos importantes para a próxima reunião, como a apresentação de cada participante contando sua história no *Hip Hop*, podendo assim conhecer e tentar entender o porquê da dificuldade de integração desses militantes: "*o que ta errado em Guarapuava-Pr é que a gente ta desunido mesmo, tem muita vaidade, entendeu, a gente ta estranhando os nossos,*

se matando entre nós sem se conhecer, por que já foi passado do nosso berço" (E5). A carência de conhecimento formal para valorização do próprio conhecimento, da importância da própria atuação e do reconhecimento dos demais integrantes como membros de uma mesma cultura é citada constantemente pelos entrevistados e contribui para que a situação de discriminação e preconceito continue se manifestando nas mais diversas esferas:

> *"Eu acho assim que a leitura pra nós, assim que vamos mostrar um novo movimento, mostrar o Hip Hop é muito importante sabe, e tem gente que nem conhece quem fez, o que tem, que nem você falou dos quatro serem importantes, o que a gente pensa o Hip Hop é só RAP e acabou, é muito mais, muito mais do que isso, então quando você mostra pras pessoas que você não conhece que você não sabe, as pessoas vão te criticar por que elas não veem essa riqueza que hoje a gente vê, eu vejo isso sabe [...]" (E9).*

Nessa fala um dos entrevistados cita a profundidade das representações do *Hip Hop* e que o conhecimento sobre ele agrega importância e visibilidade ao movimento. Além disso, a importância do reconhecimento entre os próprios integrantes. O diálogo não constitui apenas a verbalização de palavras e não tem como objetivo transferir o conhecimento especializado, mas a problematização e a forma oficial do conhecimento, questionando as relações dominantes que o produziram produzindo contestação e redescobertas do conhecimento. O diálogo está a serviço de uma educação para a emancipação (BAQUERO, 2012).

Os militantes não conhecem a caminhada e as contribuições que outros participantes desenvolveram ao longo de suas trajetórias na cidade. Essa individualização da caminhada de cada participante ou de seus respectivos grupos e o não diálogo com a história de outros integrantes é um dos fatores que contribuem para a fragmentação observada dentro do cenário do *Hip Hop* local. Isso já foi observado no trabalho de Turra Neto (2008) e confirmado no próprio discurso dos militantes.

Proporcionar a interação entre os representantes da cultura *Hip Hop* em longo prazo seria de extrema importância para que se efetivassem trocas culturais e apropriações dentro da influência que uns exercem sobre os outros. Essas trocas culturais por meio de apropriações, segundo Oliveira (2013), buscam o que é como e por que o é dentro da cultura.

Foi percebido durante as reuniões que alguns militantes se incomodam em ver muitas pessoas falar do *Hip Hop* sem conhecimento, apenas julgando pelo estereótipo. Confundindo o ouvir a música *RAP* com ouvir *Hip Hop*, ou a dança do Break com dançar *Hip Hop*, como algumas academias da cidade denominam dar aulas de dança *Hip Hop*: "*o pior que na verdade pra sociedade o Hip Hop é um estilo de som né, e na verdade o Hip Hop é o movimento que une os quatro elementos aí né." (E4). "Então assim o nosso movimento é o Hip Hop dos quatro elementos, não é brincadeira, a gente não ta ganhando dinheiro a gente ta aqui por amor, se você não respeitar isso, acredito eu que você está desrespeitando a sí mesmo ou tá no movimento errado não sei, é princípios e opiniões." (E5).*

Por outro lado, ainda dentro das participações nas reuniões encontra-se no próprio discurso dos entrevistados o uso da expressão ouvir *Hip Hop*, em algumas vezes até se referindo ao *RAP* internacional, como pode-se observar no trecho que segue: "*É a música mais escutada no mundo, quando eu comecei escutar Hip Hop em 90 lá House Of Pain, Cypress Hill velho, meu pai chamava de loco, se é loco cara tem que interna veio, então hoje eu ve o Hip Hop em todo que é carro é nacional e gringo, só que eu acho isso muito importante, então é a melhor fase do Hip Hop, então se o cara tiver uma ideia pra trocar que nem ela falou ali, salvar as pessoas mesmo." (E1).*

Segundo Souza (2009) muitos participantes reportam suas práticas se referindo a Cultura *Hip Hop* com um sinônimo de Movimento *Hip Hop*. Muitos ocupam espaços urbanos e dão formas as suas manifestações. Espaços estes renegados ou esquecidos na cidade, mas que se fazem visíveis e muitas vezes discriminados. Os participantes do *Hip Hop* agindo nesta conturbação urbana em que a violência e a pobreza são mais atuantes que manifestações artísticas dentro dessa cultura, surgem para mudar a própria cidade e estes espaços para que não sejam apenas visibilizados mas mudam a forma de visibilização dos mesmos.

Se reconhecer em quanto participante do movimento *Hip Hop*, exige uma postura de ser visto com respeito: "*Aí vem uma parte que temos que ser inteligentes, saber passar o que é os quatro elementos, o que é o Hip Hop e que a gente é uma família e não é um bando de arrombado." (*E8). Neste trecho o participante deixa claro uma expressão de revolta, de exigir reconhecimento. Konder (2002) classifica a revolta como manifestação típica do *Hip Hop* como de outros movimentos de

resistência. As formas distintas de possibilidade de reconhecimento como “bando de arrombados” e “família” destaca mais uma vez o preconceito que os integrantes sofrem e como eles distinguem seu olhar sobre si mesmo e o olhar o qual são submetidos por outros.

> A partir desta concepção, os principais elementos que fazem parte do Movimento *Hip Hop* possuem esta característica, ou seja, na rua encontram sua inspiração, é nela e, a partir dela, que constroem suas narrativas. Tanto o rap, que busca inspiração nas ruas, como o break, que é chamado de dança de rua, e o grafite, que é feito em muros e paredes na rua, todas estas práticas buscam na rua seu espaço de criação e manifestação. O que esta cultura nos permite refletir está e se constitui neste diálogo travado nas ruas (SOUZA, 2009).

A maioria dos participantes não demonstra interesse em trabalhar com o movimento para fazê-lo expandir e promover de forma unificada a Cultura *Hip Hop*. As necessidades mais visíveis são ganhar dinheiro e valorização pela atuação como artista, dentro do elemento que expressa seu talento. O reconhecimento é citado com grande importância já que é a forma que eles possuem de expressar seus talentos e libertarem-se da discriminação. Uma das principais reclamações é a falta de pagamento quando são solicitados para uma apresentação artística em eventos ou palestras. Eles comentam que, em muitos casos, o interesse por projetos sociais não ocorre e frequentemente os participantes sofrem exploração por parte da política partidária local.

Souza (2009) apresenta que o reconhecimento por seu trabalho é um objetivo de grande parte dos estilos musicais. No caso do *RAP* a circulação da música apresenta a importância dada ao bairro como espaço para fazer circular está música, devido a sua rede de sociabilidade.

A desarticulação do *Hip Hop* em Guarapuava-Pr foi alvo de um dos comentários dos participantes:

> *“O que tá errado em Guarapuava é que a gente tá desunido mesmo, tem muita vaidade, entendeu, a gente tá estranhando os nossos, se matando entre nós sem se conhecer, por que já foi passado do nosso berço, a gente vê o irmãozinho, eu não me do com aquele cara lá do outro bairro lá, puts você não se da cara, mas a blusa dele é igual a sua, o cabelo, o boné a calça, como assim mano, certo, aí você ve os outros no paraíso e você disputando qual vai sentar melhor no inferno, se ta ligado, então é assim, a intenção pra mim o RAP que eu acredito, é esse RAP, a gente tem que entrar no sistema, a gente tem que entrar do nosso jeito, com a nossa alma, com o nosso intelecto, a gente aprender mesmo e se unir ta certo, a gente tem que enriquecer os eventos de Hip Hop, a gente é uma célula dentro de cada bairro.” (E5).*

Esse trecho do discurso é carregado de informações sobre a interpretação do militante. Ele fala da desarticulação do movimento e cita a vaidade e o paradoxo o qual os militantes da cultura estão inseridos. Eles se revoltam entre si, “estranham os seus” mesmo com as semelhanças evidentes representadas no estilo, os manos quando entram em conflito uns com os outros não compreendem que dividem a mesma realidade de discriminação. Essa desarticulação, a definição que os integrantes da cultura estão disputando um lugar no inferno enquanto observam “os outros no paraíso” reforça o discurso de desigualdade social em que eles são submetidos e ao mesmo tempo a alienação de estarem se enfrentando entre si, e com isso se enfraquecendo enquanto movimento, enquanto precisariam de união para poder “entrar” no sistema com o próprio jeito, lutando pelos mesmos ideias.

Freire cita a que dentro de um determinado grupo e se referindo às relações de classes, há ao mesmo tempo clareza e confusão dentro das opiniões e expressões dos indivíduos do mesmo grupo e da mesma classe. “A clareza não é uniforme de grupo para grupo” (FREIRE, SHOR, 1987).

Essa forma de configuração do movimento na cidade bem como as tentativas de engajamento para que os militantes atuem como movimento coletivo já foi referenciado na pesquisa de Turra Neto (2008, p. 302) ao citar que “A Organização Uniação Atitude e Reação (O.U.A.R.) da qual eu coordenava teve o mérito de reunir, pela primeira vez em Guarapuava-Pr, os diferentes elementos da cultura *Hip Hop* que, até então, não tinham nenhuma articulação mais orgânica. Em eventos que a OUAR promoveu, procurou incorporar os *Breakers* os Grafiteiros, além do pessoal do *RAP* que, de uma forma ou de outra, sempre teve uma maior articulação, ou pelo menos estava mais permanentemente em contato. De toda forma, dos elementos da cultura *Hip Hop*, em Guarapuava-Pr, como, aliás, em outros lugares também, o *RAP* é que tem mais evidência, mais difusão e maior pluralidade de grupos envolvidos.” Essa é a terceira tentativa de articular o *Hip Hop* em Guarapuava-Pr, sendo a primeira com a O.U.A.R., a segunda com o Projeto do Sem Fronteiras da UNICENTRO intitulado Magia das Ruas na interação do Movimento Hip Hop de Guarapuava-Pr e a terceira com o presente estudo.

As iniciativas de possibilitar aos militantes seu reconhecimento e a possibilidade de atuação conjunta eram constantes durante as reuniões, mas principalmente na primeira delas: “Os espaços, aqui na UNICENTRO, olha esse é

um espaço que a gente pode estar usando, podemos vir aqui tirar um som, assistir um vídeo, fazer um cinema, trocar uma ideia, ler uns textos, todo mundo aqui pode contribuir com algo, somos pessoas pensantes, com uma bagagem enorme da rua, um conhecimento formal e informal enorme, então essa é uma das propostas, as oficinas pra gente poder estar trabalhando com o *Hip Hop* nos bairros, nas comunidades, nas universidades nas escolas, como movimento, é utilizar dos espaços pra vir aqui assistir documentários, enriquecer, produzir pra nós, documentários, clipes, estudar sobre o *Hip Hop*, cara tem muita gente que escreve sobre o *Hip Hop*" (E6). Segundo Sposito 1994 os pontos de encontro dos integrantes do movimento podem se caracterizar como modo de apropriação do espaço. Segundo outro participante da reunião: "A gente tem que saber, qual é o fim de tudo isso, o fim de tudo isso é evoluir, não adianta a gente fazer que nem você falou da oficina e não evoluir o negócio, não crescer, continuar na mesmice ta ligado, a gente não pode deixar isso acontecer" (E9).

Alguns participantes concordam que a possibilidade de apresentação em casas de show da cidade, com cobrança de bilheteria, valorizaria os grupos, como artistas sejam eles do *RAP*, Grafite, *Breakdance* ou discotecagem. Os artistas militantes mostram certa revolta com a realização de shows que contam com artistas renomados e conhecidos de outras cidades, não pela participação desses, mas pela desvalorização dos artistas locais que, na maioria das vezes não são convidados a se apresentar: "Se pra pagar os artistas de fora eles tem dinheiro, como não tem dinheiro para pagar quem é da cidade?". Essa revolta agrava a resistência dos militantes em trabalhar como conjunto, sempre entre eles há a desconfiança de estarem sendo utilizados como massa de manobra das políticas partidárias.

Como pesquisador e possuindo filiação partidária enfrentei essa barreira ao me propor a unir os participantes como movimento tendo que justificar a finalidade social do trabalho com o *Hip Hop*. O primeiro pensamento que os militantes têm é que todos os eventos e organizadores sempre possuem interesse de explorar os militantes para se autopromoverem ou lucrarem. Os organizadores de eventos são citados em conversas com os envolvidos do *Hip Hop* como pessoas que fazem para aparecer, que usam do *Hip Hop* para se beneficiar de alguma forma. Eles, contudo, reconhecem a importância dos eventos para apresentação de sua manifestação artística e, quando questionados sobre a possibilidade de um dentre eles tomarem a

posição e organizar eventos, para que se anule essa desconfiança de exploração, nenhum dos militantes se posicionou ou se manifestou com interesse em fazê-lo. Eles reconhecem que para realizar esse trabalho, há a necessidade de ser mais articulado, conhecer os meios e pessoas para que os eventos sejam realizados com sucesso e, em geral, se julgam incapazes de tal tarefa.

A distinção entre cultura e política como sendo um dos principais problemas para a articulação conjunta dentro da cultura *Hip Hop* citada por Felix (2004) se insere dentro desse contexto uma vez que mesmo com a iniciativa política e de liderança social não temos engajamento para a criação de um partido que defenda os ideais dos militantes e mais uma vez as atuações ocorrem de maneira isolada.

As reuniões foram pensadas em coletivo, assim a próxima data foi marcada conforme o melhor para todos os participantes, definindo que a próxima pessoa a apresentar sua história seria uma *B.Girl*.

A segunda reunião aconteceu no dia 23 de outubro de 2015 às 19 horas também no miniauditório da UNICENTRO. De início foi falado sobre a importância das oficinas e o que elas trariam de bom para quem pudesse participar: “Aula de *break*, e de *grafite* pra criançada, criança que não tem o que fazer, por exemplo, sai da escola ao invés de ficar pra rua vai pros lugar e vai fazer uma aula, vai fazer alguma coisa, aprender alguma coisa diferente” (E7). E, mais uma vez a importância da atuação foi reconhecida pelos militantes ainda que posteriormente sua efetividade não ocorresse por completo.

Na sequência todos acompanharam com atenção a explanação que foi muito importante, pois conhecer os integrantes do *Hip Hop* de Guarapuava-Pr estava dando certo e o reconhecimento por parte dos participantes era visível.

Figura 36: Segunda reunião com os militantes do *Hip Hop*

Foto: Próprio Autor

A *B.Girl* teve contato com o *Breakdance* em 2007 aproximadamente, ainda quando estava cursando o ensino médio, a partir de uma oficina de *Break* que aconteceu em seu colégio. Decidida a entrar de cabeça na dança iniciou sendo a única mulher a participar desse grupo. A partir daí vieram os eventos, as apresentações, as viagens, as mudanças de grupos. Também contou a experiência de conhecer nomes de expressão nacional na dança *break* e locais de grande importância do *Hip Hop* no Brasil como a Casa do *Hip Hop* em São Paulo.

O relato da participante foi muito importante quando citou o evento *Master Crew* que acontece anualmente na cidade de São Paulo que ela participou no ano de 2014. Ela falou sobre a diversidade que percebeu nesse local e que também encontrou dançarinas que eram referências para ela. Falou com entusiasmo dessa experiência vivida e que realmente Guarapuava-Pr se torna pequena em relação à diversidade.

Os integrantes do Break percebe-se que tiveram um apoio por parte das igrejas quais cederam seus espaços físicos para ensaios e apresentações: “Fui treinar um tempo com a piazada do *Best On Crew* 2008 mesmo, que eles treinavam na igreja ainda na Comunidade lá na Divino Espirito Santo, a gente treinava na salinha e o padre abria pra gente treinar também no salão da igreja, aí eu comecei a dançar com eles mesmo sendo a única menina a dançar, todo mundo ficava me olhando assim, o que você ta fazendo aqui, mas tava lá, aí em 2009 eu fui pro Magia aí de 2009 eu acho que fiquei até 2011, 2012 por aí só no Magia, e assim foi, ó esse aqui foi um dos campeonatos que eu participei, em 2009 mesmo eu fiz um workshop com o *B.Boy* Marcelinho da *Back Spin Crew*, a primeira *Crew* do Brasil, eles começaram a dançar em Santos, lá na São Bento, e eu tive um workshop com ele aqui na UNICENTRO, que foi o pessoal da Arte e Educação que promoveu, eu era bem novinha nessa foto, tinha 18 anos, aí começou as transições de *Crew*, em 2009 eu comecei no Magia, em 2010 eu dancei numa *Crew* que era *Impact Underground* o nome, é lá de Ponta Grossa, eu fiz até umas apresentações com eles nuns colégio de lá, e daí em 2010 quando eu tava aqui eu dançava com o *Best* também, eu ficava nessa, ia pra uma Crew, saía deum aia pra outra, é bom, fiz bastante amigos, aí eu voltei pro Magia e continuei no Magia até 2011, em 2011 eu saí e fui pro *Frezzes*, fiquei de 2012 a 2013 a gente ensaiava lá na igreja no CVV, igreja Caminho Verdade e Vida, aí em 2013 pra 2014 o Frezzes e o Best On Crew se uniram, formaram um

grupo só que se chama *Power Nigga'z*, só que por causa de algumas brigas, alguns transtornos aí no decorrer da caminhada separaram de novo, a piazada continuou com o nome *Power Nigga'z*, e agora a gente tem um novo grupo que se chama *Aliens Crew*, esse aqui foi um dos campeonatos, tem uma boa galera do *break* aqui reunida, então, essa é uma foto que eu curto bastante, tem bastante gente aí, tem até uns que já nem dançam mais, aí eu fui jurada num evento da Cufa em 2012 também que teve lá que o (E14) organizou, se tava presente né, você tava de Mc também lá, fui jurada lá no campeonato bem do além cheguei lá me botaram de jurada tal, participei praticamente de todos os campeonatos de break, tirando os do Rodrigo que ele faz no sábado eu não posso trabalho, mas eu participei de todos os campeonatos praticamente, aí os únicos campeonatos que eu levei foi um em 2013, que eu tirei primeiro lugar do break intense que foi do *Freezez*, e em terceiro no primeiro de maio 2014 que rola todo ano, aí essa aqui é umas fotos do *Master Crew* que a gente foi em 2014, é um evento que eu curti pra caramba por que em Guarapuava-Pr nunca vai chegar a ter um evento daquele tamanho, tinha muita gente boa naquele lugar" (E7).

O relato da integrante resume a história recente do *break* na cidade de Guarapuava-Pr e, revela além de conhecimento das origens do movimento ainda a atuação dissociada do restante dos elementos, característica já reconhecida em outros momentos da pesquisa. Nessa reunião foi também cogitada a ideia de montar oficinas para os participantes e o público em geral conhecer mais dos elementos do *Hip Hop* podendo assim desconstruir preconceitos relevantes a essa cultura e trazer mais adeptos para o movimento *Hip Hop* local.

Durante essa reunião foram apresentados eventos que seriam realizados na cidade, um no Parque do Lago e outro no Bairro Tancredo Neves e os participantes foram convidados a participar tanto como apresentadores quanto como organizadores dos eventos.

Ainda no segundo encontro um fato importante foi que um dos militantes comentou sobre a reação dos militantes do movimento *Hip Hop* em receber o convite das reuniões, descrevendo a importância do encontro para conhecer sobre a história da cultura *Hip Hop* visto que a realidade da cidade é diferente do que eles têm como estilo de vida. Ainda nessa reunião ficou definido que seria realizado um evento com a tentativa da coletividade e com a organização dos militantes do *Hip*

Hop que participavam dos encontros, esse evento seria na universidade e com objetivo de ocupar esse espaço acadêmico com a cultura de rua e ofertar a oficinas dos elementos do *Hip Hop* como também valorizar os militantes. As reuniões passaram a ter uma ideia mais séria e podíamos ver que alguns participantes já não tinham o interesse nas discussões como no primeiro encontro.

Ao termino desse encontro voltamos a destacar a ideia das reuniões serem no cinema da universidade qual passava por reformas. Pois o intuito era além das apresentações da história de cada participante que pudesse ser feito as apresentações de *RAP* de dança entre outras formas de deixar os encontros mais dinâmicos. Definimos então o dia e horário da próxima reunião bem como o participante que contaria sua história.

O próximo encontro foi marcado para dia 22 de janeiro de 2016 no miniauditório da UNICENTRO para darmos continuidade aos trabalhos propostos no ano de 2015. O final de ano foi um período de distanciamento, mesmo com uma divulgação maior e parecendo que as reuniões ficariam mais fortes e direcionadas o esvaziamento nesse dia foi maciço. O não comparecimento por parte dos convidados foi repentino e sem explicação alguma. A sala estava reservada e os equipamentos montados, aguardei até às 20 horas. Certo que não compareceria ninguém dei por encerrada essa atividade.

Sem pensar em desistir da tentativa dos encontros, solicitei ajuda na divulgação de duas acadêmicas do curso de jornalismo da UNICENTRO. Elas então gravaram um vídeo e postaram nas redes sociais, tentando assim atingir acadêmicos simpatizantes do *Hip Hop* e integrantes de demais movimentos sociais e comunidade em geral.

Esse encontro seria no dia 10 de março, quinta-feira a partir das 19 horas no miniauditório da UNICENTRO. Ansioso com esse dia, novamente encaminhei nos grupos das redes sociais, fiz convite no programa Sintonia *Hip Hop* e na data marcada deixei tudo organizado para que a reunião acontecesse, haja vista que as respostas dos participantes foram positivas ao convite. Com tudo certo na data prevista, sala arrumada, novamente os convidados não compareceram. Essa noite foi notada a real dificuldade de articular o *Hip Hop* como movimento. Não pensando em desistir dei continuidade aos eventos propostos nas reuniões. Porém, a essa

altura, já não contava com a participação dos militantes para colaborar na organização desses.

Segundo Silva e Silva (2008), a ação política não é algo igual em todos os indivíduos e nem algo natural muito menos imediato, mas resulta da interação estreita de vários processos. A militância política em certas críticas à falta de participação dos jovens perde o papel fundamental do trabalho, seja esse desenvolvido pela família ou por sindicatos e grupos políticos. Atribuindo a falta de interesse na participação os críticos deixam de indagar os interesses mobilizados por tais grupos que se envolvem na constituição da militância juvenil ou quando essa questão lhes concerne.

Sem desconsiderar as características de resistência, pode-se identificar algumas dificuldades de integração entre os militantes: falta de compromisso, trabalho, desentendimentos entre os participantes por divergência de ideias e, em algumas citações, a vaidade por parte dos participantes. Essas condições contribuem para que as ações da produção dos eventos coletivos fiquem apenas restritas a algumas pessoas, tendo uma breve participação coletiva como expectadores apenas durante as apresentações e nos horários marcados nos parques ou bairros.

Em unanimidade os militantes concordam sobre a impossibilidade de viver do *Hip Hop* como forma de trabalho, logo, as atividades profissionais tomam maior importância dentro de sua realidade do que a atuação como militante ou integrante do *Hip Hop*.

Nas primeiras reuniões em que os participantes mostraram interesse na articulação da coletividade, eles descrevem a importância que veem no *Hip Hop*. Citam possibilidades de aplicação na educação, e até mudanças que as oficinas podem proporcionar aos membros da comunidade e ao reconhecimento do conhecimento produzido pelos militantes. Esse reconhecimento por si só lhes confere caráter de empoderamento que pode ser desenvolvido nos indivíduos que optarem por atuar de forma efetiva em passar seu conhecimento a outros.

Além disso, os participantes admitem que a falta de conhecimento sobre o *Hip Hop* agrava as manifestações preconceituosas não somente por parte de externos, mas dentro da própria cultura e que o empoderamento ocorre a partir do conhecimento de sua realidade e de que movimento ele faz parte.

Os sujeitos do desenvolvimento são tanto os empoderados quanto os desempoderados. Porém, em um processo de empoderamento há uma posição favorável pelo progresso dos desempoderados, ao disporem de algum nível de poder para reagir diante da opressão, da exploração, da discriminação, do preconceito, da pobreza e da exclusão social (SILVA E CHAGAS, 2016).

6.2 I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO

A I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO que aconteceu do dia 11 a 15 de abril de 2016. Tendo uma programação com mostra de *RAP* e *DJ*, de Break e Grafite, oficinas e show de *RAP* para finalizar a semana. Evento aberto a toda a comunidade e gratuito.

Feito os cartazes, post virtual, criado página nas redes sociais referente ao evento e e-mail para as inscrições o processo de divulgação continuava realizado em mensagens pelos grupos em *Whatsapp*, *Messenger*, pessoalmente e pelo programa do Sintonia *Hip Hop* veiculado na Rádio UNICENTRO FM 99,7. Contando agora com o apoio das acadêmicas de jornalismo que além de cuidar das redes sociais do evento se empenharam a auxiliar na organização e realização dessa semana cultural.

Figura 37: Cartaz de divulgação da I Semana da Cultura *Hip Hop*

Fonte: Próprio autor.

Foi muito bom ler as mensagens nas redes sociais de apoiadores dos eventos como foi o caso dessa postagem do Guilherme M. Veiga: “Guarapuava conta com sua Primeira semana do *Hip Hop*, fico feliz de ver projetos *style* em prol da cultura rolando aqui na *city*. Força na peruca rapaziada, sempre rolo os bang aqui, pq sempre teve uns monstro que faz muito pelo bagulho, mas agora vejo mais força e mais gente pela causa, uma molecada nova (da qual eu faço parte, mesmo sendo "das antiga" ta ligado) fazendo uns bagulho diferente também, só não da pra subi pra cabeça em mulekoti, respeito é bom e nóis gosta e não tira a quebrada não que alto nível nóis tem de sobra”.

Esse é um adepto do *Hip Hop*, porém não participou de nenhuma das reuniões, mas esteve presente em alguns eventos.

No dia 11 de abril a partir das 19:30 horas foi feito a abertura do evento com uma fala sobre a Cultura *Hip Hop* no auditório principal Francisco Contini. Nesse dia o intuito foi à mostra de *RAP* e *DJ*. Como na cidade temos apenas dois *DJ*’s temos uma dificuldade em articular a participação dos mesmos em eventos, e nesse dia não foi possível que eles se apresentassem. Mas foram feitas explanações sobre a finalidade e a importância do *DJ* no *Hip Hop*. No telão foi apresentado vídeos de *DJ*’s realizando suas performances e um equipamento de discotecagem foi montado no palco, para que os demais participantes pudessem conhecer o instrumento de trabalho dos *DJ*’s. Esse equipamento foi disponibilizado pelo curso de Arte e Educação oriunda de outro projeto desenvolvido com o *Hip Hop* em Guarapuava-Pr em anos anteriores.

Figura 38: Primeiro dia da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, mostra de *RAP* e *DJ*

Fonte: Andressa Rodrigues

Os grupos de *RAP* subiram ao palco e com apresentações vibrantes e discursos politizados, cantaram seus *RAP*'s convidando o publico a interagir com eles. Músicas com temas românticos, religiosos e até mesmo de cobrança política foram o que marcaram a I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO.

Figura 39: Primeiro dia da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, mostra de *RAP* e *DJ*. Rapper NZumba

Fonte: Andressa Rodrigues Rapper NZumba

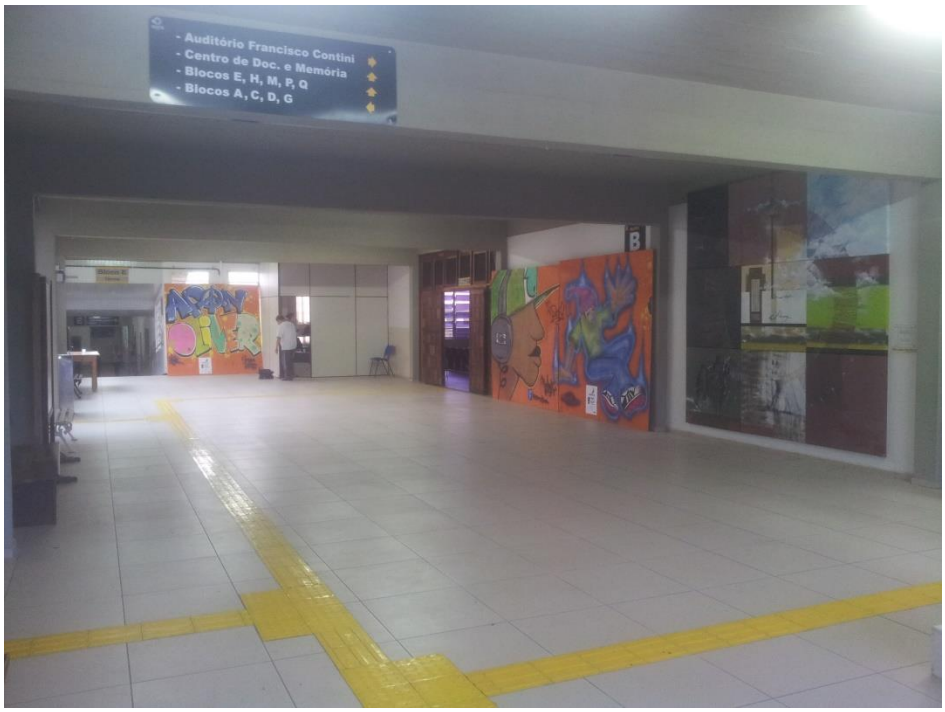
No segundo dia 12 de abril, foi mostra de *Break* e *Grafite*, sendo montada no palco do Contini uma parede de chapas de compensado para que acontecesse em sincronia as duas apresentações, em quanto o grafiteiro desenvolvia sua arte visual com seus sprays, os *B.Boys* e *B.Girls* faziam a dança contagiar o público com sua apresentação vibrante e intensa.

No dia seguinte a esse evento deixamos em exposição o trabalho feito pelos grafiteiros nas chapas de compensado. O interessante para todos nós participantes do *Hip Hop* e eu ainda mais enquanto pesquisador e militante, pois foi a primeira vez que dentro da universidade tivemos uma exposição do *Grafite* no seu *hall* de entrada, uma área de grande e de muito movimento pelos estudantes, isso trouxe para os grafiteiros uma valorização desse trabalho. Também claro com suas marcas registradas nas paredes do pátio da UNICENTRO próximo a área de alimentação do quiosque onde durante a realização das oficinas aconteceram esses trabalhos.

Figura 40: *Grafite* na I Semana da Cultura *Hip Hop* na Unicentro

Fonte: Rodriguinho

Figura 41: Exposição *Grafite* I Semana da Cultura *Hip Hop* na Unicentro



Fonte: Próprio autor

Figura 42: Segundo dia da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, mostra de *Break* e *Grafite*

Fonte: Aline Koslinski

O terceiro e quarto dia 13 e 14 de abril foi marcado por uma troca de informações e conhecimentos a partir das oficinas ministradas pelo pessoal do *Hip Hop*. As inscrições para as oficinas foram feitas antecipadas pelo e-mail unicentrohiphop@gmail.com e também no dia. Foi ofertada no quiosque da universidade a oficina de *RAP, DJ* e *Grafite*, em quanto no auditório Contini acontecia à oficina de *Breakdance*.

Figura 43: Panfleto de divulgação da oficina de Grafite

Fonte: Aline Koslinski

A ideia também era que os acadêmicos pudessem participar das atividades dessa semana, pois o evento foi também pensando no acolhimento dos novos

acadêmicos da universidade, porém esses não foram liberados das suas aulas e isso fez com que em alguns momentos das oficinas de *RAP* e *DJ* fosse diminuído o som das apresentações a pedido de professores que ministravam suas aulas próximas ao quiosque, também foi observado que em determinados momentos esses mesmos professores sentiam-se incomodados com o trabalho cultural que estávamos desenvolvendo, assim como alguns acadêmicos, o que reforça a necessidade de uma intensidade de trabalhos com o *Hip Hop* dentro de instituições de ensino pautando-se nas Leis 10.639/03 e 11.645/08 para apresentar mais da cultura negra e indígena podendo assim trabalhar a desconstrução de preconceitos.

Empoderar os militantes como ministrantes das oficinas contribui para a valorização do seu conhecimento sinestésico enquanto comunidade e agente cultural dentro do *Hip Hop*. Manifestar orgulho do próprio conhecimento não formal e reconhecer que ele pode ser utilizado enquanto Comunidade de Aprendizagem e fomentador no saber formal foi um dos resultados alcançados com a realização da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO.

Não é apenas a característica de educação não formal que pode ser evidenciada no movimento *Hip Hop*; as suas elaborações artísticas atingem a sociedade e principalmente as periferias urbanas enquanto meios de uma educação informal (MAGRO, 2002). Além dela as semelhanças com as características defendidas pela teoria das Comunidades de Aprendizagem auxiliam na valorização dos conhecimentos produzidos dentro da militância dessa cultura e acentuam o uso e a valorização desse conhecimento em outros ambientes além dos já efetivados pelos participantes.

O último dia 15 de aconteceu show de *RAP* na praça Juscelino Kubistchek de Oliveira em frente à UNICENTRO. Tendo início às 19:30 horas horas onde cada grupo participante teve o espaço para duas músicas de seu repertório. As participações para esse dia foram realizadas por e-mail qual se encerrou muito rápido devido ao cronograma do evento.

No dia contamos com aproximadamente doze grupos de *RAP* da cidade e região, pois alguns solicitaram participar na hora e de pronto foram encaixados na programação então a sequência das apresentações foi conforme a realização das inscrições por e-mail e no local. Essa foi à sequência e os grupos que se apresentaram Jenifer Mc, Caçadores do RT, Meraki, Primata, Detentores da Rima,

Comarca 42, Groul, Mr. Vato, Poeta Jão, Diego Souzzah, Mano G.K., Black e Mano Teley alguns desses nomes não se encontram no mapa de descrição dos grupos, pois o contato foi apenas durante o evento.

Figura 44: Encerramento da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO

Fonte: Luiz Ricardo Rech

Alguns inscritos não se apresentaram devido a não chegarem a tempo ou apenas não comparecerem ao evento. O público compareceu para apreciar as apresentações e interagiu junto com os *rappers* que entoaram seus ritmos de protesto e cobranças por parte de autoridades políticas e de segurança pública.

Figura 45: Show de *RAP* na Praça dia da I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO.

Fonte: Andressa Rodrigues

No dia 04 de maio foi solicitado por meio de mensagens aos participantes da 1ª Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, o nome completo e CPF para a produção dos certificados, passado para o setor responsável da universidade qual até o momento não disponibilizou esse comprovante aos participantes, palestrantes e organizadores devido a não mais fornecerem certificados apenas com o CPF.

A etnografia é um método de estudo e registro das características de um determinado grupo social e faz parte do grupo geral das pesquisas antropológicas. Ela descreve os detalhes dos comportamentos e atuação do grupo observado. É a partir da observação que o antropólogo interpreta os dados para compreender como a realidade dos indivíduos acontece (TOSTA, 2005).

Na I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, muitos participantes que não se fizeram presentes nas reuniões compareceram, isso foi muito importante para que o evento ganhasse a visibilidade de movimento e as tentativas de continuidade do coletivo pudessem ser vislumbradas por um maior numero de militantes. Essa Comunidade de Aprendizagem social se da por pessoas de um mesmo movimento, que trocam saberes a partir da arte dos elementos do *Hip Hop*, mesmo que esses encontros sejam isolados e não articulados enquanto atuação conjunta sempre se produz o saber, sendo o que move esses participantes é o fazer parte de um dos elementos.

6.3 Eventos Itinerantes

Após a I Semana da Cultura *Hip Hop* na UNICENTRO, essa pesquisa ainda tinha um cronograma a ser cumprido. Pode ser percebido que o *Hip Hop* local é fragmentado. Essa dificuldade de interação e a falta da participação nas reuniões tornam quase que impossível trabalhar na coletividade. O projeto que leva o nome do programa de rádio Sintonia *Hip Hop* agora esteve nos Parques e Praças dando continuidade nesse processo, sendo um último passo para verificar as formas de configuração do *Hip Hop* em Guarapuava-Pr.

Esses eventos foram realizados com o intuito de valorizar os participantes do *Hip Hop*, dando espaço e condições de se apresentarem em locais públicos e ao mesmo tempo em bairros da cidade onde o consumo por essa cultura é de grande expressão.

A proposta foi de um evento acontecer na área central da cidade e outro em um bairro, tinha como interesse que cada vez mais os adeptos dessa cultura ocupassem esses espaços da cidade, indo aos bairros e assim fazendo o convite a esses participantes para interagirem nos próximos eventos centrais, ocupando os parques e praças.

O primeiro evento aconteceu no *deck* do Parque do Lago no dia 17 de abril de 2016 das 14 às 18 horas, com o título Sintonia *Hip Hop* no Parque Instrumentalizar e Desconstruir Preconceitos. Esse e os demais eventos organizados passaram por tentativas de reuniões para definir locais, horários entre outros processos na tentativa da interação dos participantes do *Hip Hop*. Essas tentativas foram frustradas, pois os participantes não tinham tempo ou quando foi possível conversar com alguns era apenas pra definir se iriam ao evento ou não. Como as tentativas de coletividade não estavam mais surtindo efeito foi necessário dar continuar a programação e tentar buscar mais resultados dessas dificuldades de integração entre esses participantes.

Esse evento reuniu os grupos de *RAP* Voluntários Pra Missão, Mano Teley, Detentores da Rima, Diego Souzzah, Polako CJA e Caverna, o Break foi por conta do Power Niggaz e o Grafite contou com o Oliver.

O evento teve diversos apoiadores que patrocinaram brindes para sortear ao público presente no evento e a parceria com a Prefeitura Municipal de Guarapuava-Pr a partir da Secretaria de Esportes e Recreação na qual eu trabalhava como Diretor de Departamento de Recreação e Lazer onde em conversa com o secretário e os devidos encaminhamentos de ofícios solicitando a parceria para o evento foi possível ter brinquedos como cama elástica, perna de pau, mini vôlei entre outros para as crianças brincarem gratuitamente, podendo assim agregar ao evento um momento que a família pudesse participar.

Figura 46: Panfleto de divulgação dos eventos itinerantes em parques da cidade

Fonte: Próprio Autor

Foi à tarde do *Hip Hop* onde jovens de diversos bairros puderam expressar seus sentimentos e ao mesmo tempo sentir-se transformadores do local. Esse evento não contou com presença de *DJ*. A importância de ser nesse local é que nele se encontrava adeptos que vieram para apreciar as atrações do *Hip Hop* assim como pessoas que estavam apenas passeando pelo parque e que puderam também conhecer um pouco mais dessa cultura, possibilitando maneiras de desconstruir preconceitos a partir dessas apresentações.

Figura 47: Evento Sintonia *Hip Hop*

Fonte: site guarapuava.pr.gov.br Acesso 10/05/2015

O segundo evento ocorreu no Bairro Xarquinho que segundo o senso 2010 conta uma população aproximada de 10.248 habitantes sendo que a população masculina representa 5.101 habitantes e a população feminina, 5.147.

O Sintonia *Hip Hop* no Bairro ocorreu no dia 24 de abril de 2016 das 14 às 18 horas contando com os seguintes participantes do RAP, Voluntário Pra Missão, Mano Teley, Detentores da Rima, Polako CJA, Caverna e Poeta Jão, o Break foi representado pelo grupo *Power Niggaz* e o grafite ficou por conta novamente do Oliver.

O grupo Voluntário Pra Missão inovou nesse evento tocando com uma banda convidada, deixando o publico ainda mais empolgado.

Tivemos os mesmos apoiadores que colaboraram com brindes para o publico que foi prestigiar o evento. Nesse dia foi feito convite aos presentes para comparecerem no próximo evento Sintonia *Hip Hop* no Parque do Lago que seria dia 22 de maio que já contava com mais participantes de outras culturas como as artes marciais capoeira e *muay thai*, também a parceria com os proprietários de carros antigos que fariam uma exposição de seus veículos nesse dia. O evento foi divulgado e devido à chuva foi adiado sendo remarcado para o dia 19/06/2016 foi

criado um grupo no *Messenger* para no coletivo discutir como seria a organização com os grupos de *RAP*, quem grafitaria, qual seria o pessoal do *Break,* os horários e as parcerias com outras atrações como capoeira, *muay tai* e nesse evento além dessas atrações teríamos para as crianças brinquedos infláveis gratuitos em parceria com a prefeitura e ainda a exposição de carros antigos com o grupo *VillaVolks.* Esse evento tinha tomado uma proporção grande, conseguindo diversos parceiros. Mas infelizmente não chegou a ocorrer devido a chuva no dia e nos demais finais de semana, fazendo com que o contato com o pessoal fosse ficando difícil e não ocorrendo o Sintonia *Hip Hop* no Parque.

Figura 48: Sintonia *Hip Hop* no Parque

Fonte: Próprio autor

Esses dois eventos sendo cancelados dava um distanciamento e uma dificuldade de reunir para uma próxima data esses participantes dando essa sequência de eventos por encerrada. Pois já tínhamos materiais para serem sistematizados na tentativa de apresentar respostas aos nossos anseios de pesquisador.

Os eventos no Parque do Lago e no Bairro Xarquinho foram essenciais para que essa comunidade do *Hip Hop* apresentasse suas manifestações artístico-culturais. As oficinas aconteceram somente na I Semana, o grafite foi realizado em chapas de compensado que ficaram expostas no hall de entrada da universidade e também sendo realizados nas paredes externas do quiosque quais são visíveis até hoje.

Felix (2004) descreve que a ida do *Hip Hop* brasileiro para as ruas possibilitou seus integrante a assumir uma postura política de confronto sobre as condições de vida dos negros brasileiros e, como pode ser visto nas ultimas imagens nossa maioria ainda é negra e luta pelo reconhecimento. Também notou diversas tensões e expressões do *Hip Hop*, observa-se que a divisão entre cultura e politica é a principal responsável pelos conflitos encontrados, e essa divide o movimento e separa as posses.

O contato com o pessoal do *Hip Hop* e minha militância devido a apresentar o programa Sintonia *Hip Hop* e organizar esses eventos continua, pois sempre tem entrevistas no programa para lançar músicas e grupos novos no cenário do *RAP* local, também os shows e eventos continuam, assim como palestras em escolas e universidades.

6.4 V SIEPE

Nesse mesmo ano um grande evento marcou a cidade e universidade UNICENTRO. O V SIEPE (Semana de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão) no dia 26 de outubro de 2017 o *Hip Hop* se tornou parte das atividades com a tarde destinada ao Grupo de Trabalho: Cultura Urbana e Direitos Humanos e a noite as apresentações culturais: Sintonizando os Direitos Humanos e a Cultura *Hip Hop* onde fui coordenador de ambos. Nesse dia recebemos vários integrantes do *Hip Hop* de Guarapuava-Pr e também do Paraná. *Shows* de *RAP* ocorreram dentro do auditório Francisco Contini, o qual ficou lotado. Como o convite ao *Show* foi aberto a

toda comunidade e por se tratar de *rappers* conhecidos nacionalmente o público das periferias e adeptos da cultura *Hip Hop* compareceu em grandes volumes, bem como estudantes, crianças, jovens e adultos dos mais variados estilos. Pôde-se perceber na prática a afirmação feita por Tella (1999) em que descreve que o *RAP* faz do gesto de escutar o CD ou ir a um *show*, um gesto de discordância social: várias pessoas entraram na universidade portando bebida alcoólica e outros entorpecentes, fazendo uso dos mesmos durante o *Show* de *Rap*.

Figura 49: Cartaz Evento V SIEPE 2017

Fonte: próprio autor.

Figura 50: Foto do GT Direitos Humanos, Culturas Urbanas e *Hip Hop*

Foto: Any Ossak GT Direitos Humanos, Culturas Urbanas e *Hip Hop*

Silva e Silva (2008) aponta que o *Hip Hop* é um objeto de estudos para além de explicações de apenas aspectos positivos que este desempenha junto aos jovens segregados. Sugere analisar o processo de fabricação e que é necessário que seja utilizado o modelo num paradigma preventivo para a identidade cultural que os jovens pobres e negros, visto como perigosos à ordem social construam formas de sociabilidade menos violentas.

7. Considerações Finais

Esse trabalho apresenta um recorte de uma caminhada de aproximadamente vinte anos em busca do trabalho em coletividade do movimento *Hip Hop* em Guarapuava-Pr. Sabe-se que ainda há muito trabalho a ser feito para que os militantes e/ou simpatizantes valorizem os seus saberes e aprimorem sua atuação de modo que vislumbrem serem vistos não apenas como artistas, mas como detentores do conhecimento e participantes de um grupo de militância e resistência para não serem apenas vistos como estereótipo.

A forma como a cultura *Hip Hop* se desenvolveu em Guarapuava-Pr, seu histórico de tentativas de articulação e as posteriores fragmentações lhe atribui uma singularidade enquanto cultura de resistência dentro da delimitação espacial e temporal em que se encontra. Têm-se membros ativos e participantes da política local, ainda que inseridos em partidos com características de dominadores. A militância e o empoderamento desses membros ocorrem fragmentada, mas suas atuações têm repercussão e fazem os militantes do *Hip Hop* ganhar visibilidade se mantendo como cultura de resistência.

Os participantes desta pesquisa foram considerados como adeptos do *Hip Hop* e participantes de uma cultura, com suas representações específicas. Apesar de apresentarem características suficientes de engajamento e resistência a ponto de poderem ser classificados como movimento de resistência negra e de reivindicação, as iniciativas por melhorias de qualidade baseados nos problemas sociais por eles enfrentados ocorrem de maneira desarticulada. Mesmo após a possibilidade de participação como ativos, com os planejamentos das atuações conjuntas nas reuniões, em pouco tempo os participantes se evadiram e a possibilidade de articulação perdeu força resultando no restante da pesquisa sendo desenvolvida tendo a maioria dos participantes como expectadores. Essa evasão pode ser considerada também como forma de resistência, uma vez que a participação efetiva como ministrantes de oficinas os obrigaria a seguir determinado modelo e forma de atuação o que implica diretamente na forma como eles veem e atuam dentro da sua cultura.

O uso do *Hip Hop* para a discussão de processos de aprendizagem é um campo de estudos a ser mais explorado, pois questões como o reconhecimento de saberes e o empoderamento social pode, em hipótese, fomentar o debate acerca da

aprendizagem em comunidade, pois as próprias características das linguagens da cultura *Hip Hop* formada por seus quatro elementos são baseadas nos movimentos corporais do *Breakdance*, nas batidas entoadas pelos *DJ*'s (*Disk Jokey*), nos versos e improvisos do MC (Mestre de Cerimônia) e nas habilidades da arte visual a partir do Grafite, oferecem um amplo leque de possibilidades de diálogo entre comunidade e instituições de ensino podendo a partir das oficinas desenvolvidas com os elementos do *Hip Hop* possam trabalhar com as Leis 10.639/03 e 11.645/08.

As tentativas de valorização da cultura *Hip Hop* e o despertar da militância em pessoas que são adeptos dessa cultura prosseguirão para além do período destinado a esse estudo. Visto que, a luta de valorização da cultura afro não é possível de ser defendida em um período delimitado de tempo. Corroborando com o trabalho de Ferreira e Camargo (2011), acredita-se que as iniciativas descritas nesse estudo podem ser o caminho para que os integrantes negros do *Hip Hop* passem a valorizar suas características físicas e apresentar atitudes afirmativas frente a situações de discriminação e os valores de raízes africanas podem ser vistos como positivos.

8. Referências

ABRAMO, H.W. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta-Anpocs; 1994.

ANDRADE, Eliane Nunes de. **Movimento Negro Juvenil:** um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo. Dissertação de Mestrado defendido na Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo, 1996.

BAQUERO R. V. A. Empoderamento: Instrumento de Emancipação Social? – Uma Discussão Conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.

BERNARDINO J. Ação Afirmativa e a Rediscussão do Mito da Democracia Racial no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 24, nº 2, 2002, pp. 247-273.

BHABHA, H. K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BIANCHETTI, R.G. **Modelo neoliberal e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez; 1997.

CASTELLS, M. **A transformação do mundo na sociedade em rede**. In: Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 157-174.

CUENCA J. Los Jóvenes que Viven en Barrios Populares Producen más Cultura que Violencia. Revista colombiana de Psicologia. vol.25 no.1 Bogotá Jan./June 2016.

DOWING, J.D.H. **Mídia radical:** rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.

FELIX, João Batista de Jesus. **Chic Show e Zimbabwe**: a construção da identidade nos bailes black paulistanos. Dissertação de Mestrado defendida na FFLCH / USP, 2000.

FELIX, João Batista de Jesus. ***Hip Hop*: Cultura e Politica no Contexto Paulistano**. Tese de Doutorado FFLCH / USP, 2004.

FELIX, J.B.J. ***Hip Hop*:** cultura e política no contexto paulistano. 2005. 206 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, São Paulo, 2005.

FERREIRA R. F.; CAMARGO A. C. As Relações Cotidianas e a Construção da Identidade Negra. **Psicologia: Ciência E Profissão**, 2011, num. 31 ed. 2, pág. 374-389.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GABASSA, V. Comunidades de Aprendizagem: A Construção da Dialogicidade na Sala de Aula. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. SÃO PAULO, 2009.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro, Editora 34, 2001.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: antropologia e experiência etnográfica. Etnográfica, X(1):161-173. Centro de Estudos de Antropologia Social (ISCTE), Lisboa. 2006.

GOMES, M. F. V. B. Cartografias da paisagem: Trajetória socioambiental de Guarapuava. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

GONÇALVES, M.G. **Racionais MC´s:** o discurso de uma juventude excluída. [tese] São Paulo (SP): Faculdade de Educação da USP; 2001.

HAAG, C. Quem não sabe dançar improvisa: hip-hop oferece aos jovens da periferi a chance de existência social. **Humanidades***.* 2008. Disponível em: <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/index.php?art=3416&bd=1&pg=1&lg>. Acesso: 10 ago 2009.

HALL, S. O que é esse "negro" na cultura negra de massa? In: SOVIC, L. (org). **Pensando a Diáspora**: etnia, mídia, cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

HERSCHMANN, M. **O funk e o *Hip Hop* invadem a cena***.* Rio de Janeiro: UFRJ. 2000.

KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LESSA, S. C. N. **A Diversidade Étnico-Racial e a Lei 10.63/03: práticas, discursos e desafios – um estudo de caso na Escola Municipal de Lavras Novas – MG.** 2015.

MAGRO V. M. M, **Adolescentes Como Autores De Si Próprios: Cotidiano, Educação E O *Hip Hop*** Cad. Cedes, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 63-75. Disponível em http://www.cedes.unicamp.br

MARTINS, C. A.; MORAIS, C. W. J. **Antropologia e educação: breve nota acerca de uma relação necessária**. Educação em Revista, n.6, p.83-94, 2005.

MELUCCI, A. **A invenção do presente**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NECKEL L. C. AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO DESDE A PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA: CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DAS EQUIPES MULTIDISCIPLINARES DO NRE/PR. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. 2017.

OLIVEIRA, Amurabi. Algumas pistas (e armadilhas) na utilização da Etnografia na Educação. Educação em Foco, 2013, 16.22: 163-183.

OLIVEIRA, S.C. Para uma análise semiótica do discurso presente no texto da música *RAP*. [tese] São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; 1999.

PRETTI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: EDUSP; 1984.

_____ ROMANO J. O. **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro : ActionAid Brasil 116p. 2002.

REAL *HIP HOP*. **Entrevista com MV Bill**. Disponível em: <http://www.realhiphop.com.br>. Acesso em 10 ago 2009.

ROCHA, G., & TOSTA, S. P. (2009) Antropologia & Educação. Belo Horizonte: Autêntica.

ROCHA, J; DOMENICH, M; CASSEANO, P. **Hip-Hop** – a periferia grita. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

ROSE, T. ***Black noise***. *RAP* music and black culture in contemporary América. Londres/ Hanover: University Press of New England, 1994.

ROSO A. ROMANINI M. Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico. **Psicologia e Saber Social**, 3(1), 83-95, 2014.

SHUSTERMAN, R. A arte do *RAP*. In: **Vivendo a arte**. O pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Editora 34, 1992.

SLOTERDIJK, P. O colo e a jangada – esboço de uma paleopolítica. In: **No Mesmo Barco.** Ensaio sobre a Hiperpolítica. Lisboa: Século XXI, 2000, p.22 - 23.

SIMÕES J. A. **Entre percursos e discursos identitários: etnicidade, classe e género na cultura hip-hop Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): pág. 107-128, janeiro-abril/2013.

SILVA L. V. L; CHAGAS N. S. O Empoderamento como Processo de Conscientização e os Sujeitos da Educação. **III Conedu – Congresso Nacional de Educação**, 2016.

SILVA D. W., TURRA NETO N. Movimento *Hip Hop* de Guarapuava: primeiras aproximações. I Workshop regional de Geografia e mudanças ambientais desafios da sociedade do presente e do futuro. UNICENTRO, 2007. ISBN: 978-85-89346-55-9

SILVA R. L.; SILVA R. N. Paradigma preventivo e lógica identitária nas abordagens sobre o *Hip Hop*. Fractal, Revista de Psicologia. vol.20 no.1 Rio de Janeiro Jan./June 2008.

SOUZA A. M. Montardo D. L. O. Música e musicalidades no movimento *Hip Hop*: *RAP* gospel. Vibrante, Virtual Braz. Anthr. vol.8 no.1 Brasília Jan./Junho 2011.

SPOSITO, M.P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Rev Sociol USP** 1994; 161-178.

TELLA, M. A. P. *RAP*, memória e identidade. In: ANDRADE, E.N. (org.). ***RAP* e educação, *RAP* é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

TOSTA S. P., **Antropologia E Educação: Interfaces Em Construção E As Culturas Na Escola**. Educação em Revista, n.6, p.83-94, 2005.

TURRA NETO, Nécio. Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade / Nécio Turra Neto. – Presidente Prudente: [s.n], 2008.

VIANNA, Hermano. **O Mistério do Samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora e Editora da UFRJ, 2002.

Informações sobre caracterização e histórico da cidade de Guarapuava, disponível em: www.guarapuava.pr.gov.br – www.cidades.ibge.gov - Acessado em 20/11/2017.

www.guarapuava.pr.gov.br/turista/sobre-guarapuava/ Acesso 07/03/2018

www.cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/guarapuava Acesso 07/03/2018

www.cartacapital.com.br/diversidade/empoderamento-instrumento-de-luta-social-joice-berth Acesso 10/09/2018

9. Anexos

Reunião na Íntegra

A primeira reunião aconteceu no dia vinte e cinco de setembro de 2015 com a participação dos militantes do *Hip Hop* e também adeptos e comunidade, foi feito uma exposição com livros, revistas, recortes relacionados ao MHH da cidade de Guarapuava.

E6: Poxa, é uma satisfação muito grande mesmo fazer um convite bem informal na verdade. Muitas vezes a gente não tem aquele contato tão grande como gostaria de ter, de estar trocando uma ideia se encontrando se reunindo. Mas eu acho que hoje é uma das oportunidades que Deus colocou para nós de se encontrar com uma cabeça mais madura de repente, uma formação mais preparada uma troca de ideias pra pensar como movimento. Tem várias pessoas que eu tenho conversado, algumas chegaram a mim que sentem uma necessidade muito grande e eu sempre senti essa necessidade de se falar no MHH, mas de se trabalhar os quatro elementos como Afrika Bambaataa colocou lá no passado. Ninguém inventou nada aqui ninguém inventou a roda, ela já estava pronta quando nós pegamos então uma das coisas que a gente fez até hoje, muitos que participam e interagem com a cultura *Hip Hop* é trazer o respeito para essa cultura é demonstrar que está ali vestindo uma bandeira que não é minha que não é do E5, que não é do E11, que não é do fulano ou ciclano, é de todos. É representar quando se fala numa letra que vai representar a periferia é vestir realmente a vida da periferia, entendeu, é falar do racismo falar do preconceito, falar das necessidades básicas que a nossa sociedade tem que a nossa sociedade enfrenta, a gente sabe que o mhh faz isso muito bem, faz isso com toda a garra que ele tem, seja a música, seja no grafite, seja na instrumentalização a partir das pikups, então tudo isso, hoje faz muito tempo que eu tenho essa vontade de estar trocando essa ideia com vocês. Mas foi passando os anos, foi passando os anos e as coisas vão acontecendo, eu muitas vezes fui apenas ligado no programa, apresentando o Sintonia e falando não, não vou mais fazer isso, não vou mais mexer com aquilo, mas não mano minha vida é trabalhar com o *Hip Hop*, a minha vida toda, se eu pensar desde os meus... ano de 1994 quando comecei a andar de skate aí conhecer o *RAP* a gente se colocou a disposição do MHH. Não vim hoje pra falar do Mano E6 a minha ideia é que a gente fale enquanto movimento, mas eu vim pra apresentar algumas coisas que eu como

integrante do movimento tenho que dar esse respaldo pras pessoas que são do MHH, pras pessoas que interagem, que vão aos colégios que levam a dança que levam o grafite, que vão fazer uma fala quando são chamados, que vão tocar em um evento, então eu como um cara da comunicação que ta na rádio eu me sinto nessa necessidade de ta trazendo isso pra vocês, eu vou passar alguns slides rapidamente também não fiz nada que leve mais de uma hora e meia, pra gente ir trocando uma ideia com relação, há me interrompam a hora que quiserem, podem ficar a vontade, E5 você falou que iria falar pouco mais eu quero que fale bastante, eu quero que esse momento não seja primeiro e único, esse é um ponta pé para que outros aconteçam. No decorrer que eu for trocando ideia aqui eu espero que vocês vão entendendo da mesma forma que eu sentei lá pra tentar passar meus pensamentos pra esses slides. Então eu desde 2003 estou no Sintonia *Hip Hop*, graças a Deus eu tive a oportunidade de estar lá. Em 99 já fazíamos as festas na casa dos meus pais né, até mostrei o convite ali, porra no tempo que dava pra fazer festa com um real mulher dois reais o homem, então eu participo do Núcleo de Estudos Ameríndios e Africanos aqui na UNICENTRO por conta do mestrado que eu faço aqui, é o nosso tema de hoje Movimento *Hip Hop* em Guarapuava, nós sabemos que chegamos a muitos outros cantos né.

Apresentação E6: Africa Bambata unificou ele tornou quatro elementos em apenas um MHH, por isso sempre friso a importância desse movimento caminhar junto seja ele numa escola ou em uma apresentação seja ele numa fala, lembrar dos outros elementos. Nem que eles não estejam presentes, mas falar que não é só o RAP, que não é só a dança, que eles são quatro e que esses quatro se unificam. E que desses quatro africa bambata falou assim, rapaziada além desses quatro elementos eu vou deixar um muito importante que é o conhecimento. É vocês se instrumentalizarem por que é a única maneira de vocês transformarem a vida de vocês. É ou não é E5? Temos que nos instrumentalizar né mano? É isso aí! Então assim o grupo que a gente criou ali no whats ali sintonia, acho que muitos estão nele, pra vocês verem quanta coisa a gente pode ta colcaborando um com o outro. Seja informação, seja em troca de ideias, seja numa letra que você manda pro parceiro, seja a rapaziada na dança mostrando um passo novo, cara isso é cultura *Hip Hop*. Trabalhar, nunca esquecer essa essência que vem da rua que vem do gueto, que vem dos oprimidos, que vem dos que estão segregados do espaço,

daqueles que os cara falam vocês tem que ta pra fora, esses dias ouvi uma frase do Emicida (Rapper reconhecido nacionalmente) que aquilo enaltece não pelo *RAP* não pelo *RAP* dele mas pelo conteúdo que ele buscou, por tudo que ele leva de bom com relação a cultura, quem ele defende, então é importante a gente se colocar em quanto movimento, a gente se colocar em quanto pessoa em quanto transformador social.

...Cara o VPM (Voluntário pra missão, grupo de *RAP* da cidade de Guarapuava) ta aqui, a gente fez num estágio meu no Colégio Ana Vanda, a gente colocou o *RAP* pra trabalhar com relação ao preconceito, a segregação sócio espacial, o racismo e os caras foram lá tiraram som lá, conversaram com a turma, dentro do que a escola espera, dentro do ensino formal. O *RAP* tem que ta lá, o *RAP* não tem que ta só no dia 20 de novembro, nós não temos que ser apenas estereótipo, nós temos que estar todos os dias como as leis indígenas (Lei 11.645), as leis africanas (11.639) que está nos conteúdos, o MHH é da mesma forma.

...Trazemos uma bagagem muito grande, que é essa bagagem que levamos pra qualquer lugar que a gente vá. Qualquer lugar que a gente vá a gente carrega isso com nós. Por que os caras te reconhecem como. Eu muitas vezes chego lá e o firmeza eu sou o E6, mas não é o Mano E6? Cara isso não sai de mim, isso sou eu, eu me reconheço em quanto movimento, nós somos isso nós somos o movimento, nós fazemos e fizemos a história em Guarapuava e fazemos a história em Guarapuava, como transformadores sociais, oxigênio das mentes revolucionárias né E5, há quanto tempo e isso tem que perdurar mais e mais tempo mano. Aí qual que é a ideia, de hoje é falar um pouquinho do Mano E6 realmente, E5 me falou um negócio, cara a gente não se conhece muitas das vezes, então eu falei mano eu quero falar quem eu sou, mas eu quero saber quem vocês são também, a E7 é uma forte candidata pra uma próxima reunião né, a E7 cara ela tem muitos materiais interessantes, e cara a ideia é essa, é nós compartilharmos nossos materiais, hoje eu sei o quanto tem gente que escreve e que muitas das vezes não coloca isso em prática, mas poxa a gente sabe que muitos escrevem e passam pra outros que cantam, não vamos deixar isso na gaveta, vamos trazer isso daí, vamos trazer a nossa história mano, nossa história é importante para nós, é importante pra comunidade que a gente mora, é importante pra ta nos documentos, pra ta sendo falado nas salas de aula, nas universidades, nós não podemos se privar dos nossos

passos, nós não podemos ser preconceituosos com nós mesmos, achar que nós não podemos estar em lugares, nós temos que estar em todos os lugares, nós temos que fervilhar os caras, deixar os caras loucos, essa é a ideia...

Cara eu comecei em 94 com o skate, não conhecia o RAP, até conhecer o *RAP* internacional, depois o *RAP* nacional, entrei na cultura *Hip Hop*, de cabeça em torno de 97 quando conheci a revista *RAP* Nacional, bem resumidamente tá, não vou levar os mais de vinte anos que eu tenho nessa caminhada. A cultura *Hip Hop* em evento nós, eu e esses cara aqui também que tá aqui, que não me deixa mentir, nós fazíamos Movimento *Hip Hop* na Casa do Rudi, e nós ia lá mano, nós juntava a galera e nós fazia acontecer, por que nós gostava do que nós tava fazendo por que nós gostamos do que nós tamo fazendo, se não nós não tava aqui a tanto tempo, senão nós não tava tendo essa oportunidade de ter essa conversa hoje de novo cara, entendeu, isso aqui foi quando eu entrei em 2003 no sintonia *Hip Hop* eu falava quem que vai ouvir *RAP* numa rádio AM, então eu falei vo fazer cinco mil panfletinhos, você curte *Hip Hop* e aí distribuía nos domingos, ia nas casas nas quebradas, onde eu sabia que eu queria entrar, nos bairros, Jardim das Américas, Xarquinho, isso e aquilo, nós deixava na casa, deixava e falava mano curte lá, você curte RAP, você se identifica com RAP, você não conhece, quer conhecer, então tá aqui, e aquilo me tornou um cara a ter que estudar o MHH, saber o que eu ia falar, que não é só tocar música, entendeu, o *RAP* realmente fala por nós ele mostra quem nós somos ele mostra a necessidade que nós temos, mas a gente tem que saber o que a gente tá falando. 2003 entrei na rádio Cacique, 2005 fui pra 92 FM, em 2008 cansei de tomar porrada tentando apoiar os outros saí candidato a vereador a primeira vez recebi apoio de vários parceiros eu tenho imensamente a gratidão, nunca utilizando do MHH, utilizando o nome Mano E6 enquanto em quanto pedi voto Mano E6, vesti a camiseta e dizer eu venho em nome do MHH pedir voto isso seria uma tremenda cara de pau, não fiz isso graças a Deus, iria me arrepender, 2005 a 2008 fiquei na 92 FM, voltando em 2008 depois da campanha, no mesmo dia tava apresentando o programa de novo com 611 votos, em 2009 voltei só para a rádio AM, em 2012 voltei pra FM fiquei até mês passado na 92 FM e agora fui contratado pela Rádio Universitária. Então fico muito contente em poder ta hoje cada vez mais entrando realmente com o *RAP* de cabeça onde a gente nunca imaginava poder ta fazendo, primeiro ta numa rádio AM já era poxa, toca sertanejo e

gauchesco mano, chega lá numa brincadeira e tipo cara para com essas músicas e toca um *RAP* e o cara aceitar e você ter que realmente fazer acontecer poxa, que graças a Deus ele me deu essa oportunidade, ele me deu um pouquinho de talento, que eu vou tentando aprimorar a cada programa que eu faço, cada vez que eu vou fazer uma fala, cada vez que eu vou apresentar um material, cada vez que eu venho falar do MHH, isso me enche de orgulho falar do MHH, muito pelo contrário não me da vergonha dizer que gosto, dizer que participo, me da orgulho, que é orgulho de ser resistência é orgulho de trabalhar com o que ninguém quer trabalhar é orgulho de ta defendendo os cara que todo mundo quer excluir, as pessoas que todo mundo quer excluir, tenho orgulho de ta falando que faço parte disso e cada vez mais, ficando mais velho e cada vez com mais vontade de fazer as coisas cara, eu pensava cara vai chegar uma hora que eu vou parar, não cara me da mais gás cada vez que eu penso isso, entende, a um tempo atrás você baixa a moral, baixa a moral mas isso aí eu acho que acontece com todo mundo, mas eu não sei cara é algo que é maior quando você fala em quanto defender algo, é maior que você, é maior que o teu ego, maior que a tua vontade, é fazer a diferença de verdade. Saí candidato novamente em 2012, baixei 11 votos não sei o que aconteceu, me formei no Carneiro Martins, 2001 me formei na área de saúde, em 2014 me formei em Geografia Licenciatura e em 2015 entrei no Mestrado, ensino, cultura e diversidade, o meu TCC é o *Hip Hop* como instrumento de aprendizagem no ensino de Geografia, onde eu trabalhei com o *RAP* e o Grafite em sala de aula, o grafite sendo um transformador da paisagem construída pelo homem, olha a importância cara do grafite, o homem vai faz uma parede bonitinha, faz um muro bonitinho, vem o grafite e fala cara vamos dar vida nisso aí, os caras dão vida pras paredes, hoje fui numa escola lá em Reserva onde a gente vai estar fazendo um trabalho com o NEAA, cara uma biblioteca assim, uma sala de informática, poxa a hora que eu botei o pé naquela sala assim eu olhei os caras fizeram vários desenhos nas paredes, cara o quanto enriqueceu aquela sala, as outras paredes eram só brancas sem vida, e aquilo encheu os olhos não só os meus mas de todos os colegas que estavam, olha a diferença cara, então chegar lá parabenizar o cara pelo trabalho, o cara falou poxa acho que ninguém nunca tinha falado nada pelo trabalho, por que pra ele era só o trabalho mas olha a visão de nós do MHH temos pelo grafite, olha o que um grafite quer passar a essência o conteúdo, não é só um desenho na parede, e nós que

temos que falar pra população que não é só um desenho na parede, quem mais vai falar? Quem não é? Quem não é critica por que não conhece, esse é o problema, quanto mais à gente se cala menos a gente pode falar bem de nós mesmos do nosso trabalho ou com o que nós queremos trabalhar. Alguns trabalhos que eu tive a oportunidade de apresentar, Grafite instrumento transformador da paisagem, esse eu vou apresentar inclusive agora mês que vem em Curitiba, O *RAP* em cena, foi no segundo congresso de pesquisadores negros da região sul em Curitiba, o Ensino de Geografia no MHH em Guarapuava um relato de experiência e o MHH em Guarapuava a busca da cidadania pela arte, todo esse material eu tenho cara, eu posso deixar disponível, eu to colocando lá no face do Sintonia, vo colocar cara, quem puder baixa lá o arquivinho é legal de ler por que cara, vocês estão lá, entendeu, vocês estão nesses trabalhos, não é o Mano E6 que ta nesse trabalho é todo mundo. A ideia da nossa reunião, bem rapidinho, é primeiro, o meu projeto de mestrado é comunidade de aprendizagem social, a dinâmica educativa do MHH em Guarapuava, nós temos essa dinâmica, trabalhamos com a educação, não formal, mas trabalhamos, e qual o reconhecimento da educação não formal para as instituições formais né, é isso que nos fazer ouvir, não temos que ser simplesmente um convidado pra uma data especial para falar que tamo falando da cultura afro ou pra dizer que tamo levando alguma coisa diferente pra molecada, tem que ser mais que isso. Oficinas e eventos do MHH, aí entra todo o MHH, cara pensem comigo qual a importância não só da gente fazer um evento, não só ir numa escola e mostrar como se dança, mas poder passar pra esses alunos como se dança, tem vários projetos que já trabalham dessa forma a gente sabe, mas cara em quanto MHH, não só em quanto a dança, no mesmo dia ter uma oficina de dança, no mesmo dia ter a rapaziada do RAP, mostrando o conteúdo das letras discutindo as letras, olha a importância não só de ouvir o RAP, mas se lê o RAP, a leitura é diferente de ouvir não é E5, não é E1?

E1: Eu não sou muito de lê.

E6: Mas ela é diferente .

Eu leio mais por causa da internet mesmo, mais por conviver com a internet, mas nunca fui de pegar, se eu li um livro inteiro na minha vida foi muito.

E6: Faz parte, é assim mesmo.

Se eu ve alguma coisa é diretamente da rua, é da rua pra rua, eu vi na rua e se falar.

E6: Mas e pra quem vai ler tua letra é importante não é?

Com certeza, com certeza.

A maneira que você escreve é diferente da maneira que você passa na hora que você ta cantando né.

E9: Eu acho assim que a leitura pra nós, assim que vamos mostrar um novo movimento, mostrar o MHH é muito importante sabe, é tem gente que nem conhece a quem fez, o que que tem, que nem você falou dos quatro serem importantes, o que a gente pensa o *Hip Hop* é só *RAP* e acabou é muito mais, muito mais do que isso, então quando você mostra pras pessoas que você não conhece que você não sabe, as pessoas vão te criticar por que elas não veem essa riqueza que hoje a gente ve, eu vejo isso sabe, então eu penso que a gente sim, aconselho o E1 a procurar ler, ler bastante por que você vai enriquecer tuas letras o teu RAP, chega de falar só em coisas banais, temos que falar de coisas importantes, temos que mostrar que vale a pena, se não as pessoas vão continuar, ou seja, vamos continuar sendo taxados como, não é o *Hip Hop* criminoso que a gente quer mostrar, essa idiotice assim essa estupides, que colocaram que taxaram a gente, mas sim mostrar que é conhecimento, é inteligência, é cultura, é talento e isso que Guarapuava precisa saber, sabe eu sempre fui uma pessoa, que eu busquei, sempre falo dos norte americanos, gosto do Jamaica, toda essa linha lá, e eu acho que o Brasil falta valorizar isso, e não é valorizado, talvez por que não é mostrado essa essência, não é mostrado o que é de verdade, o que o *Hip Hop* é de verdade, tem pessoas que não sabem o que é de verdade, não sei se vocês me entenderam, as pessoas acham que o *Hip Hop* é só som de malandro, é som de gente que não ta nem aí, é ideia de gente que não ta nem aí, e não sabem a riqueza que ta por traz disso, talvez por que a gente deixou, e se a gente continuar a deixar isso acontecer, do que que vamos ser chamados, vamos continuar a ser taxados do jeito que é, do jeito que estamos sendo taxados.

E4: O pior que na verdade pra sociedade o *Hip Hop* é um estilo de som né, e na verdade o *Hip Hop* é o movimento que une os quatro elementos aí né, e todo mundo fala que *Hip Hop* é um estilo de som, ainda mais hoje em dia o que eu vejo na tv que passa nos canais aí é tudo paia, de hoje em dia.

E1: É a música mais escutada no mundo, quando eu comecei escutar *Hip Hop* em 90 lá House of pain, cypress Hill velho meu pai chamava de loco, se é loco cara tem que interna veio, então hoje eu ve o *Hip Hop* em todo que é carro é nacional é gringo, só que eu acho isso muito importante, então é a melhor faze do *Hip Hop*, então se o cara tiver uma ideia pra trocar que nem ela falou ali, salvar as pessoas mesmo.

E9: Se falo tudo, se o cara traz da rua, se a pessoa ta, mas se a pessoa conhecer ainda mais entendeu, tipo a gente já, ninguém nasceu sabendo, que nem você falou o próprio E6, eu conheci o *Hip Hop* assim assado, comecei assim, então eu acho que se a gente, eu sou do Jardim das Américas, não sei eu era né agora eu mudei, mas eu fiz muitas amizades lá então seu sei o que vem com essa história de rua sabe, mas também conheci gente que quis conhecer mais, que ama que acabou se apaixonando pelo *Hip Hop* e eu acho que é isso que ta faltando sabe nos apaixonar pelo Hip Hop, é uma história de amos sabe, então quando você se apaixona por isso você mostra que você traz algo diferente, então eu acho que apesar de todo mundo ser periferia ter uma historia com a periferia a gente não é burro, e o *Hip Hop* é conhecimento, é inteligência então vamos mostrar o que realmente é, não essa, nossa tenho certeza, quanta gente acha o contrário que nós estamos falando aqui, o que imaginam do *Hip Hop*, o que muitas pessoas quando nos veem falando de *Hip Hop* imaginam, não imaginam a gente numa sala discutindo o assunto agora.

E6: Exatamente, pegando alguns ganchos, a E9 falou com relação da ... e o E1 falou uma coisa que é muito importante, que eu gosto muito que é o saber prévio, ninguém vai pra uma sala de aula sem o saber prévio, ou é muito raro o professor que fala qual é a sua bagagem E1? Geralmente o professor chama o cara de aluno, aluno significa sem luz, todos temos bagagem, todos trazemos algo da nossa vivência, essa vivência que é importante mano, antes lá no que você falou, totalmente coerente, por que, é complicado a gente ouvir os cara falar assim a mano eu não gosto de *RAP* eu gosto de *Hip Hop* internacional, mano, *RAP* é rithmy and poetry.

E8: Antigamente a gente ia se apresentar nas escolas as tias falavam assim, vai ter uma apresentação de RAP, os pias vão danças *RAP* pra vocês, eu falava, da licença só um pouquinho só vou explicar pra vocês a diferença.

E10: Ou você dança *Hip Hop* né, até você explicar pras pessoas, danço, danço *Hip Hop*. Até você ir contar pra ela o que é cada coisa,

E6: Até no último programa eu falei de uma academia que tava lá, aulas de *Hip Hop* falei cara que massa meu, chegar lá vim fazer aula de grafite, é aula de dança meu os cara misturam as coisas e quem tem que quebrar isso somos nós, da licença, não é assim é assado, são quatro elementos, a aula é de break dance.

E8: Aí vem uma parte que temos que ser inteligentes, saber passar o que é os quatro elementos, o que é o *Hip Hop* e que a gente é uma família e não é um bando de arrombado.

E1: É isso aí buscar informação, de repente eu não leio muitos livros mas eu busco informação em jornal, pego o geralzão cara, o que os cara postam no face lá eu acho interessante.

E6: Uma das coisas importantes em quanto essa instrumentalização, alguns que não leem são autodidatas sabem fazer sabem falar e acontece e o cara muito inteligente e tem muitos, muitos, por isso que eu bato muito em relação, não é me desculpem eu formado na área como professos, cara não é a educação, a educação não vai salvar o país a educação não vai mudar nada, entendeu não é a educação, são outros princípios que vão fazer mudar a sociedade, é uma revolução, que pode partir da sociedade mesmo, do povo pro povo, é dessa forma que funciona, entende, eu tava falando um pouco antes E1, com relação ao *RAP* só pra você se situar, eu tava trocando uma ideia antes da gente começar, pega uma letra de funk, uma letra de sertanejo, aí você pega uma letra de *RAP* mano de um cara que muitas vezes não tem a leitura que a gente né falo E9, só que se você pegar isso, você pegar e analisar a letra do cara de dez minutos de treze minutos sem o cara repetir um refrão mano, poxa como que esse cara não é inteligente, como que esse cara não tem conhecimento, e da onde ele traz esse conhecimento, da rua.

E1: Cara autentico né mano, olhar pra ele o *RAP* em pessoa.

E6: Então é isso que a gente tem que levar, não é diploma, não é instituições que vão falar quem você é, mas a gente tem que ta buscando essas instituições pra gente não ser barrado em porta mano, pra gente ser quem vai chegar, quem vai falar e fazer a diferença, não é eu chegar passei em todas as matérias peguei um canudo, não sou melhor que ninguém mano, eu simplesmente consegui um objetivo que pra mim naquele momento se importante, não que aquilo seja importante pra

todos, mas a importância de estar com o movimento dentro das instituições isso é sem tamanho, é sem medida, essa é a importância, a importância de você estar levando algo consistente.

Com relação às oficinas, as oficinas trabalhariam dessa forma, com relação aos eventos, as escolas, universidades, comunidade e nos bairros também fazer oficinas nos bairros, cara depois eu vou chegar num questionamento pra gente entender o por que da necessidade de trabalhar o MHH com o ensino, entende.

Hip Hop na UNICENTRO, ocupar os lugares, os espaços que são nossos, universidade pública, gratuita não é só para quem faz vestibular, passa num curso, as portas tão abertas, tem tramite, tem que fazer como todo mundo faz tem burocracia tem, mas é nosso, tem que usar.

E3: Aí ta a importância do movimento começar lá de baixo nas escolas, começando lá pelo municipal, levar esses projetos entendeu, por que é que nem ele disse é da rua para a rua é pra molecada que precisa, entendeu ter essa consciência nós sabemos disso então nós precisamos levar pra frente essa ideia.

E5: Primeiramente eu acredito assim, que cada um daqui é um guerreiro e tão de parabéns, por que a gente trabalha com falha do sistema, porque muitas vezes a gente ta num caminho que a gente nem entende, por que que eu to no *RAP* mano, por que eu to no *Hip Hop*, por que a gente segue o instinto ta ligado, a gente ve que ta errado, quem aqui que trabalha que ganha mais de dois mil por mês aí, como que ta tua escolaridade, quem que te ensino você a ler um livro, você mexe com as paradas que o sistema fode, fode desde a tua mãe dos teus avós, ta ligado, então é difícil você passar por tudo, tuas frustrações primeiro, aí você vim aqui e fala ó mesmo assim eu sou o mano e to preocupado com os problemas dos outros, se ta entendendo, cada um aqui trabalha com a falha do sistema duvido que não, o cara lá dança por que ele acredita e quer mostrar pros maninhos da favela, periferia, se algum dia aqui tiver trabalhando pra fazer *Hip Hop* pros boys, ta errado, não é esse o movimento que eu conheço, o movimento que eu conheço é dos pobre dos favelados, certo, é o nosso movimento, tudo nos aqui, a intenção qual que é, o *RAP* é um corpo certo, tem que ler, tem que ler, tem que tocar do instinto falando tem que ter, por que o cara do instinto mexe com a alma certo, mas a gente mexe com uma parada muito mas loca que é o sistema, o sistema sabe que nós ta aqui dentro, o sistema sabe o nosso segundo passo, o sistema sabe o nosso terceiro passo, mas

eu acredito que a gente tem que ser muito mais ligeiro qual o nosso quarto passo, senão não vai mudar veio, não vai mudar, eu to com trinta e cinco anos, o E6 também ta nessa mesma faixa, o E1 tá, tem outro cara na mesma idade, ela também trabalha com a falha do sistema, abraçou o bagulho da igreja viu as criançadas e falo eu vou fazer, já que o sistema não faz eu faço, certo, só que o negocio é o seguinte nós mexemos com a máquina nós não vamos se iludir. Não é o mundo encantado mano, nós tamo mexendo com a máquina, a gente sabe que a parada foda é o capital, sem grana não vai. O que ta errado em é que a gente ta desunido mesmo, tem muita vaidade, entendeu, a gente ta estranhando os nossos, se matando entre nós sem se conhecer, por que já foi passado do nosso berço, a gente ve o irmãozinho, eu não me do com aquele cara lá do outro bairro lá, puts você não se da cara, mas a blusa dele é igual a sua, o cabelo, o boné a calça, como assim mano, certo, aí você ve os outros no paraíso e você disputando qual vai sentar melhor no inferno, se ta ligado, então é assim, a intenção pra mim o *RAP* que eu acredito, é esse RAP, a gente tem que entrar no sistema, a gente tem que entrar do nosso jeito, com a nossa alma, com o nosso intelecto, a gente aprender mesmo e se unir ta certo, a gente tem que enriquecer os eventos de *Hip Hop*, a gente é uma célula dentro de cada bairro, a gente vai fazer assim o cara espere ai ta errado você foi lá no MHH lá do *RAP* se foi lá e zuou com todo o bagulho lá mano, só porque o cara pisou no teu tênis você foi lá e deu uns dois, três pipocos pra cima e quase acertou o maluco, tinha pai de família lá, tinha mãe de família, não vira rapaziada, a gente ve aí o movimento metal os cara cultuando o capeta, nada contra a ideologia dos caras, mas ó os cara jogam uma bituca de cigarro no chão, você não ve mano, você não ve bituca de cigarro, você não latinha de cerveja, agora nós a gente parece que vai pra uma arena, já no portão já é tenso, tudo irmão mas tudo tenso, tão tudo tenso lá mano, tudo tenso, tá ligado, aí você vai ver no palco um grupo num canto outro no outro canto, se a gente não aprender o que é união, se a gente não aprender a se ver como irmão não vai virar o movimento, eu vou passar pro meu filho vai continuar a mesma parada a gente vai ta assim ó, como posso falar, enxugando gelo, o sistema ele sabe disso e o sistema quer isso, certo. Não tem movimento ser conquistado, o movimento já somos o movimento. Agora a gente tem que se reconhecer, autoconhecimento, por exemplo o cara, não é por nada, é questão lógica, o cara montou uma loja de *Hip Hop* fortalece mano, vai lá compra o

bonezinho, por que ele vai fortalecer pra nós vai vim pra nós, aí vem por exemplo o E6 vai fazer MHH vai tudo nós lá, a gente vai ajudar o cara que ta vendendo uma parada na barraquinha por que fortalece, e nós é nossa obrigação, rapaziada isso daí é como eu falo pra vocês não é brincadeira, eu tenho isso como a minha alma, minha alma mesmo, a minha mulher sabe eu to casado com ela a 16 anos tenho dois filhos, meus filhos eu não tenho vergonha em falar da minha ideologia, não tenho vergonha esse é meu RAP, certo, só que eu educo eles como o sistema funciona não adianta a gente se iludir, mas a causa é maior, é justamente a gente tem que conhecer nosso inimigos a gente não pode tapar o sol com a peneira mano.

E4: Você citou um negócio de som que rolou aí, faz pouco tempo que eu cheguei em Guarapuava, e to sabendo do que ta rolando aí, só que ó esses cara não tão aqui, eles não vem, e eles é capaz de falar que curtem o *RAP* mais do que você.

E1: Curtir é a parte mais simples, entender que é, participar do movimento é que é complicado, curtir é fácil, conheço uma galera que curte um som.

E5: Ta rolando um movimento neonazista, pra quem não sabe o que é o movimento neonazista, vai contra negros, latinos, gays, certo, pobre, nordestino, os cara são um bando de ignorante, ignorante em qual sentido, em quanto eles estão lendo um livro dessa grossura aqui ó, que é a bíblia deles que chama my kuff, nós tamo lendo um gibi, quem que vai conquistar quem. É como você falou eles tem poder da persuasão em relação eles são traiçoeiros e astutos, nós levamos muito com a alma, entende rapaziada e é uma guerra, esses aí a gente viu declarado, mas qual que é o problema do racismo no Brasil, é que ele impede a progressão, a minha, a tua a dele, a progressão social, econômica, eles querem ver gente subalterno, não querem ver a gente como patrão, é aí que ta o preconceito, você começa a crescer quando você chega aqui eles começam a agir, vamos ter que derrubar esse maluco aqui, cara isso daqui não é eu falando pra vocês isso é o histórico da vida de vocês, dos pais de vocês, dos avós de vocês, como que é a parada, esse é o movimento que eu acredito mano, qual que é a minha opinião, eu falei pro E6 eu não ia falar nada, mas não tem como não falar, aqui ta tudo em família, a minha preocupação é assim ó o que eu vejo dentro do movimento em Guarapuava tem muita vaidade, a gente ta confundindo as coisas, a gente ta deixando o inimigo andar e nós tamo se matando, entendeu, nós não tamo se

conhecendo, o cara faz um movimento de dança lá a gente não vai, ou então é como eu falo a gente cola e já fica tenso, daqui uns tempo nós vamos ter vergonha de usar nossa panagens nossas roupas. A gente tem o movimento no *whatsapp*, tem vinte e cinco cabeça, mas é vinte e cinco cabeça pensante, é impossível não sair mais que um e aí, mais que um pode crê, ta ligado, não é por nada, mas a gente rapaziada a gente abraçou essa calza, se gente abraçou é por que a gente foi escolhido, então se a gente abraçou vamos dar prioridade mesmo, se é pra nós o MHH em Guarapuava ter união então vamos fazer, que nem o E1 falou eu não leio um livro, eu respeito o E1, mas eu to sempre passando umas paradas pra ele, certo, então assim o nosso movimento é um MHH dos quatro elementos, não é brincadeira, a genta não ta ganhando dinheiro a gente ta aqui por amor, se você não respeitar isso, acredito eu que você está desrespeitando a sí mesmo ou ta no movimento errado não sei, é princípios e opiniões.

E6: Utilizando os espaços, aqui na UNICENTRO, olha esse é um espaço que a gente pode estar usando, podemos vir aqui tirar um som, assistir um vídeo, fazer um cinema, trocar uma ideia, ler uns textos, todo mundo aqui pode contribuir com algo, somos pessoas pensantes, com uma bagagem enorme da rua, um conhecimento formal e informal enorme, então essa é uma das propostas, as oficinas pra gente poder estar trabalhando com o MHH, nos bairros, nas comunidades, nas universidades nas escolas, como movimento, é utilizar dos espaços pra vir aqui assistir documentários, enriquecer, produzir pra nós, documentários, clipes, estudar sobre o MHH, cara tem muita gente que escreve sobre o MHH, escreve de Brasília, do Rio Grande, do Rio de Janeiro, sabe tem muita gente escrevendo, por isso que eu deixei aqui, a hora a gente terminar vocês podem passar um pano aqui, livro de Guarapuava, vários livros, *Hip Hop* das ruas para a escola, tem uma infinidade de artigos de livros, vai ta chegando um acervo aqui pra nós que eu passei pro meu professor e orientador Jeffe, cara mais de trinta livros da Cultura *Hip Hop*, entendeu, e é nós falando pra nós mesmos, é muito rico isso, o que a gente tem também é o Núcleo de Estudos Ameríndios e Africanos, a gente tem reuniões aqui, a gente pega textos pra gente fazer a leitura chegar e discutir em conjunto, pensar no que ta acontecendo, se instrumentalizar se potencializar em quanto um discurso em quanto uma fala, quando alguém falar alguma coisa você ter argumentos pra trabalhar isso, não podemos ficar parados,

então, aqui ta alguns tópicos que depois a gente pode ir trocando mais ideias mas é muito importante que é as oficinas, que é a utilização do espaço da UNICENTRO, que o Magia das Ruas já faz isso a muito tempo, que e muito bacana, a partir do trabalho do E11, com a dança, muito importante, trás muita gente pra dançar, pra fazer acontecer mesmo e a gente vai poder ta utilizando o cinema, que ta em reforma, a gente ia fazer lá pra vocês conhecer o ambiente.

O MHH ele mostra que os jovens passam a se fazer ouvir, se fazer notar através da cultura, denunciando a precariedade social, os processos de discriminação racial e social que cotidianamente a gente está submetido, a gente ta submetido, sentiram hoje não sentiu, é diferente não é, é ruim sofrer, virem te parar pelo que você está vestindo, pela cor, é ruim isso, temos que combater isso, combater por nós, nós mesmo temos que fazer isso.

E2: Só uma colocação, não é ruim é crime.

E6: Exatamente, isso é crime e tem que ser combatido, isso tem que ser falado, ninguém tem que ter vergonha de falar o que acontece, por que a gente sabe que são quinhentos anos de tortura, de segregação de exploração, cara dói falar, dói mas tem que ser falado, tem que ser colocado por que se não vai ficar sempre, mas ta passando, não ta passando, quem sentiu não passa mano, entendeu, não passa, tem que ir a luta com isso. A formação de identidade do MHH, dessa identidade que a gente está aqui se identificando em quanto MHH, cada um que aceitou vir aqui se identifica em quanto integrante do movimento.

E1: É que um cara só na rua não consegue fazer toda essa batida de frente entendeu, se eu chegar numa balada em algum lugar aí, vai ter até um *DJ* alguma coisa que eu quero ver, chegar em dois, três lá e o cara já discriminar meu boné, discriminar a blusa dele, discriminar o tênis dele, etendeu é três mano, agora nós chegar em cem cabeça, nós é isso aqui nós vai entrar sim véio, eu quero ver eles manda tirar mais de cem cara mano. Então tem que trabalhar o lado dessa autoestima e dessa união mesmo ta ligado, até nessas questões de um cara só bater de frente é complicado, agora se pegar cem, duzentos eu quero ver esses cara falar, é esses cara aí, e daí.

E2: E andar em grupo muitas vezes é por segurança, entendeu, é por segurança.

E assim desculpa fala mais um pouco, mas não é nem tanto assim a questão, fugindo um pouco aí do assunto do E6, é e falando um pouco de segurança e cara a gente tem que ter na cabeça que a gente tem que ir curtir mano, a hora que a gente ve la um show ou alguma coisa ligada ao *Hip Hop* a gente poder ter essa segurança e a confiança de poder ir e saber que a gente vai ta apoiado por números mesmo por pessoas.

E1: Ter uma casa que não tenha preconceito contra os nossos, que daí já fica complicado.

E9: Desculpa assim interromper, já que ele falou de roupa assim esse tipo de preconceito, é estranho você pensar assim, preconceito de boné, do estilo *Hip Hop*, por que o estilo *Hip Hop* é um dos mais caros pra você comprar, por que será que a polícia sempre, aí você pensa as roupas mais caras.

E2: Nós somos muito rápidos pra eles, ai eles preferem dizer que é feio dizer que é de maloqueiro, mas o sonho deles era falar que nem você, eles não conseguem, eles até tentam, entendeu.

E4: As vezes ta ligado o que assusta eles um mano com um calçãozão, um blusão, apavorão, batem, os policias

E9: Que nem eu falei a gente está deixando eles nos inferiorizar, que nem eu falei da roupa, ou seja você ta vestido desse jeito você é bandido, você não trabalha, para com isso, a gente ta deixando eles fazerem isso com a gente, o sistema ta fazendo isso por que ele não quer que a gente cresça, eles não querem que a gente evolua, como ele falou, eles não aceitam.

E6: Aí a importância de estar nas escolas de estar nas universidades, estar no lugar onde os cara entram no sistema, por isso a importância do *Hip Hop* estar nas escolas no ensino médio, no ensino fundamental, por que não é lá que os cara fazem massa de manobra, não é lá que os cara falam senta tudo em fila, faz tudo igual, aprende a trabalhar, faz isso não cresce na vida, não é aí mano, não é lá, por que o MHH não ta lá, por isso a importância das oficinas, por isso a importância das oficinas estarem nos bairros, em quanto movimento, não é subir no palco cantar um som e ir embora mano, nós temos que cantar lá em cima mas ai descer e fazer a oficina pra molecada, levar o E2 lá, levar as pikups, falar assim ó toca aqui, se nunca viu um disco, esse é um disco mano, entendeu, essa é a ideia das oficinas, é instrumentalizar.

E9: E a gente tem que saber, qual é o fim de tudo isso, o fim de tudo isso é evoluir, não adianta a gente fazer que nem você falou da oficina e não evoluir o negócio, não crescer, continuar na mesmice ta ligado, a gente não pode deixar isso acontecer.

E12: Mano eu quero dizer que tipo assim, em 1993, 94 quando tinha festa junina cara eu levava os toca discos de plástico na escola lá, Gabriel Pensador no vinil mano.

E6: E tem uma importância muito grande isso, não tem mano.

E2: O Uk Pela ali mano, a primeira apresentação do Uk Pela, nós fizemos aqui, quantos anos nós tinha, acho que eu tinha uns 12 anos eu tinha, então assim eu quero dizer assim, que o *Hip Hop* é totalmente ligado a educação né mano, eu digo mais, a revolução ou vai ser pela educação ou é armado mano, não tem outra saída, não há outra saída, ou nós se organizamos se educando nesse sentido, ou então vamos se armar tudo mano.

E1: Na parte artística mesmo daí né. Que é o *RAP* a dança.

E6: Temos que estar na sala de aula não apenas sentado assistindo aula, é se instrumentalizando em quanto movimento, as revoluções não acontecem pra quem fica dentro da sala de aula, essa é a diferença do ensino não formal e o formal, entendeu, não é eu não reprovar nenhum ano e passar todos os anos e tals, não é, mano é fora da sala de aula que acontece todas as revoluções, entendeu, e nós aqui somos parte de tudo isso, por isso eu agradeço e muito de vocês terem vindo, isso aqui ta somando de uma forma, cara não tem noção do quanto eu to contente mesmo, por que é isso aqui que a gente tem que fazer, entende, por que os cara quando querem se reunir pra ferrar com o povo se reúnem numa salinha tomam aguinha pa pa pa e ferra com nós, então nós temos que começar a se organizar, começar a entender, pensar em quanto movimento, agir em quanto movimento e fazer acontecer em quanto movimento, cara quem sou eu sozinho, agora olha ai mano, olha isso aqui, vamos fazer um evento vai todo mundo, E2 vai tocar vai todo mundo, E1 vão tocar vai todo mundo, a rapaziada vão fazer uma apresentação vão dançar, vamos tentar abrir as portas para o movimento, rapaziada vai grafitar, pofinal de semana vai grafitar liga pros cara, as vezes os cara ó vo grafitar rm tal lugar vamos juntos, vamos fazer tal coisa, a oficina, entende cara, levar o movimento, falar do movimento, entendeu vo toca num evento, vo fazer

alguma coisa, falar do movimento, ter orgulho de falar do movimento, vocês conhecem o MHH, os outros não, pra quebrar o preconceito, pra dizer não você não sabe nada do que você a falando, você não conhece os quatro elementos, você ainda diz que ouve *Hip Hop* como assim, entendeu, nós temos a obrigação de fazer isso.

E1: Ouvir é normal né, entender o movimento é onde mora o mal né.

E6: Então tudo isso, que a gente trocou essa ideia é a formação da identidade do MHH, ela representa essa reflexão social que nós estamos tendo aqui, isso é MHH, é reflexão social, econômica, política, embasada na realidade brasileira, paranaense, guarapuavana, por bairros, é segmentada a parada, ela começa do micro e vai pro macro, e ai a gente tem um despertar do senso de direitos mano, de suma importância para a formação para a personalidade, com isso trabalhar com a juventude, trabalhar com seriedade, o E5 acabou de falar um negócio cara e realmente, nós não somos mais moleques cara, nós não temos mais tempo pra ficar de picuinha, de egoísmo, cara a hora que eu vou apresentar o programa eu quero todo mundo, que todo mundo possa participar, todo mundo circular pelos espaços onde se tem o movimento, entendeu, aproveitar falar sobre grafite, falar sobre dança, vocês são detentores do conhecimento, não é o cara dentro da sala de aula pra falar o que é o RAP, nós não podemos deixar, nós temos que ta no meio pra dizer o que é o RAP, o que é o MHH, por isso da importância, as vezes a gente não da valor para algumas coisas que os outros pesquisam que os outros falam, mas a gente tem que ta informado, a gente tem que ta sabendo o que ta acontecendo.

Aí tudo isso remete se nós como integrantes do MHH, acreditamos estar representando por meio das nossas ações artísticas e culturais, será que a gente em quanto movimento a gente ta representando, tamo agindo como movimento, será que nós tamo que nem uns bois desgarrados um pra um lado outro pro outro, todo mundo fazendo parte da mesma invernada mano, não é hora de nós pegar e ó abraça mano, abraça, entendeu, veste a camisa, o que que é mais legal é usar o estilo ou ser? Entendeu, ser fazer acontecer, o MHH ele vem de baixo, do povo para o povo, a gente é os que não têm nada e quer repartir mano, mas então vamos repartir conhecimento, vamos repartir função, vamos repartir indignação, vamos combater o preconceito o racismo, é isso que o MHH faz, ele não vai deixar ninguém rico, quem tava pensando isso já saiu faz tempo mano, já se ligou que o bagulho é

outro, é outra vibe o bagulho, e o cara que pensava que ia vim que ia usar que ia explorar, já rodo entendeu, a máscara do falso profeta já caiu faz tempo, e é assim que funciona, pegar contatos, chamar mais gente, fazer uma próxima, a ideia que eu apresentei hoje, E2 antes de você chegar, eu falei um pouco de mim, cara como que eu comecei e tudo mais, rapidamente, brevemente, então eu quero conhecer vocês, conhecendo vocês cada vez mais vão se tornar próximos, cada vez mais a gente se torna família, por que acho que o intuito também e a gente se considerar como família, se nós passamos pelas mesmas necessidades, nós vivemos pelos mesmos bairros, nós sofremos os mesmos preconceitos, eu vou adorar que numa próxima oportunidade que algum de vocês apresente, venha aqui e troque uma ideia cara, esse é o intuito das nossas reuniões, da nossa fala, da gente vir aqui e trocar uma ideia eu quero conhecer mais de vocês, de quem dança, de quem canta, de quem é *DJ*, de quem grafita, poxa a gente não conhece nós mesmos.

E1: Faz o projeto lá E6, pega lá arruma uma câmera vamos fazer um documentário de cada um que ta aqui dentro contato sua história na quebrada e pá, e começar a juntar, tem que trabalhar aquele lado artístico que você colocou lá, e o lado artístico não é sentar na casa escrever um *RAP* e por em cima, porra beleza, legal, só que não é só isso mano, se não trabalhar aquele lado artístico de dentro da casa de cada um com uma câmera, trazer a vida de cada um pra nós estudar aqui, fazer um filme nosso aqui do Paraná, contando dos irmão que ta prezo, de quem que tem uma parente que ta não sei o que, cada um tem uma história pra contar aqui tem que puxar esse resgate e a parte eu artística, pra ser um movimento que fortalece um movimento maior.

E9: Temos que dar um jeito de aumentar esse exército.

E1: Não só esse exército, mas trazer a história de cada um tem que fazer um documentário, trabalhar artisticamente.

E6: A ideia é a seguinte, como começar com tudo isso, primeiro, a gente tem que dar esse pontapé inicial, não é pouco, cara nós temos que ter aquele momento de ir lá na casa do E2, claro, festar lá é ótimo, E2 tocando ótimo, maravilha, mas cara, nós temos um momento muito importante que é isso aqui, não eu vir falar em toda reunião, lógico que não, hoje eu falei pra dar o pontapé inicial, mas eu quero cada um de vocês venha e de essa contribuição importante que vocês tem, cada coisa que tem aqui em cima, cara, tem o dedinho de vocês, tem um pouquinho de

vocês, entendeu, desde o cara que me mandava carta lá do semiaberto da censura da P.I.G. (Penitenciária InE1rial de Guarapuava) que me manda carta faz uns trabalho louco cara e manda pra mim, entendeu, tenho muitas em casa, é nesse cara que nós bate mano, nós chega junto com ele, nós sustenta o cara lá dentro, em quanto os outros da porrada nós sustenta cara, nós estamos lá nas famílias desestruturadas, e não adiante falar que a educação, o que eu falei da educação, a educação formal ela não transforma, por que ela é do sistema, e o sistema não que a família estruturada, não quer ninguém crescendo, não quer ninguém virando empreendedor, você sofre pra virar empreendedor mano, em quanto pra uns é tudo de mão beijada, então cada coisinha que tem aqui é um pouquinho de cada um de nós tá ligado, duma coletânea, dum livro, de uma reportagem, a importância de gravar o que se foi falado E1 como você falou, olha só aqui nesse livro, esse livro foi o que me despertou em pesquisar o MHH e falar com orgulho, escrever com orgulho e apresentar nos eventos, falar ó lá em Guarapuava tem a rapaziada do MHH, lá em Guarapuava eles fazem acontecer, eles fazem eventos, eles se reúnem, eles trazem shows, eles instrumentalizam a molecada, o *RAP* é importante na sala de aula, o grafite é importante na sala de aula, a dança é importante, o *DJ* é importante nas salas de aula, é vestir a camisa e falar com orgulho mano, chegar na sala de aula pegar quarenta crianças e botar lá a rapaziada pra cantar um RAP, né mano, e depois pedir pra eles estudar aquela letra pra você ver coisas impressionantes, que eles criam, que eles tiram daquela letra, cara isso não tem, ninguém faz isso, ninguém a não ser o MHH, que vai lá e que instrumentaliza, eu falo nós não podemos ter nada mas nós queremos repartir, coisa boa, quando que você quer dar pro teu filho coisa ruim, você quer dar coisa boa, você só tá trabalhando pra levar coisa boa pra ele, essa é a diferença, nós fazemos isso, aqui a gente tem o *RAP* e educação, *RAP* é educação, entende, *RAP* é educação mano, é uma educação formal que ta sendo construída, que ra sendo, trabalhada que ta sendo desenvolvida, e que nós não podemos deixar os outros dizer que são dessa cultura, nós somos dessa cultura, nós fazemos acontecer, o UK Pela tem história aqui, bateu, correu atrás, fez acontecer, e depois disso muitos cara se inspiraram nos cara e falaram cara eu sei fazer isso aí também, de repente não com o mesmo potencial mas eu não vou deixar de fazer, eu vou fazer, por que eu quero fazer, por que eu me identifico, os cara da dança mano, quantos cara que viu na tv ou que viu alguém

fazendo o movimento e falo cara eu vou fazer isso eu tenho potencial pra fazer isso, e foi lá e fez mano, e tão aí hoje vários aqui na nossa cidade que os cara representam e mostram o talento em qualquer lugar que vá, como que você não vai ter orgulho de uns cara desse mano, como que você vai dizer que na periferia não tem talento, como que você vai dizer que lá não tem pessoas inteligentes, tem e tem muitos, mas não podemos deixar os outros falar que não tem, não podemos deixar os outros falar preconceituosamente de uma cultura que eles não conhecem, nós vamos ta dando tiro no nosso próprio pé.

Rapaziada, eu não vou me alongar muito, mas eu quero falar o seguinte, pra dar continuidade, pra gente trabalhar essas oficinas, pra gente pensar isso, eu tenho algumas coisas já montadas com relação a oficinas que eu quero compartilhar com vocês, futuramente, mostrando como que a gente fez a primeira vez, e com vocês pensar como que da pra fazer como que dá pra melhorar, sendo ela no RAP, sendo ela no grafite, sendo ela na dança, sendo ela na parte do *DJ* né, sendo o *DJ* com o RAP, tudo isso a gente tem que conversar, claro não vai ser agora mas como a gente conseguiu fazer essa primeira reunião hoje, espero a gente poder fazer uma próxima não numa data tão distante, penso que talvez no mês que vem, daqui sei lá 15 dias 20 dias, pra também não esfriar, pra também a gente não perder essa garra de ta lutando de ta correndo atrás, se a gente já conversa numa próxima oportunidade a gente já trás coisas mais prontas, já trás os modelos das oficinas, já escolhe colégio, já vai, já faz, já acontece, já chega aqui, vamos fazer um documentário, vamos fazer alguma coisa, vamos fazer uma oficina aqui na UNICENTRO, trazer os estudantes aqui na UNICENTRO, vamos pensar tudo isso.

Com relação a reunião eu acredito que seria interessante nós fazermos uma próxima, com uma outra pessoa ou uma ou duas se apresentando, falando também do seu trabalho, sendo ele qualquer um dos elementos, sendo ele apenas eu e a E3 que somos organizadores de eventos, eu mais a parte de comunicação através da rádio a milianos aí também, dessa forma quem soma somos nós, quem faz acontecer somos nós, nós temos que entender que nós podemos ir atrás de qualquer horário, qualquer lugar pra gente fazer um evento, nós não precisamos depender de ninguém é um direito nosso, chegar lá deixar os ofícios da mesma forma que todos fazer, nós temos direito, tem que pegar praça, tem que pegar parque, ocupar os lugares mano, entendeu, levar nas quebradas, pros cara ver que

a gente ta indo lá, parece que o MHH só quer ficar no Parque do Lago mano, poxa se o cara não quer vir lá do Xarquinho então não tem MHH que vai lá no Xarquinho.

E2: Parece que o MHH em Guarapuava só acontece no sete de setembro né. Não é sete de setembro é dia do trabalhador né.

E6: Nós não somos estereótipos mano, é todo dia, é que nem não falar de escravidão, não falar de racismo, não falar de preconceito, isso aí tem que ser debatido toda hora não tem momento certo pra falar de coisas erradas, tem que ser falado mano, o MHH com todos os seus elementos tem que estar uma vez por mês num lugar outro no outro, na sala de aula, na universidade, ocupando os espaços.

E2: Que nem os cara fazem em São Paulo mano, os cara se comunicam, o pra onde a gente vai hoje, é assim lá mano, chegam lá e lotam o lugar mano.

E6: Se não for por meios legais, então vamos fazer acontecer de outra forma, vamos pegar uma praça lá chegamos na praça montamos uma aparelho de som, no máximo o cara vem azeda um pouco alí, entendeu se leva leva um, a mandei oficio os cara não respondem, a mês que vem, vai o caramba, o negócio é chegar lá e fazer.

E13: Um exemplo alí pegando o Parque do Lago lá, eu queria grafitar uma parede, aí ninguém convidou e sabem que o piá faz o grafite, aí ele ficou meio inibido, eu falei caramba, vai lá e mete nessa parede mesmo aí no banheiro, ele falou mas e os home e os guardinha, eu falei que se foda, faz aí mano, no máximo vão manda você apagar, ou te leva preso, chego lá e começou a desenhar o sabota, aquela carão de marrento né, os cara chegaram e o oficio, vocês tão mexendo com tinta, aqui é um local público, ele falo não, aqui é tudo no meu nome, aqui é grafite, é RAP, é tudo junto, não tem nada aqui tá tudo certo, que pegar meu nome tá tudo no meu nome, e o cara não teve medo falei mete faz o baguio aí, fez ta lá cinquenta já tiraram fotos.

E2: Se ter que ir lá pedir, já não é grafite, já é outra coisa.

E4: Há um tempo atrás, conheci o grafite reverso, lá em São Paulo, os caras entram nos túneis, a fumaça dos carros vai sujando, aí o cara ia lá com um paninho limpando e fazendo o desenho, reverso por que a parede tava suja ele tava limpando não tava sujando, daí só que a polícia chegava lá e queria me prender.

E6: Então assim, em quanto a parte de materiais, eu falo da gente vir, a E7 acabou de falar que ela tem uns materiais interessantes cara, é vim com esses

materiais e nós fazer uma troca, a gente monta um acervinho nosso mesmo, coloca ali esse é do Mano E6, por que livro a gente guarda, cada um tem o seu gosto, trocar música, trocar informação, então esse aqui ó Grafite Brasil, você pega vários artistas aqui cara, o livro é todo em inglês cara, mas cara é trabalhos maravilhosos, mostrar o trabalho de Guarapuava, o Maurício poxa, ele o Snow o Aaron, tem mais pessoas que grafitam mas não vieram hoje, a Frá, os cara fazem uns trampo loco na cidade mano, olha que da hora você pegar e fazer as fotos, com certeza eles tem tudo em arquivo já, aqui ó *Hip Hop* da Rua para a Escola, por que não pensar em nós em Guarapuava não revolucionar dessa forma, botar livro, fazer fanzine mano, poxa olha só isso aqui, da hora fanzine cara, começamos ali ó nem que seja assim ó uma folhinha, dobrada fazer cópias, mil cópias dobramos com conteúdo nosso, e aí ó nas escolas, saidera, é fazer festinha né né E2, entendeu se encontrar né mano, se divertir, entendeu tem que ter esses momentos de descontração, onde o cara tem um espaço pra ele ir lá e dançar, mostrar pros outros integrantes do movimento o quanto o cara é bom, mostrar o *RAP* mano, entendeu, nós temos que se organizar dessas formas, nós temos que se organizar, não podemos deixar as coisas passar mano, entende, olha só aqui ó, Bíblia em Versos, quando que você vê o *RAP* em Bíblia em Versos, aí eu chego e ganho esse livro cara, olha que loco, esse livro eu ganhei esses dias, aí eu vou na Joy não sei se alguém conhece, e eu ganhei esse livro, tem uns três meses que eu ganhei esse livro, aí eu vo ler esse livro né, aí eu chego aqui abro o livro e diz, “ao meu Bichiga”, porra mano o Bichiga ele ganhou esse livro e esse livro tava andando, andando, e foi parar lá na minha mão lá na minha casa, olha que loco, aí eu leio aqui a dedicatória pro cara, entendeu, nós temos muito, aí nós temo leituras que vem da rua mano, com conteúdo imenso, lá da P.I.G. enteneu, tenho várias dessa assim, se você pega você fala como que o cara fez com uma bic cara, um trabalho tão bem feito, a escrita do cara mano, primeiramente um forte abraço e que está ao chegar em suas mãos você e sua família estejam com muita saúde e paz, aí eu to lendo lá e o que acontece, mano eu tenho que continuar, tenho que continuar, tem uma cara lá que se fortalece com o que eu falo com o que eu toco, como não fazer o MHH, como não fazer algo que ta transformando, aqui eu tenho algumas, todas elas com textos assim que mexem com você entendeu, carta de criancinhas, olha aqui quanta carta, poxa é sem tamanho, aqui depois se quiserem dar uma olhada, cara, primeiro campeonato onde

a gente juntou os quatro elementos cara, nós levamos tanto tempo pra botar os cara tudo juntinho lá em 2004, Campeonato Os Elementos, então cara aqui tem vários, vários cara que fizeram, *Hip Hop* em Ação né.

E1: Nem eu tenho mais esse aí, uma vez fui colar cartaz desse aí, um piazinho saiu pra fora e falo, e esses cara aí são bandido, falei são tudo procurado da polícia, e se você ve algum por aí ligue já cara, o piazinho saiu beleza cara. Falo pra mim beleza cara. Meu Deus que época. Risos...

E6: Tem vários cartazes, parceria aqui os cara trouxeram Racionais, cara já veio muita gente pra cá, aí a gente tinha aquela necessidade tem que ver o show do G.O.G.

E2: Parece que antes era mais que hoje.

Hoje eu digo assim mano, que o moleque da periferia não tem desculpa mais, eu sou bem, bem direto assim, o moleque da periferia, não tem desculpa, não tem desculpa pro cara ser burro, pro cara ser ignorante, mas só basta ele ouvir RAP, essa é a real, o *RAP* fala tudo mano, o *RAP* te educa te deixa ciente das coisas mano, ele te organiza como pessoa, entendeu. Eu não assisto Globo, mas o controle ta na minha mão né, é isso aí, quanto *RAP* bom tem por aí, mas em fim *RAP* meu.

E1: Essa avaliação é pessoal daí né, se o cara gosta de uma coisa, mas eu não posso estranhar o cara por que ele gosta mais de Cone Crew, mas eu falo ele é dos meu né.

E4: Mas os cara escuta Facção e os cara pensa que é pra matar, os cara fica falando que o bagulho é loco, eu visto um calçãozão, eu escuto *RAP* é pra matar.

E9: Aí eles tão tocando num assunto assim, o que eu tenho a dizer, na minha opinião a gente ta falando um negócio sério aqui o MHH, então a gente tem que saber, que nem ele falou a gente tem que saber o que que você vai escolher, eu não concordo com muitas letras de RAP, eu não concordo, por que pra mim inferioriza a cultura, por que faz o sistema jogar na nossa cara mais coisas ainda.

E5: Não mas espera aí, tem que ver o que inferioriza, acha que o *RAP* ou as sequelas que fazem surgir com o RAP?

E9: Não, não to falando do *RAP* em sí.

E5: Mas é o seguinte é a única arma que o pobre tem, nós não temos mais nada, nós só temos uma caneta e uma folha, e pouca informação, tem que ver que o Brasil é falho de cultura e educação, não vamos esperar que o cara vai escrever

Tom Jobin mano, só que assim ó, nós como cabeça selecionada, isso que eu falo, a gente vai conseguir ver as artimanhas do sistema e trabalhar e a nossa obrigação é passar pros irmãozinho isso.

E9: O *RAP* de certa forma muitas vezes, quando a pessoa gosta a gente sabe que tudo influencia, tipo é que nem você falar, de alguma coisa que te influencia, eu acho assim que tem muito *RAP* defendendo o RAP, e como você falou tem gente que não é ligada, não vai sacar o que você saca, não vai entender o que você entende, então ele vai ver de um outro jeito, já vi muita gente assim, gente que ouve *RAP* e só pensa em sabe.

E6: Mas aí vem uma parte muito importante dentro do MHH que é a instrumentalização, a importância de se estar trabalhando isso na base, aí entra nossas oficinas, tudo o que nós conversamos aqui entra na nossa instrumentalização, que entra na nossa necessidade de ta trabalhando essa molecada, tando embazando eles, por que não chega nada pra eles, não chega nada, então por que a gente não chegar até eles.

E9: Sabe o que eu penso, eu penso assim, eu vejo o *Hip Hop* assim pra mim é cultura, eu vejo assim sabe, uma rica cultura, aí tipo muita gente vai lá o cara que escreve lá, e derruba tua cultura dependendo do que ele escreve, entendeu, a sociedade tem muitas galeras que veem o *Hip Hop* de uma forma que não é que ne eu falei alí pra vocês alí no começo eu falei.

E2: Assim, vocês acham que tem sertanejo bom? E você acha que tem sertanejo ruim? E por isso o sertanejo anda levando enquadro na rua ou alguma coisa parecida, ou a música dele é isso ou aquilo, cara entendeu? Como tem sertanejo bom tem o ruim e tem *RAP* bom e *RAP* ruim. Mas ouçam RAP, seja ele como for.

E13: E5, tem uma frase assim ó, tem uns que acham que sabe o que acontece, tem uns que fazem acontecer, tem uns que acham que fazem acontecer, é isso o que acontece no MHH, o E6 sabe.

E9: É que a gente tem que se ligar que existem vários tipos de gente, entendeu, é que nem eu falei, o que ele saca o que fulano saca nem todo mundo saca.

E13: Nem todo mundo tem a facilidade de compreender.

E9: Um de nós ouve Facção Central, vai dizer nossa que massa e tal, vai entender, tem gente que não, e sabe o que é o mais triste, dentro do próprio *Hip Hop* não to falando do cara que ouve sertanejo, e de repente vai ouvir to falando de dentro.

E2: Dentro do *Hip Hop* começa a criticar o próprio.

E6: Mas então assim dentro de um breve resumo, cara eu senti assim que vocês com essa vontade de fazer acontecer, acho que ninguém veio aqui a toa, uma das coisas interessantes é desconstruir algo que foi construído erroneamente, os cara não sabem do que tão falando, e falam merda entendeu, então o que acontece, a nossa função em quanto movimento, em quanto pessoas que trabalham com o RAP, que trabalham com o grafite, que trabalham com a dança, que são os caras que fazem acontecer, cara, tem que vestir a camisa e defender o que faz, tem que ter orgulho do que faz, tem que levantar a cabeça mano e não sentir o peso do boné, tem que levantar esse bonézão mesmo mano, entendeu, andar de cabeça erguida, eu sou do MHH, eu sei o que é o MHH, eu sei as causas que levam o MHH a estar desenvolvendo os trabalhos nas escolas, nas periferias e sendo representante aonde for nas periferias, por que quando o Estado não chega, que só chega através das viaturas, né mano, que não chega saúde, que não chega o saneamento básico, não chega, então vamos nós mano, vamos chegar a cultura *Hip Hop*, vamos parar de ficar pensando que é só o primeiro de maio pra subir alí cantar uma música e ir embora mano, vamos fazer o *RAP* acontecer.

E5: Um exemplo a rapaziada vai dançar lá não sei onde, eles tavam pedindo uma ajuda né, nos mesmos temos que ta lá e entrar em contato com os cara, o que vocês tão precisando, a de repente o E13 lanço um CD, vo compra um CD mano, é isso rapaziada, a gente tem que se fortalecer mesmo.

E4: Vocês já tem tipo as pessoas da secretaria de cultura aqui de Guarapuava, vocês já conhecem as pessoas que tão trabalhando lá.

E9: É o que eu falei, tem uns que não imaginam que *Hip Hop* a gente vendo livro ta falando um monte de coisa desde o começo da imagem que a gente tem que mostrar a realidade do *Hip Hop* não essa mentira que tão contando, é isso que eu to querendo falar sabe.

E5: A gente tem que parar de julgar o *Hip Hop*, é a condição que tão errado.

E2: O nosso *Hip Hop* de Guarapuava ta tedioso, ta chato, nós tinha que ta dançando break.

E9: Eu vejo assim o *Hip Hop* como uma galeria de arte, entendeu, eu vejo assim, de repente tem quadro filmando, quadro onde ta o artista, aí você ve tem um monte de gente nossa que maravilhoso, isso representa isso, um monte de gente que entende do assunto falando um monte de coisa ai chega um cara que não entende nada vai pensar, o que eu só to vendo um ponto alí, uns riscos e rabiscos, é assim que eu vejo o *Hip Hop*, muita gente não sabe o que é a arte, tão vendo alí mas não conseguem entender.

E13: Cabe a nós de entrar no cérebro deles.

E2: Mas agora já ta na hora de você sentar com os programadores cara, da essa ideia, será que os cara sabem disso.

E5: Mas nós temos que dar apoio pro cara né.

E6: Mano eu vou contar como funciona a programação, os cara programa conforme o que a massa ouve, a massa ouve sertanejo mano, São Paulo que é São Paulo, tem a 105 FM e só toca no horário de sempre na 105 FM e ela e mais antiga que o meu programa, entendeu, se você chegar em floripa você vai ouvir tocar *RAP* aleatoriamente na programação, mais agora você chega no Rio Grande você não vai ouvir, você chega em Campinas você não vai ouvir, por que lá tem o Realidade Cruel, nem rádio lá os cara tem de RAP, Sistema Negro em Ribeirão E12, Consciência Ex Atual né, E2 eu acho interessantíssim o teu ponto de vista, acho realmente acredito só que não vai ser eu vai ser cada então fazer uma ligação diária, combina liga na 92 e pede pra ouvir RAP, não sei mano aí já foge da minha ossada.

E5: Eu acho que a gente tem que se organizar, se organizar primeiro, na minha opinião, a gente não vai ficar ligando que nem uns loucos lá também, o cara ia achar estranho lá nunca pediram tanto RAP. Mas assim ó foi a primeira reunião, que nem o E6 falou, todo mundo ta no apetite, é por que tem coisa pra brigar.

E4: É tem que se manifestar, mas vocês viram que no Brasil professor apanha pra caralho né.

E5: Mas a gente se organizando, não é possível, uma simples música não vai tocar de RAP.

E6: E a ideia também é por que uma hora, você mau consegue tocar música, muito menos falar, quando eu vi a ideia de duas horas, o que você consegue, você

consegue levar alguém pra falar, você consegue levar um grupo pra uma entrevista, você consegue articular mais, entendeu.

E6: Duas horas.

E9: O E6 deixa eu entender, vocês ta numa rádio católica.

E6: Não católica é a Cultura.

E4: E daí tem uma hora se nem tinha espaço pra falar, sem mancada, lá na P.I.G. você começava a falar o pessoal começava a xingar você, por que os cara queriam escutar RAP, uma semana os cara ficavam esperando pra tocar uma hora, você começava a falar ficava tudo mundo injuriado, por que não podia escutar por que lá não tem *RAP* não tem nada.

E6: Então tem os cara que mandam carta, pedindo música que eu também tenho que atender também, aí ta uma coisa que é essa a importância, entendeu, eu sou o cara que ta lá fazendo acontecer, só que aí onde que tá o movimento apoiando, por exemplo, o mano toca tal coisa, o mano toca outra coisa, não não toca, toca isso, toca aquilo, o mano trouxe uns sons novo pra você.

E4: Mano E6, uma hora se não tina espaço pra falar do movimento.

E6: Qual movimento, é da discussão de hoje é exatamente isso, é pensar em quanto movimento.

E4: Agora você vai ter mais espaço pra você com certeza, poder fazer mais.

E6: E vai ser diferente, vai ter que ser diferente, um certo dia trocando uma ideia com o E2, depois de tanto tempo, aí o E2 falou, mano seguinte acho que tem mudar em alguns aspectos, quando ele me falou eu falei po, mas é verdade, por que você não tem que tocar o que os cara pedem, não tem que tocar o que os cara pedem, tem que levar algo diferente pro conhecimento dos cara.

E2: É obrigação de levar.

E6: É minha obrigação, depois que ele falou isso eu falei, realmente por que cara se eu ficar atendendo cara pede Dia de Visita até hoje mano, entendeu, ai eu vou lá e levo som novo o cara fala po da onde esse som.

Segunda reunião na integra

E6: O histórico que tem por trás desse movimento, como que é tá na rádio, como que é apresentar programa, como que é organizar um evento, como que é grafitar.

E1: Cada um tem uma função né, trabalhar a oficina, cara pra isso vai tempo, sabe tem toda essa questão né, eu faço *RAP* aí já há 15 anos e pouco e tenho poucas músicas até, mas cara tem que trabalhar pros moleques fazer, da uma estrutura, nunca ouve um apoio grande, e quanto ouve um apoio, ouve uma cobrança, tá ligado, já aí uma questão política, que eu já acho que o *RAP* se coloca mal com isso ta ligado, então, eu prefiro eu, trabalhar gravar meu clipe, aí se os moleques gostarem e se identificar com meu clipe aí, até da molecada fazer um show não discordo sabe, mas pra chegar nesse auge aí mano se tem que ta não é canta um *RAP* alí, pega os cara e faz um frestyle ali, agora fazer *RAP* mesmo de verdade vai tempo.

E6: A questão é assim, que as oficinas é mais uma instrumentalização de que forma, você apresentar os elementos, tem muita gente que como eu sempre falo, ainda acha que dança *Hip Hop*, que canta *Hip Hop*, não você dança o break, você canta o RAP, e a molecada assim tá lá e também não tem esse conhecimento, e quem que vai passar esse conhecimento pra eles se não quem é do movimento.

E5: Eu to entendendo o que se falo, mas só que eu vou acho que tentar explicar, eu também tinha assim ó, não o preconceito, isso aqui não ensina, nasce e não é cara, tem muita gente, o cara falo comigo, que legal aquela reunião do E6 lá cara, eu vou na reunião por que o E6 vai falar um pouco da história do *Hip Hop*, e eu não sei a história né cara, por que se você for para pra pensar, a nossa cidade é uma cidade do interior, tradicionalista, aí eu parei pra raciocinar, cara então se nossa cultura vem lá dos cara os cara são muito mais avançado, então precisa a juventude se espelhar nisso, porra que legal que o Mandela fez, vo fazer, ele precisa entendeu, por que o único espelho que eles tem aqui vai ser as famílias tradicionais, mas existe o outro universo, o cara precisa saber lá do grafite, pá como que começou o cara que canta, você não vai ensinar a rimar, você vai falar, mas você ta falando pra cem acho que dois vão entender a tua ideia, Guarapuava precisa cara.

E6: E a ideia, igual hoje né outro dia eu falei quem é o Mano E6 né, hoje a E7 vai falar um pouco do trabalho dela, essa apresentação nossa também é importante, muitas das vezes a gente deixa, e vai passando os anos cara e parece que a gente ta patinando, a gente construiu muita coisa, mas o que acontece desde que a gente começou lá, nós falava com o MRS, nada apaga nossa história, nossa história era um nada cara, só que passou doze, quinze anos, né cara nessa historinha, então

entende, essa instrumentalização é exatamente E1, não é chegar e fazer o moleque vai aprender a rimar, não, mas ele vai ter um contato com uma leitura diferente, ele vai se reconhecer em quanto transformador dessa sociedade, entendeu, ele vai se reconhecer em quanto negro, a gente não fala disso, mas a nossa cidade é uma cidade negra meus amigos, tem muitos negros, a gente tem que trabalhar a Lei 10.639, o *RAP* tem que trabalhar isso, o *RAP* ele tem autonomia, olha eu trago assim bem declarado isso por que a conversa que eu tive com o rapaz não era nada assim de ser escondido, mas é uma conversa surpreendente de um cara que organizava eventos do MHH e ele falo mano poxa da hora as ideias que vocês tão falando, mas poxa tem que para com essas ideias que o MHH é negro por que poxa não tem cor, aí eu fico ouvindo isso e poxa o cara não tem leitura nenhuma mesmo, o MHH é negro, ele não é fechado para negros mas ele é negro, ele foi criado pelos negros pra defender os direitos, a gente não pode deixar mais esse movimento que é negro ser branqueado pela sociedade, entendeu, por que nós passamos por uma transformação de branqueamento social, onde você coloca para as crianças duas bonequinhas uma negra e uma branca qual que é mais bonita e ela aponta a branca, por que, a por que a negra é má, porque a branca tem o olhinho azul, isso é branqueamento, isso é eurocentrismo, foi o que colocaram dentro das escolas.

E9: Que nem eu falei, já comentei sobre o estilo, é um negócio negro, não é a questão de ser, a eu sou vândalo, eu sou isso eu sou aquilo, não, é uma coisa muito massa, as próprias roupas são caras e vem que nem você falou dos negros, o que eu acho que não pode acontecer, é que as pessoas mudem a essência do que realmente é, e eu acho que é isso como o E5 falou a gente ta no interior, eu particularmente, onde eu comecei, comecei no *RAP* de periferia, morava no Jardim das Américas cantando com um amiguinho meu tipo em grupinhos entendeu, tipo o que acontece, como eu canto o povo foi querendo me mudar, que não tem em Guarapuava algo que tivesse haver comigo, aí o que o povo quer, quer que você cante o que eles estão habituados a ouvir, tentando transformar o que você é, então onde eu comecei pra eles, sai disso, não vai dar retorno, você não vai ganhar nada com isso, mas pera eu acho que ninguém deu voto de confiança pra mim fazer e ver se vai ficar bom, eu não fiz ainda pra ver se ficou bom, entendeu, e eu acho que é isso que fizeram comigo, depois acabei cantando em banda show, por que não tinha mercado, não tinha um mercado pro *Hip Hop* entendeu, o que eu tava fazendo, eu

vou chegar com uma ideia negra, uma ideia que não tem em Guarapuava, vocês já viram alguém cantando black, com a voz lá diferente, fazendo algo que até o povo acha que até, parece que nem é daqui, você tem que se voltar pra Guarapuava, ou seja como se o *Hip Hop* não fosse dar dinheiro, esse sonho é cortado, eu tinha que, acabei cantando até axé, uma coisa que nunca deu certo pra mim foi querer me sertanejar.

E1: Imagine cantar *RAP* em Guarapuava, *RAP* sertanejo, tudo aqui é imposto, o movimento não existia mesmo, foi imposto, não é que nem uma cidade grande São Paulo, Rio de Janeiro, que já vem do berço dos cara os cara escutando o samba, o sol, o blues, o funk né cara, aqui não aqui foi imposto, dentro duma fazenda com um monte de coronel, e tamo sendo mandados por eles até hoje.

E5: Na verdade assim, eu acredito, o *RAP* não pode ter grilhões, hoje em dia você falar e assumir ser negro é um princípio, e até dentro do MHH, que nem você falo eu to ligado, discutir, o cara é alienado o cara não merece o cara na minha opinião o cara é alienado, não pode, a única família que eu tenho, vamos dizer assim o leão se junta com o leão, o lobo vai com o lobo, a minha manada é o RAP, se a minha família não me entender, fica difícil cara, por exemplo assim eu vejo o MHH dentro de Guarapuava muito desunido cara, muito desunido, individualista, você é crucificado pelo próprio cara do movimento, a hora que é vamos abraçar o cara, ninguém vem, entendi aquela ideia, você é maluco cara vem falar essa porra, imagina um movimento reunido contra o sistema sem utilidade.

E3: Eu vejo o movimento da seguinte forma em Guarapuava assim, não só pela questão de o movimento negro, de ser negro assim, ser aceito, independente disso, o que eu vejo é assim, que se tornou moda ser carçudo e tal, e não que nós tenha que fazer essa reunião pra que o movimento vá apareça pra sociedade, nós temos que fazer esse aqui pelo povo da periferia, pela favela que é toda a questão, não sei vocês, eu não to pagando de favela, morando no centro igual tem muitos *RAP* diz, mas minha quebrada é periferia também, eu vivo esse dia a dia, então é por essa galera, é por esse povo que eu penso e falo o que eu faço, no movimento tem que ter essa noção, transmitir esse valor.

E9: Você falo uma coisa assim que eu também sou muito pela periferia, que eu sou de essência muito humilde sabe, humilde mesmo, hoje eu to bem melhorzinha, so pobre mas antes eu não tenho vergonha de falar que eu era

miserável, a maioria da minha família é negra, de maioria é grande Paz e Benz, Jardim das Américas, então eu penso assim, sempre eu fui mau vista por ser do Jardim das Américas, eu falava e as pessoas se assustavam, então você ve como tem preconceito sabe, tem muito preconceito por ser pobre, por não ter um tênis, eu não tinha um tênis, que nem eu falei das roupas, essas roupas do *Hip Hop* são muito caras, há até uma controvérsia, eu não ia poder comprar.

E5: Mas cara quem não for favela aqui, ta no lugar errado. Eu já acho assim que você tem que correr pelo ser humano, quem gosta de miséria ta louco, quem não gosta de dinheiro ta louco, existia o *RAP* nos anos 90, que a gente brigou por tudo isso, agora a gente tem que por na cabeça da rapaziada, cara é legal você ter dinheiro, não é feio, é legal você usar uma roupa legal, não é feio, agora não cara, a gente chega num cara que veste, e puts playboy, o movimento mete o zóio no cara mano, zó povinho mete o zóio no cara mano.

E3: Mas aí que ta o ponto, aí que ta a questão é você entrar na periferia e mostrar essa alternativa pros caras, e através do movimento sem precisar fechar, mas aí primeiramente nós precisamos ta forte nisso, nessa união entre nós, que não tem como você querer dividir se você mesmo não tem.

E5: Que nem o E2, ele vai chegar lá com o Maverick dele, cara ele vai chegar no movimento é nosso, se ele cresceu na vida tem que bater palmas pra ele e parabéns mano, se não seguiu por um outro caminho que a gente ve normalmente o pobre seguir, se conseguiu ser vencedor, nós temos que reconhecer os nossos mano. Por que que nem você faz um evento nós temos que colar, e o próprio Mc ta cantando se tem que mudar de vida, não é feio se tem que fazer mesmo, coloca o zé povinho em choque, coloca o sistema em choque, é essa nossa cena.

Os nossos filhos vão precisar dos payboy, por que os nossos filhos sofrem com um defeituoso Brasil que não da educação, vai mudar muito se um playboy entender nossa ideia e querer de repente, eu cresci ouvindo RAP, eu cresci ouvindo Mano E6, não me misturei mas legal a ideologia dos cara eu sou do RAP, aí vai numa empresa lá e da uma oportunidade lá e felizmente nós tamo no sistema, é o *RAP* transformando.

E3: É outro ponto, é preciso transmitir esses valores pra periferia por que hoje em dia é visto assim, pra uns é moda ser carçudo, pros cara que são da favela eles são discriminados, quando você é rico é carçudo é bonito, mas se você é favelado

carçudo, não é bonito você é bandido, você é maloqueiro, entendeu é isso que tem que mudar.

E5: Que nem eu vejo, não sei se vocês observaram, podem até me chamar de louco, você pegava ha um tempo atrás moda era principalmente aqui em Guarapuava, o cara comprava uma guitarra uma bateria e fazia uma banda de rock, só que veio agora a globalização então o que acontece, cara não é por nada, que eu não quero que vejam pelo lado discriminatório, não é isso, mas cadê os E12 do *RAP* você não vê mais por que o E12 ta brigando pelas principais necessidades o feijão e arroz cara, o feijão e arroz cara, ve lá Cone Crew Diretoria os cara pá, cadê o *RAP* veio cadê, por que os cara tão tendo mais acesso, eles podem comprar o computador, eles podem um notebook, eles podem comprar, se organizar, mas a favela não. Falta de organização, eu trabalho a oito anos na noite, cara mais por incrível que pareça cara, você pode usar qualquer forma de educação com os cara que são carçudo que os cara não entendem, e os cara eu vejo com os meus olhos, já toca funk os cara tão rebolando, toca *RAP* os cara, não to generalizando, mas os cara vai no carro ta tocando Valesca popozuda, ridicularizando cara.

E6: Isso é um ponto importante, hoje em dia esse negócio de o cara é carçudo, achar que todo mundo é do *RAP* por que o cara usa calça larga, camisetona, isso acabou faz hora mano, então o cara ta lá num grupinho tudo carçudo e o cara ta curtindo um som que não tem nada haver com *RAP* mano não quer dizer que o cara ta usando aquela roupa o cara é do RAP, entendeu, é modinha. Então tem que tomar cuidado com esse esteriótipo aí, só a roupa, o cara de ideia não tem nada, isso é uma das coisas que é foda.

Por isso outra observação, por que das reuniões, por que dessa instrumentalização, se conhece e se reconhecer quanto participante, por que é interessante estar curtindo umas leituras voltadas para que o cara não venha falar porcaria mano, que nós que somos do movimento, não podemos não ter uma leitura, sobre onde surgiu, quem é quem, o que que fez, o por que, pra que que foi, pra onde que vai, qual o objetivo, entendeu, nós temos que ter isso.

É muito achismo sobre o MHH, ele não é achismo, ele foi construído, ele foi criado, ele foi unificado, alguém chegou lá e falou isso aqui acaba com isso então vamos unir esses elementos por que eles vão ficar forte, então o que nós estamos fazendo hoje aqui é ficar forte, entendeu, como foi no passado, como fez toda essa

construção no mundo todo, um dos ritmos que é o *RAP* o mais ouvido no mundo, então vamo aproveitar isso, vamos aproveitar que hoje a gente tem esse espaço, que a gente ta conseguindo se encontrar pra ter essas conversas, diálogo, vamos focar nas oficinas, nessas leituras direcionadas pra se reconhecer em quanto participante, em quanto um transformador social, através da cultura *Hip Hop* e seus quatro elementos, e a importância de se ver aqui se apresentar é exatamente isso cara, nós temos um papel fundamental dentro desse movimento, nessas oficinas nós vamos deixar muito claro isso, nós instrumentalizamos a partir do RAP, através da dança, através do grafite, através da discotecagem, é possível fazer isso, um quinto elemento que Africa Bambata falava e que ele batia muito forte era o conhecimento, não vai ter os quatro elementos se não tiver o conhecimento e a propagação desse conhecimento, a favela não vai ter mudança se ele não tiver o conhecimento até quem está morando nela, quem está passando dificuldade, não vai ser só através do RAP, vai ser através das leituras.

E9: As vezes eu acho assim, voltando a falar sobre periferia, na questão de controlar o medo, as periferias assim, eu vi muito isso, até um amigo meu, sabe quando você conhece alguém de tal bairro e você conhece outo de outro bairro, mas as pessoas não se dão, a mesma coisa a gente lá vai fazer um evento, a E3 vai chegar lá vai fazer um evento de *Hip Hop* tal, então há uma restrição, teve um amigo meu que levou quatro tiros de um outro cara, então ta muito desunido, as periferias.

E1: Acho que o *RAP* em Guarapuava, não se deve mais botar palco nas periferias, já foi tentado, você já surgiu lá eu lembro quando você surgiu e assim deve-se hoje entrar mais já diretamente com a dança e informação mais diretamente, trazer eles até nós, quem quer vir, mais como convidado, ó nossa ideia é essa e tal, tamo fazendo lá em tal lugar, você quer vir, por que se você for lá vai ter essa confusão lá dentro, por que são muito carente de informação, as vezes você vai levar um CD lá o cara não tem o aparelho, não tem um DVD, não tem TV, como que você vai levar um CD pro cara lá, o cara vai falar mas po mano, aqui na minha casa eu só tenho fogãozinho a lenha, muito carente mesmo, eu acho que tem que chegar uma informação assim, buscar os cara que gostam RAP, que gostam de break, os que gostam mesmo do movimento, aquele que quer ser adepto que ta pensando, através desse lá da quebrada, ele vai conseguir resgatar mais pessoas

dentro da quebrada dele, daí eu concordo, mas tem que ter as pessoas do *RAP* lá dentro que venham e voltem lá e criem mais deles.

E7: A cultura *Hip Hop* nasceu pra celebrar a vida.

E6: Vamos começar então, viu galera, a gente já deu uma introdução deu uma esquentada na fala, isso aí a gente vai acertando conforme a gente vai caminhando, a E7 vai tafalando pra nós hoje um pouco da caminhada dela que é muito rica e vai trazer bastante coisa bacana pra nós aí né, e assim na próxima eu espero que mais um venha contar um pouco da sua história também né, já vamos deixar conversado quem será o próximo, e depois a gente vai conversando e eu também quero fazer uma explanação rapidinha de como funciona as oficinas, até o V.P.M. teve participando comigo no Ana Vanda, tá então assim pra gente já ir entendendo das oficinas e pensando nessa construção de bairros ou de lugar a universidade é um dos pontos que a gente vai poder ta utilizando em quanto local de oficina, ta eu já to articulando aqui já conseguimos as pick-ups, já tem duas ali esperando pra molecada, pra molecada vir pra ca aprender, a gente só vai articulando isso no decorrer do nosso tempo.

E11: Esse trabalho vai ficar comigo e com o Jones, e ao mesmo tempo não e nosso por que qualquer evento a gente pode ta levando, esse trabalho do Snow do Aaron pra expor, pode ser repintado.

E6: Porque a ideia do compensado nas oficinas, nas apresentações nos eventos ela e maravilhosa, muito evento que você quer fazer por exemplo no Parque do Lago você não tem nem muro, ali pra você ta fazendo, os compensados você pode ta utilizando ali, depois ta utilizando em outro evento, trás dentro de uma sala você não pode pintar uma parede mas você pode fazer a arte da mesma forma.

E11: E são seis chapas, então uma parede legal né, e do break quem cuida seria o responsável por ta chamando as pessoas é o E10, e pra finalizar a ideia a gente vai trazer a galera do Rajada pra ta abrindo a nossa mostra de RAP, e ai vocês estão todos convidados pra cantar, detalhe como vai ser tudo no Parque do Lago penso que não seria mais que uma hora e meia, tem aparelhagem de som, microfone, som, já foi acertado tudo isso.

E4: Tem que ver se a gente consegue uma coisa pro movimento, por que não pode ser uma tarde inteira lá a galera curtindo RAP, a galera cantando a vontade, a hora que quiser subir cantar.

E11: Essa visão do festival pra mim ela vem encaixada, você tem até esse horário pra fazer e só que assim a gente vai estender um pouquinho esse ano, o break, o skate e o grafite eles começam as duas horas da tarde, e a parte do RAP, vai ter batalha de rima, os rimadores fiquem a vontade gente, começa as cinco horas da tarde os shows de *RAP* e termina lá pelas sete.

E6: De repente da pra começar as cinco e ir até umas oito, por que assim, se estender, não tem problema se passar um pouco por que por exemplo se a gente for ver aqui, quantos participariam cantando *RAP* hoje, o V.P.M., o E1, o E5, o mais com relação a tempo que eu penso quando se faz um evento com vário ao mesmo tempo, no cronograma, e também se você for pensar, quatro grupos de cinco minutos, é bastante cara se for ver, você coloca o cara lá canta oito som mano, cara é chapante, geralmente quando vai num show específico né, agora quando é um evento com várias participações, muitas participações acho que fica interessante colocar dois , três sons de cada, até por que tem grupo que ta começando que o cara não tem três som quatro som, você fala pro cara você tem que cantar quatro som, mas como se eu só tenho dois ali, entendeu, vamos voltar pro E11 aqui se não, não acabamos aqui.

E11: Gente na boa, não tenho intensão de fazer o evento se estender pra noite, na verdade assim até as sete, eu até concordo é legal é bacana, você ta envolvido ir pras periferias, mas mano da um figth e você tem que. A ideia é que o *RAP* fechasse, é por que assim, vai ter quatro lugares, o skate acontece na pista de skate tá, o break vai acontecer lá no deck de madeira lá em baixo, o grafite acontece lá onde tem os negócios dos velhinhos lá a academia da terceira idade, por que tem pessoas que vai só fazer um tur mesmo, aí faz um tur aqui outro alí, outro lá, se eu dou do *RAP* vo perto do RAP, se sou da dança já vai alí entendeu, exite a possibilidade da nossa querida e amada prefeitura ceder o palco bacana daquele grande lá, ou então a gente usa o mesmo palco do break, no deck. Eu tava pensando na questão da foto gente, da filmagem se rolar no mesmo palco lá do break vai fica show, se chover, num pano b é tudo Pahy, a gente tem o palco da Araucária que a gente pode fazer o break e o grafite, o skate rola no estacionamento, a gente fez campeonato lá no Pahy e foi filé.

E6: Tá, mas então vamos focar mais no convite tal, a parte estrutural vamos deixar pra esse caboco fazer depois.

E11: Justo, por que eu escolhi os brother pra me ajudarem, o convite é pra todos, mas especificamente E3, E6, E10, Jonathan, por que a gente tá ali sempre pertinho e eu conheço todo o trabalho deles, então eu fico tranquilo, eu sei que não vai acontecer problemas, no trabalho da E3 do E6, do E10 do Jonathan, eu quero ficar mais assim geral do que ficar focado num só, ao mesmo tempo focado em todos, acho que eu consegui explicar, bom tem o evento no facebook, vamo trocando ideia lá gente, ajuda a divulgar chama os brother, tem os grupos de *RAP* qu eu ainda não conheço, que vocês conhecem, chama a galera, pra gente fazer um levantamento de quantos grupos vai, a galera do skate, quantos vão competir pra gente fazer o levantamento, por que tem horário esse evento, infelizmente a gente não vai poder ficar o dia inteiro lá, mas vai ser bacana, vai ser legal, e dando certo esse ano, divulgação só facebook, não foi feito flyer nem cartaz, eu fiz uma arte não ficou muito legal, mas dentro daquelas informações fiquem a vontade pr compartilhar. No facebook ta assim ó, existe um cartaz com todas as informações e outros quatro cartazes com as informações do RAP, informações do skate, do break do grafite, qualquer coisa enche o saco da E3 do E6 por que eles também tem essas informações, vamos fazer acontecer.

E7: Então gente, o início de tudo, o meu primeiro contato com o break foi em 2007, 2008, não sei bem a data certinho por que eu tava no segundo ou terceiro ano do ensino médio mesmo, que eu lembro que teve uma oficina, primeira vez eu vi os piá se apresentando Best On Crew que chamava antes, eles tavam se apresentando no colégio no auditório lá, eu estudava no Caique a noite, e eu vi eles se apresentando e eu gostei bastante da coisa né, então, aí teve uma oficina que a Rita Felchak promoveu nos colégios, não sei se foi em todos os colégios, mas no meu teve, daí dava pra você escolher, tinha circo, teatro, música, dança, artes plásticas, e eu fiquei naquela, não sabia se eu ia pro circo ou se eu ia pra dança né, ai eu fui pra dança, e o meu primeiro professor foi o E11, eu tive também como professor o Márcio, não sei se alguém aqui conhece, ele é formado em Arte e Educação, e com o E11 eu tive *frestyle* mesmo *Hip Hop*, e com o professor Marcio a gente teve dança contemporânea, a gente aprendeu bastante coisa, as minhas amigas foram e eu falei vo junto né, e aí nesse meio tempo, fui treinar um tempo com a piazada do Best On Crew 2008 mesmo, que eles treinavam na igreja ainda na Comunidade lá na Divino Espirito Santo, a gente treinava na salinha e o padre abria pra gente treinar

também no salão da igreja, aí eu comecei a dançar com eles mesmo sendo a única menina a dançar, todo mundo ficava me olhando assim, o que você ta fazendo aqui, mas tava lá, aí em 2009 eu fui pro Magia aí de 2009 eu acho que fiquei oque até 2011, 2012 por aí só no Magia, e assim foi, ó esse aqui foi um dos campeonatos que eu participei, em 2009 mesmo eu fiz um workshop com o b.boy Marcelinho da Bekspean Crew, a primeira Crew do Brasil, eles começaram a dançar em Santos, lá na São Bento, e eu tive um workshop com ele aqui na UNICENTRO, que foi o pessoal da Arte e Educação que promoveu, eu era bem novinha nessa foto, tinha 18 anos, aí começou as transições de Crew, em 2009 eu comecei no Magia, em 2010 eu dancei numa crew que era Impact Undergrund o nome, é lá de Ponta Grossa, eu fiz até umas apresentações com eles nuns colégio de lá, e daí em 2010 quando eu tava aqui eu dançava com o Best também, eu ficava nessa, ia pra uma crew, saía deum aia pra outra, é bom, fiz bastante amigos, aí eu voltei pro Magia e continuei no Magia até 2011, em 2011 eu saí e fui pro Frezzes, fiquei de 2012 a 2013 a gente ensaiava lá na igreja no CVV, igreja Caminho Verdade e Vida, aí em 2013 pra 2014 o Frezzes e o Best On Crew se uniram, formaram um grupo só que se chama Power Neggaz, só que por causa de algumas brigas, alguns transtornos aí no decorrer da caminhada separaram de novo, a piazada continuou com o nome Power Neggaz, e agora a gente tem um novo grupo que se chama Aliens Crew, esse aqui foi um dos campeonatos, tem uma boa galera do break aqui reunida, então, essa é uma foto que eu curto bastante, tem bastante gente aí, tem até uns que já nem dançam mais, aí eu fui jurada num evento da Cufa em 2012 também que teve lá que o Taciano organizou, se tava presente né, você tava de Mc também lá, fui jurada lá no campeonato bem do além cheguei lá me botaram de jurada tal, participei praticamente de todos os campeonatos de break, tirando os do E11 que ele faz no sábado eu não posso trabalho, mas eu participei de todos os campeonatos praticamente, aí os únicos campeonatos que eu levei foi um em 2013, que eu tirei primeiro lugar do break intense que foi do Freezez, e em terceiro no primeiro de maio 2014 que rola todo ano, aí essa aqui é umas fotos do Máster Crew que a gente foi em 2014, é um evento que eu curti pra caramba por que em Guarapuava nunca vai chegar a ter um evento daquele tamanho, tinha muita gente boa naquele lugar, ai você ve o quanto Guarapuava é pequena por que é muita gente diferente, vocês falam do *Hip Hop* lá tem todo tipo de gente do mundo que você imagina, tem negro,

tem asiático, tem branco, tem de tudo que é cor, tipo, style diferente, é demais e eu tive o prazer de conhecer umas meninas que eram minha inspiração desde que eu comecei a dançar, que é a b.girl Mila, a Bibi e a Fernanda Telber também, aqui é uma crew lá de Brasília a gente fez amizade com eles, então foi um evento que marco bastante pra mim, nossa foi o auge assim de ir pra um evento desse já foi demais, ela dança desde 1999, uma coisa assim ela já foi pra Bolívia, ela já representou o Brasil na Europa, já apresento em Paris, Estados Unidos, ela é muito gente boa, humilde pra caramba, curti isso, aí aqui tem um pouquinho do decorrer, fotos de evento que a gente foi em Laranjeiras, num evento que teve lá, aqui é evento do Lago, aqui em Ponta Grossa com a galera de lá, aqui em Pato Branco o dia que eu fui jurado também lá, aí tem mais umas fotos, aqui nos treinos do Freezez lá na igreja, aqui já é Best On Crew, que agora é Aliens, aqui em Pato Branco, aqui é na Masters Crew lá em São Paulo que a gente foi, aqui dos nossos treinos, agora a gente treina no Sesi né, aqui na festa das células, festa da igreja Comunidade Vida a gente acabou indo e dançou no final da festa também foi muito legal, na verdade eu vejo que pra mulher, pra menina no caso no meu caso, é muito difícil a parte do break, por que o *Hip Hop* não é só o break, tem pop, tem looking, tem vários tipos de dança, eles falam sempre só o break, break, mas não é só isso, até eu trouxe um pedaço de um filme pra vocês verem, esse aqui é o Beat Street, é o primeiro filme de *Hip Hop* que existiu, conta a história do *Hip Hop*. Por que assim o que aconteceu, o *Hip Hop* ele foi uma celebração da vida, como eu falei, eles não começaram o *Hip Hop* pra discriminar um certo tipo de gente, vamos ser habitado só por gente pobre de classe média baixa, e eles fizeram aquele monte de, Bronx, Quens tem vários bairros lá, e quem se mudou pra lá, era Latino, era afro descendente, era asiático, era spanico, era diversos, era que nem aqui, periferia e começaram a se formar gangues, o *DJ* Kool Herck ele veio da Jamaica ele era grandão e tal, começou a fazer pequenas festas na rua, em apartamentos abandonados, e começaram a chamar o povo pra ir naquelas festas, por que ele via que o povo tava se matando lá fora, ele queria tirar aquele povo daquele meio lá, de briga de drogas, de tudo e fazer o povo dar valor para aquilo que interessava que era a vida, e ele pregava muito que o *Hip Hop* era pra unir, paz, amor, união, respeito, humildade e isso aos poucos foi se perdendo, quando o *RAP* estourou e eles viram que podiam ganhar milhões de dólares lá, eles começaram a começaram

a colocar mulher pelada, falar de droga, apologia ao crime e a matança, toda a parte ruim, eu até tenho um documentário que tipo quando começou a parte do break, eles começaram a batalhar mas sem aquele negócio de, eu não vou bater em você mas nós vamos batalhar aqui, vamos dançar, e foi isso que ele fez, o Africa Bambaata falou que nem eu ia falar do quinto elemento que era o conhecimento, por que com o tempo os outros elementos do *Hip Hop* foi esquecido lá o b.boy foi esquecido, o que prevaleceu foi mc e RAP, o b.boy e o grafite foram praticamente esquecidos no decorrer do tempo, e aqui na cidade rolava muito disso se um cara ta cantando *RAP* num lugar e se um b.boy fosse dançar lá, todo mundo começava a olhar torto, então isso aconteceu muitas vezes, então todo mundo chegava do break e ficava assim, o que eu vou fazer agora não vou poder dançar né, que os cara ficavam olhando torto, chegava e ninguém queria dançar.

A essência do *Hip Hop* se perdeu, por que lá no começo eles queriam pregar uma coisa boa e daí com o tempo o pessoal começou a ver de uma outra forma, foi uma coisa que expandiu muito rápido, os b.boys andaram pelo país inteiro assim quando estourou de verdade, se difundiu no mundo inteiro, tanto que os asiáticos são os melhores do mundo, então, nem é mais os Estados Unidos ele ta em último lugar.

Eles vendem o *Hip Hop* como uma coisa de bandido, e é realmente o que acontece, é um documentário desde o começo da história do *Hip Hop* até hoje, esse é um dos primeiros Mc´s que existiu, e muito comprido.

E6: Esse material é aquela ideia de fazer o cinema, aqui na UNICENTRO pra nós, entendeu, por que olha um material muito rico, de conteúdo, os pioneiros da cultura *Hip Hop* falando, dando sua ideia, então que no próximo encontro que a gente já possa assistir um vídeo desse, entende, essa é a ideia da gente ta compartilhando tudo isso, é um material cara, é informação, é se instrumentalizar para instrumentalizar os outros, então olha a riqueza de você ver um material desse daí.

E4: Só que a galerinha de hoje em dia não tão muito interessada, tipo no passado, eu tenho 24 anos, eu converso com as piazadinha de 15, 14 por aí da vila assim, só que eles não sabem da onde que veio, eles já pegaram de um estilo e querem curtir dalí, tinha meu vizinho que eu ficava de cara, ele curtia mais Thiagão do que Sabotage, eu falava pra ele umas coisas mas ele não, mas deixa ele pra ele

curtir Thiagão era mais foda, só que ele só vai seguir aquele *RAP* lá, eu já não gosto por que tem que ficar me abaixando, só tiro pra tudo quanto é lado.

E6: Mas a gente viu a gente teve a fase do Facção Central, to dizendo de seguimento, as pessoas abraçar as ideologias e acompanhar as ideologias, é diferente entende.

E7: Só tenho pra dizer assim, já teve oficina de *Hip Hop* aqui na cidade, até ano passado, esse ano ouvi falar que ta tendo ainda, eu não sei to bem por fora, mas tinha *Hip Hop*, tinha as oficinas de *Hip Hop* nos bairros, até nos Cras, eu sei tinha aula de break, e de grafite pra criançada, criança que não tem o que fazer por exemplo, sai da escola ao invés de ficar pra rua vai pros lugar e vai fazer uma aula, vai fazer alguma coisa, aprender alguma coisa diferente, e tava tendo, agora esse ano eu não sei.

E6: Na verdade o seguinte ele perdeu a licitação, por que é do Paraná todo.

E7: Quem apresenta o projeto melhor é que pega.

E1: Os cara não acreditaram no projeto melhor, apresentaram um pior, pegaram e não tão fazendo nada, por que os projetos que foi aprovado, pegaram o dinheiro tiraram da mão do maluco da cidade que tava tentando fazer certo, o meu ponto de vista é esse, e que não vão conseguir cumprir.

E6: Ele ta agora na Assistência Social, mesmo trabalho nos Cras, nas escolas trabalhando na Assistência Social, eu já convidei ele pra vim pra falar também de como que ta acontecendo essas oficinas, quem que ta ministrando essas oficinas, só que ele não respondeu, o Cleber que sempre tão junto o Cleber já falo que não podia porque ele ia ta em Cascavel, viajando e tal, então assim, é algo que acontece, mas assim, eu não sei quem que tá trabalhando hoje, a ideia quando foi chamado aqui, eu convidei todos, todos que participam, exatamente pra isso, ele tem o trabalho dele lá, mas não quer dizer que possa ser feito outros.

E1: Na verdade esse trabalho dele lá é uma Associação e uma Associação não tem dono.

E6: Mas não pode intervir no trabalho dele, entende, por isso aqui todo mundo convidado, lugar aberto, numa universidade onde é pública, todo mundo pode vir e conversar, entendeu, só que se ele vim aqui também.

E1: É assim ó, uma associação é assim, tem tal, tem presidente, e eu acho que essas pessoas dessa papelada lá tem que ser os cara do *Hip Hop*, eles são do

Hip Hop, mas falta pessoas alí entendeu, escolheram, que é um bagulho que pode rolar uma grana muito grande da cidade, pra existir o movimento, e através dessa associação.

E5: Exatamente, mas por que não tão aqui.

E1: Mas nós surramos e trazemo amarrado.

E6: Eu sempre mandei convite, pra todos, só que assim eles me deram respaldo que não poderiam, não posso falar nada.

Pessoal, a E7 só pra ela encerrar então, aí a gente já vai voltar pra outras ideias, a E3 também vai falar, ela tem o evento dela agora domingo.

E7: A gente só tem que pensar o seguinte, que o que for criado agora a partir do *Hip Hop* não pode discriminar ninguém, independente da classe social, cor, raça, independente, por que o *Hip Hop* foi feito para todos, então quanto mais pessoas, a gente tem que ficar feliz quanto mais pessoas envolvidas, por que na cidade desde que eu entrei que eu vejo o *Hip Hop*, ele ir lá e começar lá em cima, ter campeonato a prefeitura apoiar, alguém ir e fazer alguma coisa errada e de repente deslancha tudo e perde o que conseguiu conquistar, por causa de um ou outro a cultura se perde, então a gente tem que atrair mais jovens por que se a gente for ver a juventude de hoje de 13, 14 anos ta tudo perdida, seja a parte de drogas, menina agora de 14 anos é mãe, então quanto mais pessoas tiverem envolvidas nesse tipo de coisa é mais gente que a gente pode ta salvando de uma forma boa e uma coisa que a gente prega muito, no nosso grupo principalmente, é a parte de fé em Deus de verdade, por que a gente nunca via assim muitos grupos se unirem e ficarem bem firme e forte, o nosso grupo a gente não deixa um dia sem fazer uma oração sem cada um pega na mão do outro e agradecer pelo dia, pelo que Deus tem proporcionado pra gente, nosso grupo só tem crescido cada vez mais, a gente começou até esses dias tinha dez pessoas alí, nosso grupo agora já tem umas vinte, vinte e cinco cabeças já, piazinho novinho que ta interessado e a gente espera passar isso pra todos por que eu futuramente eu não sei se eu vo ta dançando, então eu vou ensinar pra quem quer dançar né, eu vou ensinar o que eu já aprendi, não sei muita coisa mas eu vou ensinar o que eu aprendi pra quem ta começando, então é, cada um passa informação pro outro, por que se a gente não passar pros que tão vindo agora futuramente não vai ter, é uma coisa que vai se extinguir igual todas as outras, então a ideia da oficina é legal, eu comecei numa oficina, se não

fosse uma oficina eu nunca taria no *Hip Hop* então, eu acho que é bem interessante, bom é isso, não tenho o que falar mais.

E6: Fala pra nós como vai ser o evento, como vai ser a programação.

E3: Então pessoal, acredito que a maioria já sabe né, eu já tinha marcado pro final de semana trasado o Conexão das Periferias, consegui realmente uma conexão com a paróquia da Vila Bela no Tancredo que faz parte alí da paróquia da Vila Bela, mas devido ao mau tempo acabou não dando certo, aí eu remarquei pra esse domingo agora dia 25, e acabou que domingo passado o tempo tava bom né, e a previsão pra esse agora é tempo feio vamos ver o que vai dar, corri atrás dessa semana de espaço fechado não consegui, os ginásios de Guarapuava estão todos lotados, tentei até o ginásio lá da Sambra mas ta interditado, o ginásio Joaquim não por que eu queria fazer naquela região alí, por que a intenção era fazer alí pegando Vila Bela, Planalto, Iraque, Sambra e tal, mas epla questão de ter ido atrás da paróquia de lá, igual eutava conversando com o E11 eu não vou mais adiar esse evento, tem que acontecer esse domingo, por que no outro mês já tem o evento dele, aí vai ficar tudo muito em cima, se não chover é lá no Tancredo do lado da paróquia do Tancredo, vai ser fechado a rua, vai ser feito lá, e se chover azedo o molho né, aí vamo ver então, justamente a gente ta aqui isso pra se unir e tentar fazer o baguio acontecer, o que eu fiz, mas agradeço aqui ao, eu esqueço teu nome, o Vinicius então se der certo beleza, e se alguém tiver a ideia de um espaço fechado lá só falar aí, que a intensão é fazer o baguio acontecer, começa a uma hora e termina as cinco, mini campeonato de skate, tem toda uma programação eu corri fui atrás, fui lá na Atrito pedir os brinde, fui na Kalifas primeira vez que a Kalifas ta somando, as tinta pro grafite já entreguei pro Mauricio, até eu fui lá na rua lá onde vai ser fechado, fui conversar com os vizinhos, cheguei lá conversar com uma senhorinha lá pedir pra ela o muro ela falou pode grafitar, não vou ter dinheiro pra pintar minha casa e vai ficar massa, pena que de repente, Deus sabe né, então tem o campeonato de skate, tem o grafite, a dança de rua, ta o E6 como convidado, do meio dia as seis, o que eu to correndo atrás seria a condução pra levar os obstáculos lá, pra trazer depois, tamo precisando de alguém que tenha um automóvel ali com carroceria, coloca em cima do fucão lá, então é isso aí galera. Ta todo mundo convidado e no próximo nós fazer juntando os quatro elementos.

E3: Na verdade o Conexão da Periferia não tem patrocínio financeiro, eu vou lá na caruda igual eu cheguei em você pedindo apoio pra divulgação entendeu, eu vou lá na cara de pau, você ta ligado vou lá na loja intimo o cara, o cara não, na outra vez eu vou lá de novo, até o cara se encher de mim e dizer tá menina vá la e faça, entendeu, é assim que acontece, chego na cara dura, explico, não tem nem um apoio financeiro, é isso que eu faço.

E6: Uma das ideias é mostrar como que foi feito e como que funcionou dentro da sala de aula, tem várias formas de estar trabalhando tanto em sala de aula como a gente ta trabalhando com a molecada em qualquer ambiente né, eu sempre trabalho com a educação não formal então o que nós fazemos, nós formamos através da educação da rua, nós formamos através do conhecimento nosso, desse saber prévio que vem de cada um, do dia a dia, do levantar, da dificuldade, de ver a família as vezes passando uma dificuldade, e ver a família também sendo bem construída no decorrer do seu dia a dia, esta é a diversidade que a gente encontra em sala de aula em Guarapuava e em toda a região.

E6: Eu vou te cortar aí e vou pedir licença pra todos vocês, mas eu deixei meus piazinho lá em casa, sozinhos, já fiz um corre antes de vir fui lá conversar com a diretora do Caique pra ver se consegui o espaço pra fazer, mas acabou não dando certo, por isso que eu atrasei de vim aqui, mas na próxima, mas nesse momento eu vo ir por que as minhas crianças tão sozinhas.

E6: Agradecemos a presença e o convite aí pra domingão.

Na verdade assim a ideia de ir pesquisar o MHH, entender um pouco mais do MHH, foi a partir de um trabalho de um professor, professor Nécio Turra Neto, ele começou a pesquisar o MHH em Guarapuava, e eu era uma ponte de ligação pros cara do RAP, pros cara do Grafite, então quando ele conheceu a rádio ele viu que o Mano E6 conhecia o cara o cara que dançava, o cara que cantava, o cara que grafitava, o cara que discotecava e ele veio como um ponto de referência, então a partir daquele momento eu virei ponto de referência, mas eu ficava pensando o que esse cara quer, o que esse cara ta pesquisando, ele ia nas reuniões que a gente fazia, ele ia shows que tinha, nos evento que tinha ele acompanhava a molecada no dia a dia o que eles faziam, como que era a vida dos cara que cantava, na época era o Raciocínio Verídico, Proceder Periférico, que os cara tavam ali na atividade, aí eu falei poxa, quero entender mais do MHH em quanto transformador, aí nisso veio a

ideia de entrar fazer o curso de Geografia Licenciatura na UNICENTRO, por que era nesse curso que ele dava aula e pesquisava o MHH, então quando entrei lá conheci a Geografia Cultural e me aprofundei na parte de cultura mesmo, passei a ser um pesquisador do MHH, um cara que estuda os elementos, um cara que pesquisa o que é a constituição do MHH como que dentro dessa comunidade de aprendizagem ele interage, então assim quando eu fui fazer meu trabalho de conclusão de curso uma das ideias era poxa o que eu devolvo pra comunidade através da minha pesquisa, e eu devolvo isso através do trabalho com o RAP, com o grafite, com a dança, essa é a devolução que nós podemos fazer, isso é o que nós podemos levar pra molecada da periferia, ou pros cara que querem conhecer o MHH. Então nesse dia nessa aula, que eu trabalhei o RAP, uma das ideias era trabalhar a dinâmica populacional da América tema de estudo, a vinda dos negros ao Brasil, a população escravizada em Guarapuava, e as políticas públicas e ações afirmativas referente a Lei 10.639/03 que é a obrigatoriedade de se ter os estudos da história e a cultura afro-brasileira e africana e também de você poder ta falando mais dessa lei dentro da sala de aula, então pegando todo esse material não tinha outra forma se não trabalhar com o RAP, poxa imagina eu fazer uma aula com RAP, então na conversa com os estudantes a gente chegou e viu que todos eles curtiam RAP, que eles já sabiam o que era o RAP, mas conheciam assim de qualquer jeito, então contextualizei um pouco da história do *Hip Hop* chegando até o *RAP* esse recorte, chegando a Guarapuava, por que eles ouviam o V.P.M. e tiveram a satisfação de conhecer a rapaziada na sua sala de aula também, então trabalho foi iniciado apresentando a cópia impressa acompanhado de áudio a letra de *RAP* Navio Negreiro do Consciência Humana, por que nós estávamos falando dessa vinda, então assim a gente fez essa contextualização, em seguida os estudantes foram instigados a opinar sobre a necessidade de estudar sobre o preconceito e o racismo e outras formas de discriminação, então assistiram um documentário que eu passei pra eles da BBC, Racismo uma história, eles registraram em seus cadernos as principais ideias apresentadas nos livros da mesma forma na letra da música, tanto na da letra quanto nas músicas que eles ouviam, que eles trouxeram depois como pesquisa, como forma de retomar o tema principal os estudantes registraram os conceitos definidos anteriormente e foram orientados a identificar esses conceitos na letra de RAP, eles foram divididos em grupos e escolheram através de pesquisa

letras de grupos de *RAP* que abordavam os conteúdos estudados, então a partir desse momento eles fizeram uma leitura orientada das músicas daí escolheram por meios de questionários, também contaram com a presença e auxílio dos rappers da cidade de Guarapuava o grupo V.P.M. Voluntários Pra Missão, após os questionários desenvolvidos pelos estudantes foram utilizados como requisito parcial da nota e tudo mais como a gente faz a avaliação como professor da disciplina de Geografia, a gente falou como eles chegavam ao Brasil né, depois de aprisionados entre diversos em guerras entre os diversos povos na África, os africanos eram acorrentados marcados a ferro e brasa como forma de identificação, eles eram vendidos aos comerciantes europeus, americanos ou africanos que se estabeleciam no litoral da África e vinham para a América do Sul nos navios negreiros, então contextualizando com a letra da música, aqui mais um pouquinho da história também dos escravizados no Brasil, que é muito forte, em Guarapuava a gente teve escravizados, e por que eu contextualizei eu contei a vinda, contei os escravos no Brasil essa chegada em 1550 a 1855, como que era feito alí pelo litoral da Bahia e Pernambuco, como que foi descendo pelo litoral do Brasil né, então até a gente falar do fim da escravidão no Brasil né, e contextualizando toda essa parte a gente falou da escravidão no Paraná, não foi muito utilizada a princípio e vieram para substituir os índios na mineração, mas teve. Para colonizar Guarapuava, D. João mandou que as terras fossem doadas pelo sistemas de sesmarias ou seja grandes lotes com mais de quatro mil e quinhentos alqueires paulistas, para se apresentar um sesmeiro a pessoa teria que possuir uma certa quantidade de gado vacum e cavalar, ser donos de escravos e ter dinheiro para isso, é comprovado que a gente teve a escravidão em Guarapuava também, aí a gente contou a história de Belmiro de Miranda, que foi escravo em Guarapuava, ele participou da campanha Abolicionista, ele tem uma rua com o nome dele que é lá próximo a Lagoa, que é lá próximo ao Colégio Ana Vanda, a gente levou os estudantes pra conhecer essa rua, a gente montou flyers, então aqui a vinda do V.P.M. na sala de aula onde eles cantaram né, tiraram o som deles conversaram, a molecada questionou bastante, tinha muita coisa que eles queriam saber com relação como que era o *RAP* aqui em Guarapuava e tudo mais, então eles contaram isso ai dessa necessidade mesmo né, e esse contato né, por isso essas oficinas são importantes, entendeu, era a educação não formal dando aula pra educação formal, veja que interessante, da rua

para dentro das escolas, isso aí é o que enriquece o nosso trabalho, aí aqui foi cartazes que eles fizeram também colocando tudo o que eles viram com relação a esse tema, com relação ao que a gente discutia, esse foi o flyer então que a gente montou aqui contando a história de Belmiro de Miranda, e qual foi o resultado, a gente pegou pra conhecer essa rua, bem central alí próximo a Lagoa, e eles foram de casa em casa batendo palma, conversando com quem morava naquela rua e apresentando o por que do nome daquela rua, e quem era a pessoa que tinha o nome naquela rua, e depois a gente fez uma apresentação na UNICENTRO também com esse trabalho então foi bem bacana, então a gente terminou com, não ao preconceito, não ao racismo e sim a diversidade.

Mas qual o intuito da gente trabalhar as oficinas galera é levar o conhecimento que o *RAP* tem, o *Hip Hop* trabalha contra o opressor e a gente tem que aproveitar isso a gente te m que ta em sala de aula, a gente tem que ta na Universidade a gente tem que ta nos espaços, pra falar da nossa maneira, não é ninguém falando por nós, cada um poder fazer a oficina e falar eu to no *RAP* por isso, eu to no grafite por isso, isso aqui mudou minha vida por isso, por aquilo e fazer a molecada vir e participar, por que ainda fica uma coisa longe, a hora que o V.P.M. cantou quando terminou, mas é os cara mesmo, toquei o som primeiro, levei primeiro a letra dos cara impresso lá pros cara ler, depois levei os cara, os cara chegou humildão pá trocando ideia, o professor mas é eles os cara, é eles os cara o V.P.M. ta no CD tava na coletânea do Sintonia, nossa cara, eles tavam ali cara, veja a diferença pra eles era uma coisa longe e a cidade nossa é, entendeu, então porra isso é gratificante, e eles puderam ouvir dos cara o por que daquela letra, qual a ideia, o por que de se trabalhar com o *Hip Hop*, quais as coisas boas que você pode ter, através dessa cultura.

Esse é o início, nós ta aqui, nós ta estudando, ta se informando mais se instrumentalizando e levando isso pras oficinas, se reconhecendo em quanto participante, não é só o evento lá cantar e ir embora, claro vai ter os momentos, vai ter isso lógico, mas a gente tem que pensar nas ações e o social, nós tamo trabalhando o social, tamo indo fazer uma arrecadação de alimento, um show beneficente, nós tamo indo dança pra ensinar a molecada que não tem a oportunidade de ir numa academia que ensina *Hip Hop*, eu sei todo mundo tem seu dia a dia seu trabalho, seu corre, mas se a gente ta nisso daqui, a gente tem que

tirar um pouquinho pra instrumentalizar, claro isso no meu pensamento, to compartilhando com vocês, e assim até nós ta botando em prática todas essas ideias, ta cada vez mais forte em quanto movimento se reconhecendo em quanto transformador dessa sociedade em que vivemos, seja através da música, da dança, das artes visuais, então vamo incomodar né E5: Vamo incomodar, e aqui tem nós, então nós temos nós e temos espaço pra fazer isso, temos as nossas pernas, a nossa boca pra falar, ir atrás, trazer a molecada no próximo, vamo lá e tal, de repente já ta interessado, já da pra fazer um pouco de break, da pra vim tirar um som, vamo movimentar também, pra não ficar só a reunião, a ideia é quando ficar pronto o cinema as reuniões sejam mais dinâmicas, por que lá tem toda estrutura, tem o telão pra gente curtir um vídeo, a mais hoje o E5 vai tirar um som pra nós curtir aqui, então terminou a reunião, o E5 vai lá tira um som, não hoje vai ter dança, vai lá no palco e faz uma apresentação de dança, hoje nós vamos só ler um texto, compartilhar um texto, por que não, poxa o E5 posta um monte de coisa interessante lá, por que a gente não ouvir ele fazer uma leitura de um texto lá que é mil grau, que é o sobre o que nós precisamos ouvir e aprender.

Letras de RAP

Na Casinha é Assim

Cola no cleytinho,
Fuma um fuminho
Na casinha é só loco e não consta lebrinho
Massagem é pras dona, vem quase sem roupa e vem
Por que gosta conhece os maloca.
Tudo o que já viu, o frevo de mil
Mais chapado que nóis só se for o Tiziu
No carreiro andando, fraguei um bolando
Pra salvar o irmãozinho
Lelinho armado, esperto, ligado
Felipe ao lado e o Nandes parrado
Bocão ta salvado, mais um aliado
Estilo patrão mais flagrante é do Nardo
Se for no pinote então é Juninho
Ta muito errado se pensar que é pertinho
Vai lá no Xarquinho, buscar do tuizinho
Estralhar as castanhas...
Refrão
Na casinha é assim
Os loucos tin tin
Fora essas donas tem outras pra vim
Na casinha é assim
Os loucos tin tin
Secou meu caneco, calibra pra mim (Bis)
Andreique no game
Alisson no break
Geovane, curtida também tão presentes
Dinho fortalece, liga o Rodrigo fazer um improviso
Aqui pros meninos
Meninas seis que, fala o que precisa

Falar com Autieri tem várias na lista
Estatística confirma um sábio dizia, onde tem mano tem frevo
Onde tem frevo tem mina
Mas que improviso, aqui não dizanda
Da Sambra nóis canta e não bota banca
Na nossa galera simplicidade o que gera
Um salve geral pra todas as favelas.
Refrão
Na casinha é assim
Os loucos tin tin
Fora essas donas tem outras pra vim
Na casinha é assim
Os loucos tin tin
Secou meu caneco, calibra pra mim (Bis)

Gravadora independente: Tudo Nosso Produções
Autor e Cantor: Jeffe do V.P.M. (Voluntários pra missão)
Música: Na casinha é assim
Publicada no youtube no dia 12 de dezembro de 2016.

Salomão e seu Reinado

Fuma
Não deixe o toque passar
Tranca as portas
Feche os vidros
E deixe o begue queimar
As verdes entrando confunde os loque
As pretas linda de rosa choque
Os pretos hj de nike Shox
Que cai do céu só chuva,
Corre!!!
Fé,

Amém
De graça mano não vem
Olha os boy observa
Nós que é refém
O pique é louco
Migalha é pouco
Abra os olhos entenda o jogo
De patrão aqui tem pouco
Oque eles querem eu quero em dobro
Eu sei que tem na nova Jerusalém
Do púlpito ao Papa
Faz sorrir tambem
Quem não quer fireblade
Hornet bandida
A cachorra andando
De bundinha erguida
Vem comigo nessa noite excita
Eu quero ver oque você faz com a língua
Do camarote suíte com piscina
Você e suas amigas e minhas fantasias
Dinheiro pra gastar
Um galo para embalar
BLUE lambel para tomar
E os gansos olhando de lado
Sinta o som que o embalo é quente
Ouça seu subconsciente
Libere oque te stressa a mente
Foda-se oque diz da gente
Quero grana assim derrepente
Como o filho do presidente
Informações da bolsa é quente
Um milhão na conta corrente
Hummmmmm

Vem, me chama de amor tô carente
Quero amanhecer na hidro quente
Amanhecendo do seu lado
Loucuras de suar o carro
Salomão e seu reinado
Mil mulheres do meu lado

Composição: NZumba
www.youtube.com/watch?v=17D-gP_dpvg

Moro num Lugar

Pode acreditar, Drew
Amanhece mais um dia do lado leste,
De dentro do opala 77 eu observo o vai e vem e as cachorras, eu sei que tem
Amanhece mais um dia e tudo igual
Nem os tiros da noite passada foram capazes
De tirar a alegria do lugar
Tudo o que eu mais quero agora é encontrar
Com os irmãos que tão tomando pinga no campão
Futebol no domingo é que o vira
Flamengo por aqui já é mania
E eu sou mais um preto na rima
Algum lugar ta ficando embaçado
Alguns caga pau me olham de canto
E tentam atrasar meu lado, eu to ligado
Tome cuidado zé, você ta mexendo com o cachorro errado
Usuário sempre de passagem
Deixa as ruas da vila mais movimentada
As vagabundas se amontoam na esquina
E abaixam a calcinha por algum trocado ou uma pedra de crack quem sabe
Aqui na favela é tudo jogo mano
A moeda que fala mais forte é a cocaína

Revolver, maconha muita correria
A molecada cresce em meio a tudo isso
e não ve a hora de mete uma nove na cintura
e tromba o carro forte na avenida era tudo aquillo que
aquele moleque queria
ter moral na quebrada, alguns manos ao seu lado
come algumas minas não vejo mau nenhum nisso
apenas escolheu o caminho errado
não teve alternativa mandaram pro saco
dizendo isso não pense que não tenho medo da morte
mas não vacilo por que
Refrão
Moro num lugar esquecido da cidade
Zona norte, aonde mora o cara
Sou perigoso sim pode acreditar
Mais um preto pronto pra atirar (2x)
Andando na quebrada, Pinheirinho é periferia
Onde assassinatos são constantes dia e noite
Noite e dia é a chacina por aqui já não é novidade
Basta apenas ser preto e pobre pra morrer com facilidade
Ainda me lembro daquele mano encontrado com diversas
Balas no morro todo ensanguentado com vários tiros no...
E o pior não é aquele que morre
É aquela que sofre, é seu filho que chora
Em saber que agora não tem mais
A vida tão sonhada junto a seu pai
Deus cria a Rone mata
é assim que age a polícia na minha quebrada
sangue bom que não tem a noção
aqui são dez quarterão destruindo a mente do cidadão
que cumpre pena sem ter feito nada
mas mesmo assim foi sem chance foi mandado pra vala,
As situações são resolvidas com o dedo no gatilho

Queima de arquivo, muitos fingem não ver
Mas Uk-Pela ta aqui pra dizer
A polícia só existe para nos foder
Refrão
Moro num lugar esquecido da cidade
Zona norte, aonde mora o cara
Sou perigoso sim pode acreditar
Mais um preto pronto pra atirar (2x)
Se liga aí quem entra em cena é o preto da favela
Conexão mc Tiziu e os manos do Uk-Pela
Se a vida é bela não pra quem vive na favela
Pois os barraco amontoado não tem na novela
Em quanto eles celebram ibope da Rede Globo
Abro a janela e vejo como vive o nosso povo
Aqui não tem empresário não tem mansão com piscina
Aqui a droga miséria o tráfico é quem domina
Tem corpo dentro da vala sangue escorre na viela
Tem tiroteio esfaqueamento, Xarquinho mano é favela
Polícia sobe o morro a procissão do terror
Espancando inocentes matando trabalhador
É foda cara aqui a realidade é cruel
Um pedacinho do inferno esquecido pelo céu
Então eu sou perigoso todos podem acreditar
Cachorro louco do gueto dos becos do Paraná
Falo o que quero o que penso trafico informação
O pesadelo do boy sou eu entrando em ação
A minha rima é veneno e pro sistema é letal
Minha quadrilha é grande e na mente um arsenal
Todo mundo vai curtir ouvir e comentar e a polícia
Vai tremer quando o refrão escutar
Refrão
Moro num lugar esquecido da cidade
Zona norte, aonde mora o cara

Sou perigoso sim pode acreditar
Mais um preto pronto pra atirar (2x)

UK-Pela
Albúm- Todos estão fumando - Ano 2001
www.youtube.com/watch?v=90*DJ*KX_KnBo